



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**AS ABORDAGENS PREVENTIVAS AOS COMPORTAMENTOS  
DESVIANTES: O CASO DE UMA INTERVENÇÃO DE BASE  
TERRITORIAL**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de  
mestre em Serviço Social – Variante de Acompanhamento Social e Inserção

Por

**Sara Mariana Vieira Ferreira Domingues**

Faculdade de Ciências Humanas

Março de 2015



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**AS ABORDAGENS PREVENTIVAS AOS COMPORTAMENTOS  
DESVIANTES: O CASO DE UMA INTERVENÇÃO DE BASE  
TERRITORIAL**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de  
mestre em Serviço Social – Variante de Acompanhamento Social e Inserção

Por

Sara Mariana Vieira Ferreira Domingues

Sob orientação de Professora Doutora Maria Inês Martinho Antunes Amaro

Faculdade de Ciências Humanas

Março de 2015

A presente dissertação surge no âmbito do Mestrado em Serviço Social – vertente de Acompanhamento Social e Inserção, da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. Neste sentido, o presente processo de investigação visa aprofundar as questões relacionadas com os problemas de comportamento dos jovens e ainda, perceber como é que uma intervenção de carácter territorial se poderá revelar como um agente de prevenção dos comportamentos desviantes.

O território alvo da pesquisa é o projeto *EscolhasVa*, que faz parte do programa ESCOLHAS, vocacionado para a inclusão social e escolar de crianças e jovens, localizado no Vale da Amoreira, concelho da Moita. Trata-se de um projeto local que intervêm de à luz dos princípios de intervenção territorializada e em simultâneo, com a lógica de acompanhamento social presente diariamente no acompanhamento que dá aos jovens.

O processo de investigação é orientado de acordo com estratégia abdutiva, pelo que se privilegiam sentimentos, perspetivas e motivações dos atores sociais e jovens alvo da intervenção do projeto. Quanto à análise dos dados recolhidos nas vinte entrevistas realizadas e ainda, nas três narrativas dos jovens optar-se-á pelas técnicas de análise de conteúdo.

**Palavras – Chave:** comportamentos desviantes, fatores de risco, fatores de proteção, prevenção, intervenção territorializada, acompanhamento social.

## **ABSTRACT**

---

This work comes under the Master in Social Work - part of Social Support and Integration, Faculty of Humanities of the Catholic University. In this sense, this research process seeks to explore the issues related to youth behavior problems and also understand how a territorial nature of intervention could prove as an agent for the prevention of delinquency.

The target area of research is the EscolhasVa project, which is part of the ESCOLHAS program, designed for social and educational inclusion of children and young people, located in the Vale da Amoreira, Moita county. This is a local project involved in the light of territorialized intervention principles and simultaneously with the logic of social monitoring this daily monitoring that gives young people.

The investigation process is oriented according to abductive strategy, and it is privilege feelings, perspectives and motivations of social actors and young target of the project intervention. The analysis of data collected in the twenty interviews and even, in the three narratives of young people will be opting for the content analysis techniques.

**Key Words:** deviant behavior, risk factors, protective factors, prevention, intervention territorialized, social support.

*Aos jovens,*  
*Aos técnicos,*

## AGRADECIMENTOS

---

*“Agradecer o bem que recebemos é retribuir um pouco do bem que nos foi feito.”*

*(Augusto Branco)*

À professora Doutora Inês Amaro, pela disponibilidade, presença e partilha de inúmeros conhecimentos contribuindo de forma marcante para o meu crescimento pessoal e profissional.

Aos meus pais, pelo esforço que fizeram ao proporcionar-me a concretização de mais um objetivo de vida. Por me possibilitarem um crescimento diário enquanto pessoa e profissional. Sem dúvida, que eles são os arquitetos daquilo que sou hoje!

Ao João, pela presença diária em todos os momentos da minha vida. Pelo companheirismo, amizade, amor e cumplicidade que nos une.

À Daniela, Amiga de sempre e para sempre! Apesar do seu enorme significado “*obrigado*”, não expressará por inteiro o quanto a tua atenção, amizade, carinho e presença na minha vida significam para mim.

Ao projeto Escolhas do Vale da Amoreira e rede de parceiros que dele faz parte, pela disponibilidade demonstrada em receber-me, sem eles a concretização deste trabalho não seria de todo possível.

A todos os jovens que tive o prazer de conhecer, pela partilha de uma história de vida difícil mas, que me fizeram acreditar que a vida é aquilo que nós fazemos dela.

<b>Índice de Figuras</b>	1
<b>Índice de Tabelas</b>	1
<b>Introdução</b>	2
<b>I. Desvio e Comportamento Desviante: Breve abordagem teórica</b>	7
<b>II. Do risco à proteção</b>	14
2.1. Fatores de risco	
2.1.1. Domínio individual	15
2.1.2. Agentes de socialização primária: família, escola e grupo de pares	16
2.1.3. Agentes de socialização secundária: domínio comunitário	23
2.2. Fatores de proteção	
2.2.1. Domínio individual	24
2.2.2. Agentes de socialização primária: família, escola e grupo de pares	25
2.2.3. Agentes de socialização secundária: domínio comunitário	27
<b>III. A prevenção de comportamentos desviantes: orientações e modelos</b>	29
3.1. Prevenção focada nos fatores de risco	31
3.2. Modelos de prevenção baseados na resiliência	32
<b>IV. Dispositivo de pesquisa e orientações metodológicas</b>	35
<b>V. Resultados</b>	
5.1. EscolhasVa: breve apresentação e contextualização	40
5.2. Breve resenha histórica do EscolhasVa	52
5.3. Dinâmica atual do projeto	57
5.4. Olhar dos atores sociais sobre o projeto	71
<b>VI. Discussão dos resultados</b>	71
<b>VII. Serviço Social: do acompanhamento à prevenção</b>	90
<b>Conclusão</b>	96
<b>Bibliografia</b>	100
<b>Anexos</b>	106





## **ÍNDICE DE FIGURAS**

---

**Figura 1** – Etapas de um programa de prevenção;

**Figura 2** - Principais problemas presentes no Bairro;

**Figura 3** – Intervenção levada a cabo pelo projeto EscolhasVa;

**Figura 4** – Percurso dos jovens no projeto EscolhasVa;

**Figura 5** - Percurso da intervenção rumo à “*escolha positiva*”;

## **ÍNDICE DE TABELAS**

---

**Tabela 1** - Evolução histórica do programa ESCOLHAS a nível nacional;

**Tabela 2** - Atividades desenvolvidas pelo projeto;

**Tabela 3** - Análise SWOT do projeto EscolhasVa;

## **INTRODUÇÃO**

---

Os problemas de comportamento dos jovens, vulgarmente conhecido como delinquência juvenil, e o conceito de desvio começaram a merecer interesse por parte dos investigadores a partir do início do século XIX em alguns países europeus e nos Estados Unidos da América. Em Portugal, esta problemática começou a ter uma maior visibilidade na década de 90, despertando interesse nos vários decisores políticos. Hoje em dia, é notório que a delinquência juvenil e a criminalidade em geral geram sentimentos de insegurança, alimentados em grande medida pelos meios de comunicação social. (Carvalho; 2010)

Ao fazermos uma retrospectiva histórica sobre a juventude, percebemos que os jovens tendem a agrupar-se para partilhar perspetivas, vivências e, consequentemente acabam por organizar sua vida e modelar a sua identidade a partir de muitas experiências vividas nos mais diversos grupos em que estão inseridos. O conceito de desvinculação social proposto por Rosanvallon (1997) apresenta-se como uma das hipóteses explicativas da emergência dos comportamentos desviantes nas sociedades contemporâneas. Hoje, a sociedade atravessa um período de grande transformação, em que o individualismo e o enfraquecimento dos laços sociais pautam o comportamento dos indivíduos e a forma como se posicionam na vida em sociedade.

Nas sociedades atuais, a juventude constrói-se num contexto de profundas transformações culturais, sociais e económicas que podem induzir ruturas várias nas etapas de transição para a idade adulta tornando-se numa condição de risco. (Pais; 2003:37). Deste modo, a juventude enquanto fase da vida, só adquiriu consistência social a partir do momento em que *“entre a infância e a idade adulta, se começou a verificar o prolongamento – com os consequentes problemas sociais daí derivados”*. (Idem). A delinquência dos jovens de hoje representa um problema social que tem vindo a ganhar visibilidade no contexto nacional e internacional. Os contornos desta discussão revelam a complexidade e a multidimensionalidade deste problema, cujo estudo constitui elemento importante na análise das mudanças e dinâmicas sociais num determinado contexto e época. Enquanto conceito socialmente construído por referência a normas, valores, quadros socioculturais e jurídicos de uma sociedade, a delinquência reporta-se aos actos de violação desses quadros praticados por crianças e jovens.

Os termos delinquência e comportamento desviante são frequentemente utilizados como sinónimos, ou ambos para descreverem o mesmo tipo de atos. Porém, o primeiro têm um carácter mais clínico sendo recorrentemente utilizado na investigação clínica e criminológica, uma vez que o termo delinquência reporta-nos para uma designação jurídica, referindo-se à transgressão à lei, enquanto o conceito de comportamento desviante remete-nos para uma perspectiva de carácter mais sociológico sendo mais amplo, referindo-se então à transgressão e violação de normas e regras socialmente aceites por uma determinada comunidade. Deste modo, no presente trabalho de investigação adotar-se-á o conceito de comportamento desviante uma vez que nele estão incluídos todos os comportamentos que violam as normas legais mas também todos aqueles que violam as regras e normas sociais vigentes.

De acordo com Negreiros (2003), a manifestação de comportamentos desviantes aumenta consideravelmente entre os 12 e os 17 anos, verificando-se um decréscimo bastante acentuado no final da adolescência. Tal pode ser explicado, uma vez que a adolescência caracteriza-se por um período de transição na qual ocorrem transformações de carácter físico, social e psíquico, associadas a períodos de vulnerabilidade e incerteza, que poderão levar à experimentação de novos comportamentos.

Refletir acerca desta problemática considerando as configurações atuais da realidade social portuguesa, requer ter presente a diversidade e complexidade de modelos e dinâmicas sociais decorrentes das profundas alterações demográficas, culturais, políticas, económicas e sociais registadas nas últimas décadas. Em Portugal, e de acordo com o Relatório Anual de Segurança Interna (2013), a delinquência juvenil representa *“a prática, por indivíduo comprovadamente menor e com idade compreendida entre os 12 e os 16 anos, de um facto qualificado pela lei como crime”*. De acordo com esta publicação, no ano de 2013 foram registadas 6.513 ocorrências ao nível da criminalidade grupal o que traduz uma diminuição de 787 ocorrências (menos 10,8%) face ao ano de 2012. No que diz respeito à delinquência juvenil, houve também um decréscimo de ocorrências registadas face ao ano 2012, tendo sido contabilizadas 1.940 ocorrências, menos 95 relativamente ao ano anterior.

Consideram-se então como objectivos do trabalho de investigação: compreender quais são os fatores de risco e prevenção, bem como a relação estabelecida entre ambos; compreender os tipos de intervenção existentes, bem como compreender de que forma é que a intervenção de âmbito territorial poderá contribuir para a prevenção de comportamentos desviantes dos jovens.

Com base nos objetivos anteriormente mencionados, levantam-se como questões de investigação, as seguintes: *Quais os fatores de risco? Quais é que serão considerados como factores de prevenção? Em Portugal o que é feito no âmbito da prevenção dos comportamentos desviantes? Quais os princípios de intervenção em que a prevenção se concretiza?*, o que leva a determinar como pergunta de partida:

***“Como se concretiza a prevenção de comportamentos desviantes no âmbito da intervenção territorializada?”***

Tal como anteriormente foi referido, os problemas de comportamento dos jovens têm vindo a ganhar alguma notoriedade nos meios de comunicação social, tratando-se de um “novo problema social” que deixou de estar associado a zonas de vulnerabilidade e exclusão, estendendo-se agora a vários pontos e estratos da sociedade portuguesa. Considerada como uma nova problemática, é necessário repensar papéis e definir estratégias que permitam em larga medida repensar todo o trabalho que tem vindo a ser feito com vista à sua prevenção.

Para a concretização da presente dissertação, procurou-se definir um campo de recolha de dados onde fosse possível articular as aprendizagens realizadas na componente teórica do Mestrado em Acompanhamento Social e Inserção. Define-se então o projeto EscolhasVa (do programa ESCOLHAS) localizado no concelho da Moita, freguesia do Vale da Amoreia, por se tratar de um projeto de intervenção no território, onde a lógica do acompanhamento social é parte integrante do trabalho levado a cabo por toda a equipa e rede de parceiros. Neste sentido, para além de permitir a resposta aos objetivos de investigação, permite ainda reflectir sobre a prática profissional dos profissionais de Serviço Social neste contexto de intervenção, uma vez que atualmente, o Serviço Social deve ser visto como uma esfera de ação que responda às realidades sociais e não como um conjunto imutável de funções e estratégias. A criação do programa ESCOLHAS deveu-se essencialmente à necessidade de criação de *“uma resposta proactiva de prevenção da*

*delinquência juvenil e inserção dos jovens que potencialmente se encontram a caminho da marginalidade e exclusão*”<sup>1</sup>. Delimitado o campo de recolha de dados a um projeto, permitirá aprofundar os mecanismos que levam à emergência dos comportamentos desviantes e, em simultâneo compreender a intervenção territorializada enquanto prática preventiva.

Relativamente à estrutura da presente dissertação, a mesma é composta por sete capítulos. Quanto à organização do presente trabalho de investigação, os capítulos I a III correspondem ao enquadramento teórico do presente trabalho de investigação; o capítulo I diz respeito ao dispositivo de pesquisa e orientações metodológicas; o capítulo V à apresentação dos resultados e, por último, o capítulo VII ao Serviço Social: do acompanhamento à prevenção.

No **capítulo I**, será abordado o conceito de desvio e comportamento desviantes, de acordo com as correntes sociológicas que mais contributos têm nesta área, nomeadamente: Durkheim, Merton e Cohen (1955). Serão ainda abordados alguns contributos de diversas teorias que procuram explicar a génese, manifestação e frequência dos comportamentos desviantes, tais como: a teoria da rotulagem, a teoria da aprendizagem social e ainda, a teoria do vínculo social. Seguidamente, no **capítulo II**, serão abordados os fatores de risco e de prevenção dos comportamentos desviantes. A sua abordagem será feita agrupando-os ambos em três domínios, nomeadamente: domínio individual, agentes de socialização primária (família, escola e grupo de pares) e ainda, agentes de socialização secundária (comunidade) Na parte final enquadramento teórico, **no capítulo III**, será a abordado a prevenção dos comportamentos desviantes, onde será feita referência às orientações internacionais deste âmbito e também, os principais modelos de prevenção existentes.

O **capítulo IV** incide no dispositivo de pesquisa e respetivas orientações metodológicas, sendo que o desenvolvimento do presente trabalho de investigação tem como base os princípios orientadores de uma lógica de investigação abductiva, conjugada simultaneamente com a metodologia de recolha de dados qualitativa.

O **capítulo V** corresponde à apresentação dos resultados obtidos, com base na informação recolhida durante o processo de investigação. Inicialmente será realizada uma breve apresentação e contextualização do projeto EscolhasVa, seguindo-se de uma breve caracterização histórica do mesmo para que possa ser possível compreender o seu percurso

---

<sup>1</sup> Fonte: Resolução do Conselho de Ministros 4/2001, fundamenta a criação do programa ESCOLHAS.

e intervenção levada a cabo junto dos jovens e da própria comunidade. Seguidamente, procura-se expor a dinâmica atual de funcionamento do mesmo, e dando a conhecer as atividades desenvolvidas, quais as áreas de maior investimento, objetivos e necessidades de intervenção a que procura responder.

Posteriormente, no **capítulo VI** será feita a discussão dos resultados apresentados no capítulo V.

Para terminar, no **capítulo VI** realizar-se-á uma reflexão acerca da articulação entre o tema do presente trabalho de investigação com o Mestrado em Acompanhamento Social e Inserção. Neste sentido, tem-se como ponto de partida a definição de Serviço Social, sendo que posteriormente serão considerados para a respetiva reflexão os princípios da lógica de acompanhamento social, contributos sobre a intervenção territorializada e ainda, os contributos da prática de empowerment.

## **I. DESVIO E COMPORTAMENTO DESVIANTE: BREVE ABORDAGEM TEÓRICA**

---

Considerando que a adolescência é um período de grandes incertezas e inquietações, decorrentes dos diversos estádios pelas quais o jovem tem de passar, o que acontece muitas vezes é que o adolescente desafia algumas regras e normas, criando conflitos nas relações. O estudo do comportamento, mais concretamente do que se designa por comportamento desviante representa um dos maiores desafios dos investigadores sociais desde o século XIX.

José Machado Pais (2003), na sua obra *Culturas Juvenis*, apresenta-nos o conceito de cultura juvenil considerando-o como um sistema de valores, crenças, normas, símbolos e práticas aos quais jovens de diferentes meios e condições sociais aderem e partilham entre si. De acordo com o autor, as culturas juvenis podem ser compreendidas de acordo com duas correntes distintas, nomeadamente: a geracional e a classista.

A corrente geracional destaca o aspeto unitário da juventude, entendendo-a como uma ‘fase da vida’. Aqui, cultura juvenil define-se pela relativa oposição à cultura das gerações anteriores. Em consequência, tende-se a atribuir à delinquência juvenil o desajustamento dos jovens ao comportamento preconizado pelos mais velhos já que em cada geração é possível identificar correntes de jovens que aceitam o que existe socialmente (tradições, instituições, etc.) e os que se opõem. (Pais, 2003)

A corrente classista interpreta a juventude a partir da reprodução social entendida em termos da reprodução de classes, sendo a transição para a vida adulta determinada pelas desigualdades sociais. Aqui as culturas juvenis são apresentadas como ‘culturas de resistência’, isto é, negociadas num contexto determinado pelas relações de classe. Para Pais (2003), em ambas correntes o conceito de cultura juvenil está associado ao de ‘cultura dominante’, pois a primeira caracteriza-se pela oposição à cultura dominante das gerações mais velhas e outra pela resistência à cultura da classe dominante. Assim, nas duas correntes, o conceito de cultura juvenil caracteriza-se como subcultura e como procedimento de internalização de normas nos processos de socialização. Como este autor, entendemos que a análise sociológica deve transitar entre as duas correntes (e seus diversos

autores) de modo a abarcar os seus diversos aspetos -não excludentes -no sentido de captar a complexidade do fenómeno genericamente denominado ‘juventude’.

Curra (2010) afirma que o desvio não existe no vazio, não podendo ser dissociado do contexto social em que ocorre, uma vez que onde existem normas existe desvio. Simões (2007, p. 226), apoiando-se numa perspectiva sociológica, refere que o desvio *“depende dos valores, normas, princípios éticos ou legais válidos na sociedade e na cultura na qual o indivíduo se insere”*.

A noção de desvio foi durante algum tempo objeto de estudo por parte de alguns sociólogos que pretendiam explicá-lo tendo em conta a vida em sociedade, nomeadamente por Durkheim e Merton. Contudo, as primeiras explicações revelaram que a sua origem estaria relacionada com características biológicas, considerando que alguns indivíduos possuíam traços inatos que seriam a fonte do crime e do desvio. Deste modo, o conceito de desvio corresponde às condutas que transgridem as normas de uma determinada sociedade e, à ausência ou falta de conformidade face às normas ou obrigações sociais que se estabelecem como válidas (Giddens; 2007).

Durkheim, um dos fundadores da Sociologia, afirmava que, nas sociedades modernas, as normas e os modelos tradicionais desaparecem, sem que haja substituição destas. Neste sentido, recorre ao conceito de anomia para explicar a inexistência de modelos de comportamento claramente definidos a ter em conta numa determinada área da vida em sociedade. Segundo o autor, o crime e o desvio apresentam-se ambos como factos sociais, inevitáveis e essenciais das sociedades modernas, *“uma vez que as pessoas no mundo moderno sentem-se menos coagidas do que nas sociedades tradicionais (...) por esta razão existe mais margem de manobra para a liberdade de escolha nas sociedades modernas”* (Giddens, 2007:209) Neste sentido, pode-se definir desvio *“como o que não está em conformidade com determinado conjunto de normas aceite por um número significativo de pessoas de uma comunidade ou sociedade.”* (idem) Porém, desvio e crime não são conceitos sinónimos, sobrepondo-se algumas vezes. Importa destacar que o conceito de desvio é mais amplo que o de crime, *“que se refere à conduta que viola uma lei”*. (idem)

Considerando a sua perspetiva, a anomia designa, em sentido lato, a desvinculação ou a falta de adesão aos valores, enquanto no plano das representações significa a desagregação dos valores e a ausência de referências e no das relações humanas, remete



para a desagregação das relações sociais. De acordo com Durkheim, o desvio é necessário para a sociedade, uma vez que desempenha duas funções importantes, nomeadamente: uma função adaptativa e uma função de manutenção de limites. Enquanto função adaptativa, o desvio funciona como uma força impulsionadora da mudança através da introdução de novas ideias e desafios na sociedade, promovendo a manutenção dos limites entre comportamentos “bons” e “maus” na sociedade.

O conceito de anomia, em Merton, surge na linha de pensamento durkheimiana de anomia que afirma que uma sociedade anômica é aquela que vive privada de normas, referindo-se então à pressão que a sociedade impõe aos jovens para que se comportem, de forma desviante, quando as normas e a realidade social entram em conflito. De acordo com a sua perspetiva, o desvio representa uma consequência das desigualdades económicas e da ausência de iguais oportunidades. De acordo com o autor, *“o comportamento desviante pode ser considerado, sociologicamente, como um sintoma da dissociação entre objetivos culturalmente prescritos e os caminhos socialmente estruturados”*. Em síntese, para Merton a anomia e os comportamentos desviantes não são mais do que a consequência deste estado de desfazamento, que coloca os membros da sociedade em situações de desequilíbrio e de eventual conflito

Posteriormente, outros autores para além de Durkheim e Merton, associaram o desvio a pequenos grupos subculturais que encorajavam ou recompensavam os comportamentos delituosos manifestados. Destaca-se deste modo, a perspetiva de Albert Cohen, que na sua obra *Delinquent Boys (1955)*, aborda o conceito de subculturas delinquentes que *“rejeitavam os valores da classe média e substituem-nos por normas que celebram o desafio, como a delinquência e outro atos de não-conformidade”* (Giddens; 2007:211). Na opinião do autor, a estrutura da própria sociedade, a cultura e a organização social criam problemas de adaptação que levam estes jovens a acionar diferentes estratégias para enfrentar problemas. Quando, no quadro da sociedade convencional, os indivíduos não conseguem ocupar posições de destaque, rejeitam os aspetos da cultura que lhes parecem despropositados e tentam criar normas e valores mais adequados, ainda que muitos desses valores e normas possam ser desviantes. Por outro lado e já que estes indivíduos procuram a realização pessoal, a aceitação e reconhecimento público, assim como a mudança de estatuto, são obrigados a desenvolver uma ação coletiva e a partilhar os mesmos problemas e ideais com aqueles que ocupam posições semelhantes. Ao

enveredarem pelo caminho do desvio e delinquência, estes jovens dão origem a uma subcultura desviante, que mais não é que “*um caso particular de uma solução coletiva para um problema comum*”. (Cohen, 1971:213). Além disso, “*é a sua qualidade subcultural que permite que a delinquência cumpra as suas funções. Se o seu significado não fosse partilhado e reforçado por uma comunidade de indivíduos que partilham os mesmos pontos de vista, faltaria-lhe o aval de legitimidade e a delinquência não poderia funcionar*”. (Cohen, 1971:213).

Paralelamente a estes autores, Becker debruçou-se também sobre o conceito de desvio, definindo-o como um fenómeno construído socialmente, como resultado de um julgamento feito a propósito de uma conduta ou comportamento considerado desviante. Portanto, o desvio não é uma qualidade intrínseca ao acto praticado, nem uma propriedade inerente a um comportamento, mas a consequência do ajustamento realizado pelos outros relativamente às regras não respeitadas (Becker, 1973).

A Teoria da Rotulagem é outro importante contributo que permite compreender a génese dos comportamentos desviantes, considerando os princípios desta teoria, o desvio não é visto como um conjunto de características de um indivíduo ou grupo, mas sim como um processo de interação entre aqueles que se desviam e os que o não fazem. Deste modo, para ser possível perceber a natureza do próprio desvio é necessário descobrir a razão por que determinadas pessoas ficam marcadas com um rótulo de “desvio”. Assim, o comportamento desviante é analisado como um processo interativo e sequencial, isto é, inicialmente é cometido um primeiro ato desviante (dito primário), sendo seguidamente objeto de uma etiquetagem (estigmatização), primeiro pelos mais próximos (famílias, grupos de pares etc.) e depois pelas instâncias de controlo social. Esta estigmatização produz dois efeitos, por um lado ela conduz o interessado a interiorizar a imagem de si mesmo, que lhe é devolvida pela sociedade, definindo-se assim a si próprio como desviante. Por outro lado ela limita as suas possibilidades de continuar a agir dentro do quadro legal. A rotulagem tem consequências importantes, não só em termos de uma participação social posterior como na definição da própria imagem do sujeito etiquetado. Ao ser classificado dessa forma, o jovem sente-se imposto a reestruturar a sua identidade de modo a adequá-la ao seu novo estatuto social, de desviante. Esta nova identidade, impede o jovem de participar em todas as atividades organizadas pelos grupos conformistas e obriga-o a desenvolver um comportamento desviante, não porque este esteja inscrito no seu carácter, mas porque o desvio se tornou uma forma de reação às

pressões exercidas pelos grupos conformistas. Assim, esta rotulagem confere um estatuto desvalorizado ao sujeito, sendo responsável pelo seu isolamento social e diminuição de oportunidades legítimas, obrigando-o, por isso, a prosseguir um percurso desviante

Os comportamentos desviantes também podem ser entendidos como *“todos os comportamentos problemáticos que se manifestam no decurso de transição dos jovens para a vida adulta, sendo entendidos como comportamentos de quebra de condutas sociais convencionais que o indivíduo manifesta decorrentes de um processo de socialização juvenil”* (Carvalho, 2003: 27).

A teoria da aprendizagem social de Bandura permite-nos perceber a génese dos comportamentos desviantes, destacando a ideia de que grande parte das aprendizagens ocorre no contexto social do indivíduo. Ao observar os outros, estes jovens adquirem conhecimentos acerca das regras, competências, crenças e atitudes. Em simultâneo, aprendem também a adequar os seus comportamentos e atitudes, através da observação de outros modelos de comportamento, podendo então vir a adequar os seus comportamentos de acordo com as suas crenças e valores. Bandura, define a aprendizagem como um processo mental interno, que pode ou não ter reflexos na mudança do comportamento imediato do indivíduo. De acordo com o autor, os indivíduos aprendem observando os outros, através da modelagem. Este mecanismo representa as mudanças comportamentais, cognitivas e afetivas decorrentes da observação de um ou mais modelos. A resposta do indivíduo à modelagem de comportamentos é determinada por três fatores específicos, tais como: a) os atributos particulares do modelo, tais como a sua relevância e credibilidade para o observador; b) o prestígio do modelo; c) a satisfação já presentes na situação em que o comportamento está a ser modelado. Um outro determinante da eficácia dos modelos é a natureza do próprio observador, neste caso do jovem, uma vez que indivíduos com uma pobre autoestima e autoconfiança são mais propensos a adotar o comportamento dos modelos observados. Porém, a principal reivindicação da modelagem é que, para que ocorra uma alteração nos padrões comportamentais do sujeito, não é obrigatoriamente necessário que este resulte de uma experiência direta de comportamento, bastando para isso a observação dos outros, dos seus comportamentos e dos resultados que deles advém. Em suma, a teoria da aprendizagem social de Bandura enfatiza a importância de observar e modelar os comportamentos, atitudes e reações emocionais dos outros. (Bandura, 1971)

A teoria da regulação social, também vulgarmente designada por teoria do "vínculo social", de Hirschi (2009), enquadra-se no campo das abordagens psicossociais, centradas

na explicação do processo de produção dos comportamentos desviantes, e em simultâneo como a teoria que maiores contributos dá ao nível da influência das estruturas de socialização nos processos de génese e produção da delinquência e comportamentos desviantes. (Coelho; 2010:75) Na sua obra *Causes of Delinquency* (2009, Hirshi afirma que quanto mais sólidos forem os laços que o jovem possui com a sociedade e quanto maior for a sua conformidade e consenso para com a mesma, menos será a tendência para contrariar as normas sociais vigentes. Contrariamente a isto, a marcada ausência de laços e de uma forte vinculação à sociedade (nomeadamente com os pais e o grupo de pares) poderá dotar o jovem de uma maior predisposição para a prática de atos desviantes. Apego (*attachment*), empenho (*commitment*), envolvimento (*involvement*) e crença (*belief*) representam os quatro elementos principais da vinculação social do jovem à sociedade.

O apego diz respeito ao elemento emocional do vínculo. Traduz a interiorização das normas e é visível na preocupação com as opiniões, desejos e expectativas dos outros. A insensibilidade ao que os outros desejam e esperam traduzirá deste modo a não vinculação pela norma e uma maior disponibilidade para a manifestação de comportamentos desviantes. O contexto familiar é a fonte do apego uma vez que os pais funcionam como modelos e ensinam aos filhos comportamentos socialmente aceitáveis.

O empenho corresponde à componente racional da conformidade, correspondendo ao cálculo custos-ganhos da decisão de cometer ou não um ato desviantes. Quanto maior for o investimento de um jovem num percurso de vida convencional (pró-social), maior serão as gratificações daí obtidas menos ganhos perspectiva na ação desviante. O desinvestimento dos jovens na inserção escolar e no desenvolvimento de uma carreira profissional e a não identificação de objetivos para o futuro revelam probabilidades destes se envolverem em práticas desviantes. (Coelho; 2010; 75) (Hirchi: 2009: 20-21)

O envolvimento representa o investimento, em termos de energia e tempo, num percurso convencional, pressupondo-se que quanto maior for este investimento menor é probabilidade e a oportunidade de envolvimento em atos desviantes.

Por último, crença traduz o grau de respeito dos indivíduos pelas normas convencionais, traduzindo a aceitação do sistema de valores partilhado pela sociedade. Neste sentido, Quanto maior vinculação destes jovens às regras, menor é a probabilidade de as violarem essas mesmas normas e regras.

De acordo com a perspectiva de Coelho (2010:38), *“o comportamento desviante enquadra-se numa abordagem predominantemente sociológica e é entendido como um comportamento que envolve uma transgressão ou violação de normas e expectativas sociais, sendo a sua classificação como tal efetuada por um grupo de indivíduos ou pela comunidade”*. O comportamento desviante varia em função da estrutura social na qual o indivíduo se encontra inserido, dos valores e normas (que legais quer éticas) nele vigente.

Farrington e Loeber (2003), verbalizam que a maioria dos nossos conhecimentos atuais sobre o comportamento desviante resulta de estudos longitudinais desenvolvidos nas últimas quatro décadas.

## **II. DO RISCO À PROTEÇÃO**

---

Um jovem desviante é considerado um indivíduo exposto a inúmeros fatores de risco, os quais podem ser definidos como aspetos que se constituem em dificuldades ou problemas para o jovem, influenciando assim o aparecimento de comportamentos de risco e desviantes. Neste sentido, *“a delinquência, tal como a maioria dos comportamentos humanos, é multifatorial, pelo que uma abordagem longitudinal tem a vantagem de fornecer informações importantes sobre a evolução e estabilidade dos comportamentos e, sobretudo, sobre os fatores de risco que são mais importantes nas diversas etapas de vida dos jovens.”* (Fernandes; 2010:111)

Durante alguns anos, têm sido realizadas algumas investigações a fim de descobrir quais os fatores de risco que contribuem para a manifestação de comportamentos desviantes e quais os que têm um maior impacto sobre a vida destes jovens. Determinar os principais fatores de risco é a chave para o estabelecimento de programas de intervenção bem-sucedidos que mantêm estes jovens longe da delinquência, ou de reincidirem novamente nas malhas da delinquência.

Farrington (2006) define fatores de risco como os responsáveis pelo início, persistência, frequência e duração dos comportamentos desviantes. Jenson et al. (2005) usam o termo fator de risco para descrever qualquer evento, condição ou experiência que aumenta a probabilidade de formação e manutenção de um problema. De acordo com a perspetiva deste autor, reconhece-se que a presença de um ou mais fatores de risco na vida destes jovens aumenta a probabilidade de formação e manifestação de um problema de comportamento no futuro. Em síntese, os fatores de risco *“devem entender-se como antecedentes e determinantes da manifestação de comportamentos de risco”* (Nunes; 2010:68)

Os fatores de proteção podem definir-se como os recursos internos e externos que suportam o desenvolvimento de respostas positivas, face a adversidade e risco a que estão expostos (Fraser, 2004). Podem ser vistos como uma variável que interage com os fatores de risco minimizando o efeito à sua exposição (Farrington, 2000). Neste sentido, os fatores de proteção desempenham um papel essencial no âmbito da identificação e desenvolvimento de estratégias de intervenção eficazes, tendo em conta que a proporção de

fatores de risco e proteção tem uma influência significativa sob os comportamentos desviantes. Na presença de fatores de proteção, um jovem que se encontre exposto a múltiplos fatores de risco, vê desta forma reduzida o seu envolvimento em comportamentos desviantes (Wasserman et al, 2003; Farrington & Welsh, 2007).

Jenson (2010) considera os fatores de proteção como um agente “*catalisador*” face à exposição ao risco. Segundo o autor, os fatores de proteção assumem um papel fundamental, uma vez que: (a) reduzem ou atenuam o impacto do risco na vida destes jovens, (b) interrompem a cadeia de fatores de risco presentes na vida do jovem (por exemplo, rejeição de pares que contribuirá para o envolvimento futuro com pares antissociais e posteriormente delinquência), e c) impedem ou bloqueiam o aparecimento de um ou mais fatores de risco.

Fonseca (2010) verbaliza que “*os comportamentos antissociais apresentam uma estabilidade temporal (...) e particularidade relativamente à frequência, especificidade, duração e gravidade (...) o que nos permite falar em preditores de comportamentos delinquentes, isto é, um conjunto de fatores presentes a determinada altura, que possibilitam prever, com maior ou menor probabilidade, a possibilidade de surgirem futuros comportamentos delinquentes, que, como é óbvio, estarão dependentes das experiências / vivências do jovem ao longo do seu processo evolutivo.*”

Shader (2003) e Fraser (2004), após várias pesquisas, procederam ao agrupamento dos diversos fatores de risco e proteção em três sistemas, designadamente: individual, social e comunitário, que irão ser abordados individualmente no capítulo seguinte. Os fatores de nível individual incluem as características psicológicas, psicossociais, biológicas e ainda as características mentais de cada jovem. Os agentes de socialização primária onde estão incluídos o contexto familiar, escolar e o grupo de pares e por último, os agentes de socialização secundária onde está incluída a comunidade.

## **2.1. Fatores de risco**

### **2.1.1. Domínio individual**

Tal como anteriormente referido, o domínio individual inclui as características psicológicas, psicossociais, biológicas e mentais de cada criança e jovem desviante. Neste sentido, os factos de risco de domínio individual que contribuem para a manifestação de comportamentos delinquentes encontram-se representados por: baixa inteligência, baixos

níveis de escolaridade, personalidade e temperamento, impulsividade e hiperatividade, e manifestação precoce de comportamentos de risco.

De acordo com Fraser e colegas (2004), existe uma relação entre o baixo QI e o comportamento agressivo, antissocial e delinquente. Farrington (2006), num dos seus estudos longitudinais verificou que a baixa inteligência e o fraco desempenho escolar são fortes preditores de comportamentos desviantes.

Farrington (2006) afirma que a impulsividade é a dimensão mais importante da personalidade que prevê a manifestação de comportamentos desviantes futuros. Em simultâneo, existe uma série de construções relativas à fraca capacidade de controlar o comportamento, nomeadamente: impulsividade, hiperatividade, agitação, não consideração das consequências antes de qualquer comportamento e falta de horizontes / objetivos de curto prazo. A forma como estes jovens expressam toda a gama de emoções, especialmente a frustração e raiva pode também contribuir para a manifestação de comportamentos desviantes. Um jovem com um temperamento difícil, caracterizado por irritabilidade, baixa resposta a responsabilidade e autoridade, e adaptabilidade pobre representa um fator de risco importante na génese e manifestação de comportamentos desviantes (Farrington & Welsh, 2007).

A presença de hiperatividade está vinculada com a possibilidade de desenvolver comportamentos desviantes prematuramente, assim como, com uma maior probabilidade de reincidência na criminalidade uma vez iniciada a vida adulta. (Farrington et al., 1990).

### **2.1.2. Agentes de socialização primária: família, escola e grupo de pares**

Ao olharmos para a juventude de hoje, percebemos que os jovens tendem a agrupar-se para partilhar expectativas, vivências e, por consequência acabam por organizar a sua vida, moldar a sua identidade, com base nas mais variadas experiências que vivem nos diversos grupos nos quais estão inseridos. Neste sentido, o contexto familiar, o grupo de pares, o contexto escolar e a própria comunidade, assumem aqui um papel muito importante na socialização destes jovens. Assim, e para tornar mais clara a abordagem dos factores de risco e de prevenção, opta-se por agrupar estes contextos de socialização em dois grupos, designadamente: agentes de socialização primária: família, escola e grupo de pares e os agentes de socialização secundária onde se encontra a respetiva comunidade.



A estrutura familiar é uma das influências mais potentes sobre o desenvolvimento juvenil. Normas, valores, modelos de comportamento e outras impressões emergem da unidade familiar, sendo responsáveis pela criação da própria personalidade de cada jovem, nomeadamente a nível das crenças e atitudes. É no seio familiar que as crianças e jovens recebem a maior parte de suas informações sobre como interagir com outras pessoas e como interagir na sociedade. Famílias que partilham o conformismo com as normas partilhadas pela sociedade, instruem os seus membros sobre como interagir com normas funcionais de comportamento, enquanto ambientes familiares com algumas dificuldades de adaptação e aceitação às normas e regras partilhadas pela sociedade, poderão instruir os seus membros com normas disfuncionais de interação. Em suma, a família representa uma chave central no desenvolvimento e socialização das crianças e jovens. Neste sentido, ela pode ser vista como o lugar onde os seus membros cuidam uns dos outros, promovendo mutuamente formas de desenvolvimento e crescimento saudável.

Tal como outros agentes de socialização, o contexto familiar está profundamente influenciado pelo contexto económico, político e social no qual está inserido.

A relação entre pais e filhos tem sido relacionada com os comportamentos dos jovens. A grande maioria dos estudos sobre a família e os comportamentos desviantes tem apontado a família como sendo um dos fatores que maior peso terá na génese, manifestação e frequência dos comportamentos desviantes. Neste sentido, Farrington (2006) agrupa os fatores de risco familiares em cinco categorias, nomeadamente: a) pais antissociais e com antecedentes criminais; b) família numerosa (segundo o autor refere-se a uma família com um número alargado de crianças); c) educação parental (onde se inclui a baixa supervisão parental, baixa disciplina, rejeição e pouco envolvimento entre pais - filhos); d) abuso (físico e sexual) e negligência; e) famílias disfuncionais.

Jovens com pais antissociais e com antecedentes criminais, por si só, podem estar propensos ao envolvimento em atividades desviantes em comparação com jovens cujos pais não tem qualquer ligação com atividades criminosas (Farrington, 2006).

Segundo Farrington (2006), geralmente, um elevado número de crianças e jovens no seio família poderá contribuir para uma diminuição a quantidade de atenção dada por parte dos pais a cada um dos filhos, o que poderá levar a algumas implicações na própria supervisão parental. Em simultâneo, com o aumento do número de crianças, os espaços

domésticos podem tornar-se espaços mais ocupados, levando a um aumento da irritação, frustração e conflitos entre crianças. Os pais que não sabem onde estão os seus filhos quando eles estão fora, e os pais que permitem que seus filhos vivam sem uma supervisão precoce tendem a ter filhos que se envolvam em práticas desviantes. Neste sentido, Farrington e Welsh (2007) referem que a falta de acompanhamento e supervisão parental aumenta a probabilidade de um jovem desenvolver padrões de comportamento agressivo e violento durante a adolescência.

As diversas formas educativas utilizadas pelos pais durante o desenvolvimento da criança até à adolescência podem representar um importante fator de risco na manifestação do comportamento desviante. Destacam-se os mais importantes, nomeadamente: a supervisão e acompanhamento dos filhos, disciplina e reforço parental, relações e envolvimento entre pais – filhos (Farrington, 2006). De todos eles, a baixa supervisão parental assume-se como um dos fatores de risco mais fortes. A disciplina parental refere-se à forma como os pais reagem face a um comportamento do filho. Torna-se claro que uma repreensão punitiva e mais severa (incluído punição física) poderá contribuir em larga medida para a manifestação de comportamentos agressivos e desviantes (Farrington, 2006). Em suma, as bases de comunicação e monitorização parental funcionam como protetores sociais contra o envolvimento em comportamentos de risco. Ao invés, os jovens que apresentam um fraco sentido de eficácia e de autorregulação não são apenas menos bem-sucedidos em suportar a pressão dos amigos desviantes, mas são relutantes em debater as suas ações desviantes com os seus pais. Desta forma, pode-se concluir que uma fraca monitorização parental e baixo suporte de comunicação desempenham um papel facilitador das atividades delinquentes. Patterson (1982, 1986) revela que as crianças socializadas neste tipo de ambiente familiar, aprendem a usar métodos agressivos para influenciar os outros, enquanto as habilidades socialmente mais adequados não são modelados e reforçados pelos próprios pais. Simultaneamente, um estilo parental pautado pela coercividade tem uma implicação direta nos traços de personalidade mais negativos do jovem, influenciando assim a manifestação de comportamentos desviantes. Deste modo, os pais que não reforçam os comportamentos positivos e pró-sociais do jovem e que não sancionam os desvios cometidos por este, levando a que a relação entre ambos seja fraca, propiciam a manifestação de comportamentos desviantes.

A estrutura familiar diz respeito à forma como a família se constitui. Porém, muitos destes jovens residem apenas com uma figura parental, onde a estrutura familiar está pouco clara e coesa, apresentando assim alguns traços de disfuncionalidade. Crises e mudanças familiares, refletem-se na qualidade das relações familiares, o que se relaciona em simultâneo com o aparecimento de comportamentos desviantes. É evidente que ruturas na vida familiar como por exemplo, a alteração de residência, separação ou divórcio dos pais e ainda, conflitos familiares aumentam a pressão sentida pelos jovens, acabando por “empurrá-los” para as práticas desviantes. Patterson (1989), afirma que os fatores de risco com potencial fonte de stress no jovem como o desemprego, violência familiar, desacordo conjugal e divórcio, estão todos eles relacionados com os comportamentos desviantes. Todos estes fatores, poem em causa as práticas parentais, que poderão deste modo colocar a criança ou jovem em risco, causando-lhes dificuldades de ajustamento face a situações de adversidade.

Farrington (2006) afirma que jovens que foram separados de uma das figuras parentais de referência o que fazem parte de uma família com traços de disfuncionalidade, encontram-se mais expostos ao risco dos comportamentos desviantes, face a jovens em que não se registam alterações da estrutura familiar. Numa família disfuncional poderão vir a existir lacunas nos processos de socialização e interiorização de normas que se repercutirá pela vida fora. Muitas das vezes as normas destas famílias contrariam as normas sociais, podendo estar inerentes diversas condutas antissociais como roubos, furtos, consumos, tráfico, maus tratos/violência doméstica. Deste modo, se um pai age de uma maneira negativa, o mais provável é que a criança ou jovem siga a atitude negativa dos pais, estando assim mais propenso a generalizar essa atitude para o resto da sociedade.

Considerando os princípios da teoria da aprendizagem social, que afirma que o comportamento das crianças (que mais tarde poderão tornar-se em jovens com problemas de comportamento) está dependente das recompensas e punições dos pais a esses mesmos comportamentos. Neste sentido, as crianças tendem a tornar-se jovens delinquentes no futuro se os pais não conseguirem dar uma resposta consistente aos seus comportamentos anti-sociais e se, também eles pais se comportarem de uma forma antissocial, uma vez que, *“a ausência de regras no sistema familiar, seja ao nível das condições estruturais, dos modelos desviantes, dos laços afetivos e das coerções (...) manifesta-se pela rebelião na*

*família, a qual (...) acompanha e suporta a conduta delinquente.” (Le Blanc & Janosz, 2002:49*

O dia-a-dia escolar dos jovens, é caracterizado pela multiplicidade de vivências sociais que o revestem, que podem ir desde as relações formais de ensino-aprendizagem entre professor-aluno a relações menos formais que resultam de interações nas relações entre pares (Amado & Freire, 2009). Estas vivências e relações, que constituem o quotidiano escolar, afetam o clima psicossocial do mesmo, quer de forma positiva, quando as relações são assinaladas como positivas e adaptativas, quer de forma negativa ou desadaptativa, quando são revestidas de comportamentos disruptivos ou de violência.

Quando a ligação pai – filho é fraca, e onde não existe uma transmissão de valores pró-sociais, é natural emergirem dificuldades escolares. Estas dificuldades, levam a rejeição por parte dos colegas convencionais, o que posteriormente deriva na associação com pares desviantes.

Olhando especificamente para os fatores de risco de cariz escolar, Farrington e Loeber (2000) destacam que as dificuldades cognitivas, o baixo envolvimento escolar, a ausência de atividades extracurriculares, o absentismo escolar, ou a reduzida atratividade dos conteúdos letivos podem ser vistos como fatores de risco para a manifestação de comportamentos desviantes.

Os outros têm um importante papel na definição da identidade: o jovem vê refletido no seu grupo de amigos uma parte da sua identidade e preocupa-se muito com a opinião dos mesmos acerca de si. Por vezes, procura amigos com "maneiras de estar" divergentes daquela em que cresceu, de forma a poder pôr em causa os valores dos pais. O grupo permite um jogo de identificações e a partilha de segredos e experiências essenciais para o desenvolvimento da personalidade.

As relações interpessoais têm grande importância ao longo da vida, especialmente para o bem-estar psicológico dos jovens. Os sentimentos de bem-estar durante a adolescência estão associados à aceitação e integração no grupo de pares. Assim, *“a delinquência acaba por ser o resultado de um processo de conformidade às normas e expectativas do grupo, tendo os sujeitos a tendência para se associarem a indivíduos com quem possam partilhar essas normas (...) e experiências similares.”* (Martins e Gomes; 2011:p.69 )

A parentalidade, ou melhor, a forma como a parentalidade é exercida tem implicações diretas na associação dos jovens aos seus pares. Os adolescentes desenvolvem

a sua autoimagem através da percepção que os outros têm de si. Face a isto, uma relação negativa com os pares pode dificultar esse desenvolvimento, e resultar num possível desajustamento social. Porém, estes grupos aos quais estes jovens se associam, possuem algumas características todas elas relacionadas com os comportamentos desviantes, tais como: a) papéis dos seus membros pouco claros; b) coesão limitada; c) consenso e normas em níveis mínimos; d) distúrbios na liderança e, e) definição de expectativas limitadas por parte dos seus membros. emocional, que possivelmente os conduzirá a atos delinquentes.

No que diz respeito à vinculação com o grupo, Hirschi (2009) defende que as relações entre os membros do grupo são frias e frágeis, uma vez que os jovens não são capazes de desenvolver vínculos sociais estáveis e consistentes, tendo em conta que no processo de socialização não estabelecerem esses vínculos com os próprios pais.

De acordo com a Teoria da Aprendizagem Social, os jovens que tendem a filiar-se com pares desviantes, tendo também deste modo uma probabilidade futura maior de virem a manifestar comportamentos desviantes. De acordo com estas teorias, tal pode ser explicado de acordo com três argumentos, nomeadamente: a) baixo autocontrolo; b) pares delinquentes e delinquência estão mutuamente relacionados e, c) pares delinquentes com um efeito direto sob a delinquência. (Ingram et al; 2007)

A rejeição por parte do grupo de pares representa um importantíssimo fator de risco presente nestes comportamentos. Uma vez rejeitado, o jovem tenderá a associar-se com grupos desviantes e até mesmo com pequenos gangs. (Loeber; Farrington e Petechuk; 2003) Destaca-se ainda, que alguns pares desviantes “conseguem levar” outros jovens sem qualquer historial de comportamentos desviantes, a entrar nas malhas da delinquência. A associação a grupo de pares desviantes, onde predominam os mais variados comportamentos antissociais como roubos, furtos, tráfico de drogas, consumos, posse de armas, violência, é um fator que explica a ampliação da prática criminal aos jovens que integram estes grupos. As crianças rejeitadas e agressivas têm maior probabilidade de integrarem em grupos desviantes, assim como os jovens que possuem uma educação demasiado punitiva ou permissiva. Carlson afirma que quando os pais não têm uma ligação forte com os filhos, não sendo por isso capazes de ensinar-lhes valores pró-sociais, o adolescente tem dificuldades na escola. Essas dificuldades levam à rejeição pelos colegas convencionais e normativos, o que favorece a sua associação com pares desviantes (Simons e colegas citado por Carlson, 1991).

Estudos identificam dois processos no âmbito da pertença ao grupo de pares que aumentam a probabilidade de manifestação de problemas de comportamento, nomeadamente: uma interação coerciva com os restantes pares e ainda, a formação do desvio. De acordo com a perspetiva de Snyder et al., a interação coerciva com os pares é prontamente aparente no início da adolescência, tendo em conta o relacionamento sistemático com pares no ambiente escolar. Neste sentido, jovens que se envolvam com grupos com elevados níveis de comportamentos disruptivos e agressivos, encontram-se mais predispostos ao desenvolvimento e manifestação de comportamentos desviantes. Altos níveis de comportamentos disruptivos e agressivos associam-se a rejeição pelos pares, que se assume como um dos principais fatores de risco. A formação do desvio no contexto do grupo de pares engloba um discurso positivo sobre atos desviantes manifestados pelo próprio grupo ou por outro. Este processo de formação do desvio ocorre com maior frequência nas relações entre pares antissociais, sendo esta filiação responsável pelo fornecimento a estes jovens de maiores oportunidade para moldar atitudes e comportamentos. Em suma, jovens com problemas de comportamento que foram alvo de uma rejeição anterior por parte de pares normativos, tendem a afiliar-se com pares antissociais passando a estar mais expostos ao desvio e à manifestação de comportamentos desviantes.

Considerando os princípios da teoria da associação diferencial de Sutherland (1939), é possível verificar que a associação com pares desviantes funciona como espaço desencadeador de novos estádios de aprendizagem, de definições e atitudes em larga medida favoráveis à violação das normas e regras de comportamento, emergindo assim os comportamentos desviantes. Ou seja, se um determinado ato desviante for mais reforçado do que um comportamento normativo, em situações futuras similares, haverá uma maior probabilidade desse comportamento voltar a manifestar-se. Assim, de acordo com esta teoria, a delinquência assume-se como um processo de conformidade às expectativas e normas do grupo, levando a que os jovens se associem a outros jovens com os quais possam partilhar as mesmas crenças, normas e até mesmo experiências de comportamento muito similares. Por outras palavras, se um jovem não estiver exposto a um ambiente de risco, a aprendizagem do comportamento desviante poderá ser menor. Uma vez adotado poderá trazer ao jovem algumas consequências positivas, nomeadamente: na aceitação pelo grupo de pares, sensação de poder, atenção por parte dos pares na aquisição do seu papel

no grupo. Porém, é o grau de reforço positivo aos comportamentos desviantes que vai determinar a continuidade do comportamento manifestado, podendo o grupo desempenhar esse papel de reforço.

### **2.1.3. Agentes de socialização secundária: domínio comunitário**

Durkheim defende que o desvio tende a aumentar em comunidades que passaram por mudanças ao nível dos laços sociais que as liga com a restante sociedade. Quando estes laços enfraquecem, contribuindo para uma maior desorganização e desajuste face as normas e valores sociais vigentes, emergem os comportamentos desviantes.

Farrington (2007) aponta a existência de número significativo de estudos longitudinais que incidem sobre a rede de vizinhança, escola e com os fatores comunitários. Em meados dos anos 90, alguns investigadores focaram as suas investigações nestes fatores de forma a perceberem a sua influência no problema de delinquência juvenil. Face a isto, fatores como o nível de criminalidade presentes no bairro onde habitam são determinantes no desenvolvimento de comportamentos antissociais e delinquentes.

Comunidades com carências económicas revelam uma grande suspeitabilidade para o desenvolvimento de comportamentos delinquentes. Estas carências, juntamente com outros fatores comunitários e familiares contribuem para o desenvolvimento de elevados níveis de delinquência. Pobreza, acesso a droga, incentivo por parte dos residentes no envolvimento de organizações comunitárias, existência de subculturas delinquentes, são mais propensas para a experimentação / manifestação de comportamentos desviantes.

Uma rede de vizinhança desorganizada, onde existam lacunas ao nível do controlo social, contribui também para a manifestação deste tipo de comportamentos. (Loeber; Farrington e Petechuk; 2003)

Kronemar, Loeber e Hipwell (2004) afirmam que comunidades nas quais se verifica uma elevada presença de problemas sociais (como o desemprego, carências económicas, alcoolismo, etc.), têm sido associadas a formas menores e bastante graves de desvio, presença de gangues e ainda, a uma ampla gama de atividades criminosas.

Piquero (2004) verbaliza que o período relativo ao final da adolescência é marcado por algumas mudanças previsíveis na vida destes jovens, nomeadamente: ao nível do grupo a que se associa, como eles investem sua energia, e onde eles gastam seu tempo livre. Essas mudanças ocorridas no contexto social podem alterar oportunidades e incentivos para a atividade pró-social. Algumas dessas mudanças no contexto social podem representar tentativas deliberadas por parte destes jovens para alterar as suas oportunidades (por exemplo, escolhas conscientes para evitar pares antissociais ou ficar fora das ruas durante períodos em que os outros estão envolvidos em comportamentos desviantes). Outras, no entanto, podem estar relacionadas com mudanças nos papéis sociais que marcam o final da adolescência e início da vida adulta. Cada uma dessas mudanças no contexto social, implica uma redefinição ou novas relações sociais e expectativas em relação à não aceitabilidade do comportamento desviante. Neste sentido, uma adaptação bem-sucedida às novas exigências em alguns desses contextos pode promover a resiliência (por exemplo, o casamento, a paternidade, e do emprego). Essas mudanças fornecem naturalmente pontos de viragem para os jovens adolescentes, e a ausência do seu fortalecimento pode limitar futuras, oportunidades vinculadas.

## **2.2. Fatores de proteção**

### **2.2.1. Domínio individual**

Os fatores de proteção que reduzem / minimizam a probabilidade de um jovem se iniciar em comportamentos desviantes incluem: relações parentais fortes, temperamento fácil, afetividade, cuidados na infância, a capacidade de ajustamento face à adversidade, alta inteligência, competências a nível da resolução de problemas e conflitos (Fraser et al. 2004).

Os jovens que possuem mais competências têm maior dificuldade de desenvolver problemas de comportamento. Fraser e colegas (2004), descrevem o temperamento e a própria personalidade do jovem como uma competência cognitiva e reguladora que opera diretamente como um fator de proteção influenciando a perceção e reação face ao risco e adversidade.



Fraser e colegas (2004) destacam ainda a importância das competências normativas destes jovens, nomeadamente: o desenvolvimento da autoeficácia, como um fator de proteção. Partindo deste pressuposto, e tendo em conta a perspetiva do autor, a autoeficácia é pensado para promover a adaptação, ultrapassar a adversidade e ainda, permite a realização destes jovens em diferentes contextos sociais e sistemas. Além disso, a autoeficácia serve como um fator de proteção, aumentando as competências académicas, gestão das suas relações sociais, a capacidade de resistir à pressão dos pares, e ainda, conseguir maior aceitação social.

Perturbações internas tais como nervosismo, preocupação e ansiedade e problemas psicológicos como hiperatividade podem desencadear o aparecimento dos comportamentos delituosos nos jovens (Farrington, 1992). Problemas ou dificuldades de concentração, comportamentos hostis ou violentos e baixo nível de inteligência podem ser causadores de delinquência (Farrington, 1997).

### **2.2.2. Agentes de socialização primária: família, escola e grupo de pares**

Os fatores de proteção familiares que reduzem as hipóteses da criança ou jovem enveredarem por percursos desviantes incluem: supervisão parental, bem-estar psicológico dos pais, a competência em papéis e responsabilidades parentais, autoestima parental elevada, figura de referência positiva, disponível em momentos de stress.

De acordo com a perspetiva de Thomlison (2003), as crianças que têm uma forte ligação (durante a vinculação) com os pais têm um sentido de pertença e segurança muito maior, o que mais tarde irá ajudá-los a lidar / ultrapassar a adversidade com um maior controlo comportamental. Quando o desenvolvimento destas crianças e jovens ocorre num ambiente saudável, sem irregularidades, angústias, a probabilidade de virem a ter uma personalidade bem formada aumenta. Neste sentido, crianças e jovens com maiores e melhores competências cognitivas e sociais apresentam um menor risco enveredar por percursos desviantes. *“A ausência de modelos parentais desviantes, isto é, não ter pais que abertamente pratiquem atos desviantes como a delinquência (...) ou que exibam condutas e valores delinquentes constitui uma proteção contra a atividade delincente. A presença de modelos parentais convencionais favorece a qualidade dos laços conjugais, a vinculação entre pais e adolescentes e a receptividade destes às coerções impostas pelos pais.”* (Le Blanc e Janosz; 2002:48)

Ingram e colegas (2007) afirmam que pais que se encontrem conscientes e conhecedores das atividades dos próprios filhos estão menos propensos a que estes manifestem comportamentos desviantes, estabelecendo regras claras, exercendo um controlo ativo sobre o seu comportamento, promovendo sanções para os maus comportamentos. Neste sentido, jovens com uma relação parental extremamente forte estão menos predispostos a manifestação de comportamentos desviantes, tendo em conta a valorização que atribuem a esta relação, não querendo de forma alguma desapontar os pais.

A parentalidade positiva, revela-se como um grande protetor de comportamentos desviantes. Deste modo, os pais devem envolver-se e apoiar continuamente os comportamentos pró-sociais dos filhos. Carlson (sem data) afirma que a figura parental é vista como um modelo os filhos. Considerando a teoria da aprendizagem social, nomeadamente o conceito da modelagem de comportamento, esta demonstra-nos que quando os pais são tidos como figura de referência, representando a principal fonte de reforço, a criança ou jovem tem mais capacidades de modelar os seus comportamentos. Desde o nascimento, um pai vai modelando o comportamento da criança, adequando-o às normas e regras da sociedade por meio da educação. O apoio dos pais em relação aos comportamentos da criança, tais como elogiar, encorajar e dar carinho, demonstram que a criança é valorizada e amada. Estes vínculos favorecem o desenvolvimento de competências ao nível do autocontrolo por parte do adolescente, dificultando assim a formação e posterior manifestação de comportamentos desviantes

De acordo com Farrington (2000), em famílias cujos pais apresentam diálogo como prática educativa, os filhos apresentam altos níveis de autoestima, autoconfiança e desempenho escolar satisfatório. Além disso, apresentam menos depressão, ansiedade, uso de drogas e comportamentos desviantes.

A ligação destes jovens a grupos de pares normativos, bem como a crença em valores pró-sociais e o envolvimento em atividades pró-sociais assumem-se como fatores de terminantes que diminuem a probabilidade dos jovens apresentarem comportamentos desviantes.

Estudos mostram que adolescentes com sentimentos positivos em relação a sua escola são menos propensos à manifestação de comportamentos desviantes. *“Atitudes positivas em relação à escola e aos professores, bem como a participação em atividades escolares,*

*correlacionam-se negativamente com as práticas delinquentes”* (Ferreira; 1997;922) A escola aparece como um facto determinante para uma correta educação e socialização dos jovens, atuando como um inibidor dos comportamentos desviantes, já que o êxito académico e boas atitudes face à escola diminuem este tipo de comportamentos. A escola é o espaço onde os jovens alcançam conhecimentos, mas também o local onde eles exercitam as relações sociais e onde eles estão expostos a diferentes normas sociais, regras e costumes da sua comunidade.

### **2.2.3. Agentes de socialização secundária: domínio comunitário**

As redes sociais e ambientes da comunidade em que residem estas famílias contribuem em larga medida como fatores de proteção. Comunidades que sociais e emocionalmente estão fortalecidas permitem a redução da probabilidade de ocorrência de maus-tratos a estas crianças e jovens. Porém, existem determinadas comunidades que reduzem o risco existente, mediante o recurso a grupos de apoio externos, tais como: escolas, grupos de jovens, amigos, igrejas e família. Nestes sentido, comunidades estáveis e com um elevado nível de coesão promovem um desenvolvimento saudável destes jovens. Em simultâneo, o acesso a diferentes serviços médicos, educação e outros serviços, assume-se também como um fator de proteção significativo. (Farrington & Welsh 2007)

Já Fraser (2004) afirma que crianças e jovens com mais oportunidades de educação, emprego e realização pessoal estão mais fortalecidas face a exposição ao risco, do que as que têm menores oportunidades. Estas oportunidades permitem a estes jovens alcançar os seus objetivos e aspirações.

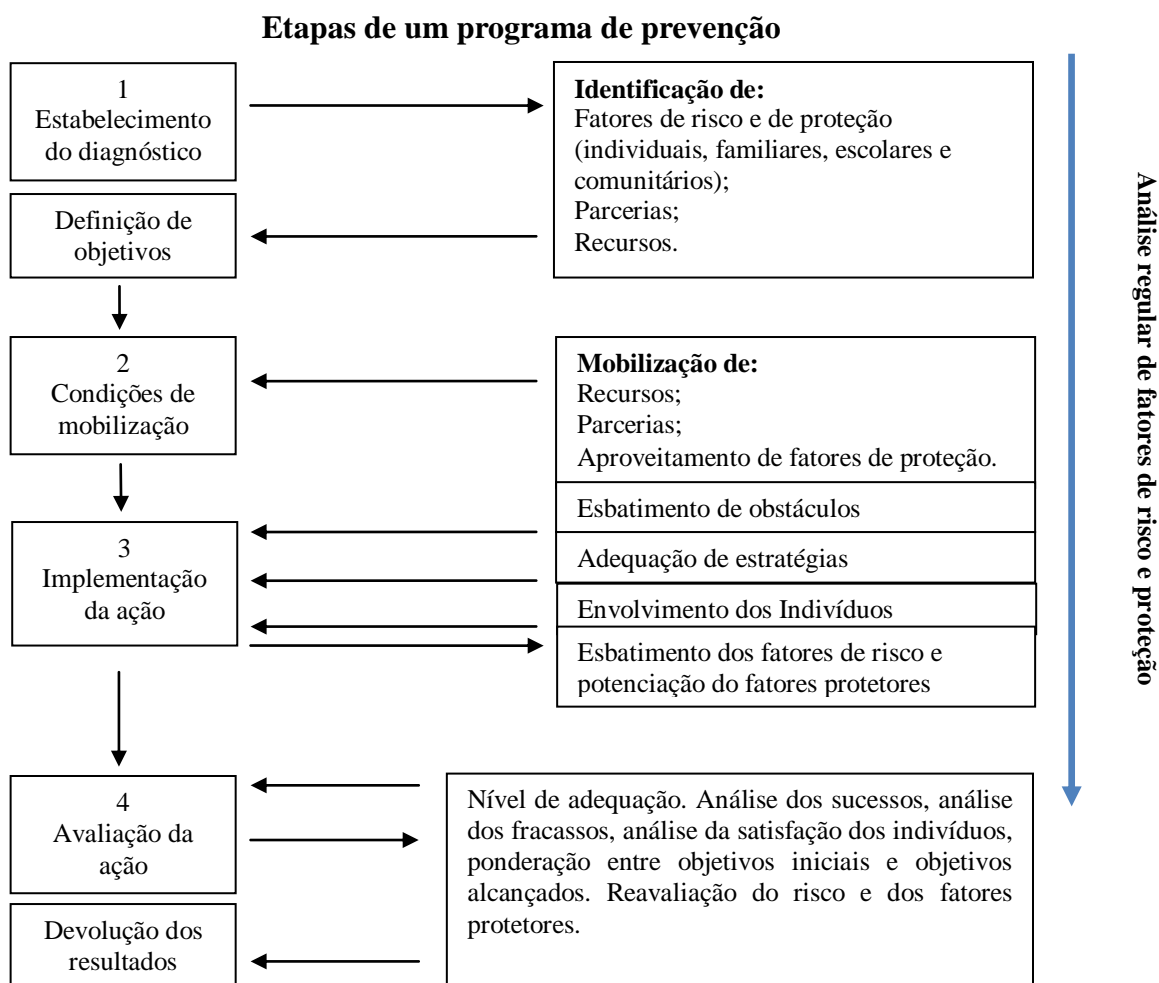
Farrington e Welsh (2007) salientam que o sucesso e eficácia dos programas de prevenção precoce é promover a capacidade de implementar programas baseados nos fatores de risco de nível local. Este processo é composto por três etapas, nomeadamente: a) colaboração com entidades responsáveis pelo desenvolvimento de local; b) a resolução de problemas em parceria (contribuição dos pais, professores, vizinhos, policiais, assistentes sociais), e c) envolvimento dos cidadãos.

Para terminar, uma comunidade resiliente é aquela que é capaz de resistir a um conflito interno, respeitando a diversidade de seus membros individuais, famílias e grupos,

oferecendo em simultâneo as capacidades e os recursos para os seus membros para lidarem com a adversidade.

### III. A PREVENÇÃO DE COMPORTAMENTOS DESVIANTES: ORIENTAÇÕES E MODELOS

Um programa de prevenção, pode ser visto como “*um conjunto organizado, coerente e integrado de ações e de procedimentos (...) sequenciais, (...) que possibilitem o alcance de objetivos previamente definidos.*” Assim, a criação de um programa de prevenção implica o cumprimento de alguns procedimentos e requisitos, nomeadamente; “*a) estabelecimento do diagnóstico e definição dos objetivos; b) condições de mobilização, com implicação e envolvimento dos atores sociais; c) implementação da ação e d) análise e retorno do que foi alcançado.*” (Martín; 1995 cit in Nunes; 2010:68)



**Figura 1** – Etapas de um programa de prevenção, englobando fatores de risco e proteção (Adap. Nunes; 2010:69)

A recomendação (87) 20 é considerada um dos mais importantes instrumentos jurídicos do Conselho da Europa no que concerne à promoção e proteção dos direitos das crianças e jovens em conflito com a lei. Esta recomendação do Comité dos Ministros, sobre *“Reações Sociais à Delinquência Juvenil”*, foi adotada a 17 de Setembro de 1987, destaca a importância da prevenção dos comportamentos desviantes através do desenvolvimento de programas e medidas preventivas de preferência, no contexto onde estes menores se encontram, respeitando sempre o seu direito à educação, a sua personalidade, aspetos estes favoráveis ao seu desenvolvimento.

Outra importante recomendação (Rec. (88)6), adotada a 18 de Abril de 1988, sobre *“Reações Sociais ao Comportamento Delinquente dos Jovens de Famílias Migrantes”*, a prevenção passará por promover o acesso a todas as instituições sociais disponíveis, possibilitando deste modo a aquisição de um estatuto social igual ao dos restantes jovens, começando pela adesão à nacionalidade do país de residência.

Posteriormente, a 6 de Outubro de 2000 foi adotada a Recomendação (00) 20, sobre *“O papel da intervenção psicossocial precoce na prevenção dos comportamentos criminais”*. Esta Recomendação surge em virtude de um aumento da delinquência juvenil, face a este cenário, a Assembleia Geral recomendou aos governos a criação / introdução de estratégias de intervenção psicossocial precoce, com vista a prevenção de comportamentos criminais ou encorajar o desenvolvimento de estratégias que existem, com vista ao combate da criminalidade juvenil em geral. Neste sentido, estes programas deverão incluir medidas orientadas para os fatores de risco como a hiperatividade, a negligência e violência da qual a criança / jovem foi vítima, o insucesso escolar, mendicidade, etc...

A Recomendação (01) 1532 sobre *“Uma política Social dinâmica em favor das crianças e adolescentes em meio urbano”*, adotada pela Assembleia Parlamentar em 24 de Setembro de 2001, destaca que a prevenção deste tipo de problema deverá ocorrer o mais cedo possível, sendo necessário a introdução de medidas pluridisciplinares que transmitam aos jovens experiências de vida positivas, o conhecimento de valores democráticos e civis, que favoreçam a criatividade, a solidariedade e a participação positiva na vida em comunidade.

Adotada pelo Comité de Ministros em Setembro de 2003, a Recomendação (03) 20, aborda os novos modos de tratamento da delinquência juvenil. Este documento destaca que

os objetivos das medidas de prevenção que a ela estão associados sejam de prevenção da para-delinquência e reincidência, a (re)socialização e a (re)inserção dos jovens delinquentes. Esta orientação, destaca ainda a importância do reconhecimento de responsabilidade por parte dos pais destes jovens, devendo deste modo estar sempre presentes em todo o processo judicial. Por último, fornece ainda orientações no sentido de serem criadas, coordenadas e implementadas programas / medidas de prevenção pelos diversos atores sociais existentes, nomeadamente: PSP, CPCJ, centros de emprego, escolas, sector privado, sociedade civil, etc...

A Recomendação (84) 4 sobre as responsabilidades parentais, adotada pelo Comité de Ministros do Conselho da Europa em 28 de Fevereiro de 1984, afirma que as *“responsabilidades parentais são o conjunto de poderes e deveres destinados a assegurar o bem-estar moral e material do filho, designadamente tomando conta da pessoa do filho, mantendo relações pessoais com ele, assegurando a sua educação, o seu sustento, a sua representação legal e a administração dos seus bens.”*

### **3.1. Prevenção focada nos fatores de risco**

De acordo com a perspetiva de Wasserman et al. (2003), a chave para a prevenção da delinquência é foco nos fatores de risco. Ao fornecer intervenções precoces eficazes, estes jovens serão menos propensos a sucumbir aos riscos de acumulação que surgem na infância e adolescência. Os comportamentos desviantes variam de jovem para jovem, decorrendo da combinação de vários fatores de risco. Para lidar com métodos eficazes de prevenção de comportamentos desviantes, a intervenção deverá ter em consideração o indivíduo, a escola de pares, a família e fatores comunitários.

Farrington (2006) verbaliza que os programas baseados nos riscos de carácter individual e familiar incluem: o desenvolvimento de competências, educação parental, programas pré-escolares e ainda, uma multi-combinação de todos eles em simultâneo.

Os programas de desenvolvimento de competências incluem fatores de risco como a impulsividade, baixa empatia e ainda fatores relacionados com as baixas competências cognitivas – comportamentais. De acordo com isto, Farrington (2006), afirma que os programas de prevenção deverão capacitar estes jovens para pensarem antes de agirem, para que possam considerar as consequências dos seus comportamentos, procurando alternativas que resolvam os seus problemas interpessoais e por último, a considerar o

impacto do seus atos, especialmente nas vítimas. Deste modo, os programas de desenvolvimento de competências incluem: desenvolvimento de competências sociais, pensamento lateral (relacionado com as formas criativas de resolver o problema), desenvolvimento do pensamento crítico, educação de valores (ensinar valores e a pensar no outro), capacitação da assertividade, resolução de problemas interpessoais (fortalecimento de competências para a sua resolução) e ainda, o desenvolvimento da perspetiva social (ensinamentos ao nível da compreensão e reconhecimento dos sentimentos dos outros).

O segundo tipo de programas, de educação parental, implementado para enfrentar fatores familiares de risco como má educação infantil e baixa supervisão parental. As intervenções ao nível da família, segundo tipo de estratégias de prevenção, permitem perceber que a resolução deste tipo de problemas poderá ser mais eficaz caso estes jovens se desenvolvam num contexto sociofamiliar adequado. Porém, uma parte destes jovens provém de contextos familiares também eles pautados por instabilidade, conflitos, pobreza, criminalidade que *“combinados com (...) certas características da criança, como a impulsividade, criam condições negativas de socialização.”* De acordo com este tipo de estratégias, *“o comportamento delinquente é visto como o resultado de experiências desde o nascimento até à adolescência e em que o tipo e natureza das experiências familiares podem conduzir à formação de uma ligação social mais ou menos forte em relação a esse contexto de socialização.”* (Hirschi, 1974; Hawkins & Weis, 1985 cit in: Negreiros; 2008:114)

Os programas de desenvolvimento parental, representam também um modelo de prevenção bastante eficaz no âmbito da prevenção da reincidência.

### **3.2. Modelos de prevenção baseados na resiliência**

Rutter (1999) utiliza o termo *“resiliente”*, para descrever uma resposta positiva face à exposição ao risco. De acordo com o autor, o conceito de resiliência refere-se à capacidade de resistência ou de superação por parte do jovem, à exposição ao risco e adversidade. A resiliência deve envolver o contexto no qual a pessoa se desenvolve. Sendo assim, deve-se considerar a existência de uma capacidade do indivíduo de lidar com situações adversas em determinados contextos e de acordo com as circunstâncias presentes. O conceito de resiliência refere-se aos fatores de proteção internos e externos ao indivíduo. Quanto mais fatores de proteção o jovem tiver, mais resiliente será a manifestação de comportamentos desviantes. Rutter (1990) descreve quatro tipos de processos de proteção



que de acordo com a sua perspectiva moderam a exposição aos fatores de risco, nomeadamente: em primeiro lugar aqueles que reduzem a exposição do jovem ao risco, em segundo lugar, aqueles que reduzem as reações negativas a experiências desviantes, em terceiro lugar, aqueles que promovem a autoestima através da realização e, finalmente, relacionamentos positivos que proporcionam oportunidades na vida.

Fraser et al. (2004) utilizou também o termo “*resiliência*” para descrever as crianças e jovens que demonstram uma resposta normal ou positiva face à exposição à adversidade e aos vários fatores de risco. Neste sentido, o autor apresenta-nos dois modelos de resiliência que demonstram a forma como os fatores de risco e proteção interagem, nomeadamente: *um modelo adaptativo* e *um modelo interativo*. O primeiro modelo, o modelo adaptativo, sugere que os recursos positivos que cada jovem possui vão diminuir a presença do risco. Neste modelo, a resiliência é vista como o resultado da influência de fatores de risco versus recursos promotores resultados positivos. Por exemplo, um jovem com um elevado nível de supervisão parental que reside num bairro de alto risco vai ter um resultado mais positivo do que um jovem no mesmo bairro, com uma baixa supervisão parental. Quanto ao segundo modelo, o interativo, discute a interação entre fatores de risco e proteção. De acordo com a perspectiva do autor, a interação entre ambos pode ocorrer de três formas, nomeadamente: a) o fator de proteção serve como um “tampão” contra os efeitos do fator de risco; b) o fator de proteção pode interromper o processo em que os fatores de risco se operacionalizam e c) e os fatores de proteção podem evitar a ocorrência inicial de um fator de risco (Fraser et al., 2004).

Para além destes modelos anteriormente apresentados, destacam-se ainda os contributos de Oliveira, que na sua obra o *Virar da Seta* (2010) aborda um modelo de prevenção no âmbito da intervenção com crianças e jovens em risco, que consiste na exposição destes jovens a modelos e estilos de vida positivos. De acordo com a autora, “*A prevenção de comportamentos de risco tem muito em comum com o que se designa por intervenções positivas, ou seja, na promoção de competências na área da saúde, da escola, da relação com o outro (...) através do desenvolvimento do treino de habilidades como a tomada de decisões, o lidar com situações que envolva ansiedade, resistência à pressão dos pares e o desenvolvimento e manutenção de relações interpessoais gratificantes*” (Oliveira; 2010:153) A autora defende que, o desenvolvimento de competências sociais e pessoais assume-se como uma boa estratégia de prevenção do desajustamento dos jovens ao seu meio social e pessoal, revelando-se uma dimensão essencial para a realização de uma intervenção

inclusiva de jovens com problemas de comportamento. Para além do trabalho de desenvolvimento de competências, revela-se também fundamental ao nível do trabalho preventivo, investir na capacitação e autonomia do jovem, uma vez que neste tipo de intervenções o jovem assume um papel ativo, sendo *“constituído como parceiro da ação, realçando vontade de ser escutado e envolvido nas decisões sobre a sua vida, e promovendo a sua participação como agente da própria mudança”*. (idem) Este tipo de abordagens, centradas nos jovens, pilar fundamental na inclusão de jovens com problemas de comportamento, possibilita-lhes *“uma reflexão crítica e a uma tomada de consciência do seu processo e do seu lugar na sociedade e no mundo”* (Oliveira; 2010:155)

#### **IV. DISPOSITIVO DE PESQUISA E ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS**

A investigação é um processo, um conjunto hierarquizado de atividades interdependentes. O que se faz em cada passo deve ter em consideração o que já se fez, o que também se está a fazer e o que, previsivelmente, se fará. A investigação pode ser ainda associada a uma estratégia. Trata-se apenas de escolher o melhor caminho a percorrer.

A compreensão da prevenção dos comportamentos desviantes com base numa prática de intervenção territorializada constitui-se como objetivo principal do presente trabalho de investigação, procurando assim dar resposta à pergunta de partida *“Como se concretiza a prevenção de comportamentos desviantes no âmbito da intervenção territorializada?”*.

Teve-se como ponto de partida para o desenvolvimento do desenho de investigação, o conceito de desvio considerando a perspetiva de Durkheim e Merton. Posteriormente, e relacionando-o com o conceito de desvio, abordou-se o respetivo conceito de comportamento desviante baseado na perspetiva de Cohen e ainda, das teorias que postulam a génese destes comportamentos, nomeadamente: a Teoria da Rotulagem, a Teoria da Aprendizagem Social de Bandura e a Teoria do Controlo Social de Hirschi.

Após estas conceptualizações, conclui-se que os comportamentos desviantes têm na sua origem variados fatores de risco, agrupados em três domínios (individual, familiar e comunitário) que se revelam responsáveis pela emergência, duração e frequência dos comportamentos desviantes. Tendo em conta que o objetivo da presente dissertação é perceber como se concretizam os mecanismos de prevenção dos comportamentos desviantes, fez-se também uma breve revisão de literatura acerca dos fatores de proteção e respetivos modelos de prevenção, nomeadamente o do risco e da resiliência. O primeiro modelo assume que a eficácia da prevenção deste tipo de comportamentos é o foco nos fatores de risco, enquanto o segundo modelo, da resiliência, define que o sucesso da prevenção deverá assentar na redução da exposição aos fatores de risco.

Tendo por referência o objeto de pesquisa definido, opta-se por uma lógica de investigação abductiva. As estratégias de investigação, também designadas por lógicas de investigação, permitem ao investigador, a construção de um ponto de partida e em

simultâneo estabelecer um conjunto de etapas / procedimentos através dos quais se obtém a resposta as perguntas de partida. De acordo com Blackie (2000:100), a escolha da pesquisa a adotar deve passar pelo conhecimento das suas vantagens e desvantagens, e como pela comparação com outras estratégias. Deste modo, e mediante um aprofundamento de conhecimentos das estratégias de investigação existentes, a estratégia abductiva será a mais adequada e pertinente face aos objetivos do presente trabalho de investigação. Esta estratégia considera que, para conhecer uma determinada realidade social, torna-se necessário perceber as motivações e as significações que os sujeitos dão às suas ações. Assim, a realidade social é a realidade interpretada e experienciada pelos seus membros, pelo que, cabe ao investigador, conhecer e descrever essa visão de dentro. As significações simbólicas não são subjetivas, são intersubjetivas, na medida em que são partilhadas com os restantes elementos do grupo. Desta forma, pretendeu-se descrever e compreender a realidade social, neste caso, a intervenção territorial ao nível da prevenção de comportamentos desviantes dos jovens considerando sempre as perspetivas e motivações atores sociais envolvidos, que assumiram a centralidade da estrutura do presente trabalho de investigação.

Em simultâneo à lógica de investigação utilizada opta-se por uma metodologia de recolha de dados qualitativa, uma vez que a sua prática e análise teórica caracterizam-se por diversas abordagens e respetivos métodos, valorizando assim a perspectiva dos atores sociais envolvidos no objeto de estudo: técnicos e jovens. Neste tipo de pesquisa, revela-se fundamental situar os atores sociais envolvidos no seu próprio contexto, na sua própria estrutura para que, o investigador possa entender os factos, a partir da interpretação que estes fazem na sua própria vivência quotidiana. Este tipo de metodologia *“trata de investigar ideias, de descobrir significados nas ações individuais e nas interações a partir da perspetiva dos atores intervenientes no processo”*, com vista à *“descrição e compreensão de situações concretas”*. (Coutinho: 2011: 26-27) As principais características desta metodologia assentam essencialmente no reconhecimento e análise de diferentes perspetivas e ainda, na reflexão do investigador sobre o trabalho realizado como parte integrante do processo de produção de conhecimento. (Flick; 2005:4) Paralelamente ao anteriormente referido, a metodologia qualitativa permite ainda ao investigador a adoção de métodos mais abertos que se vão ajustando à complexidade do objeto em estudo. (*Idem*)

Considerando a pergunta de investigação, e os objetivos de toda a investigação, opta-se então por uma amostra de caso único, um projeto do Programa ESCOLHAS, designadamente: o EscolhasVA situado no Vale da Amoreira, no concelho da Moita. O programa ESCOLHAS representa um programa de âmbito nacional, tutelado pela Presidência do Conselho de Ministros, e fundido no Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, que visa promover a inclusão social de crianças e jovens provenientes de contextos socioeconómicos mais vulneráveis. A sua escolha deve-se à articulação existente entre os seus objetivos gerais, com os objetivos do presente estudo, uma vez que a sua conceção está orientada para os fatores de prevenção de comportamentos desviantes e em simultâneo para a inclusão social de jovens, provenientes de contextos socioeconómicos mais desfavorecidos. Tal pode ser reforçado, uma vez que *“a amostra não se constitui por acaso, mas em função de características específicas que o investigador quer pesquisar”* (Guerra; 2006:43) Dado o carácter qualitativo da pesquisa, destaca-se aqui a importância da diversidade da amostra, uma vez que dá garantias de que o processo de investigação abordou a realidade em estudo considerando as varrições necessárias, neste caso, considerando perspetivas de diferentes atores sociais, tal pode ser reforçado uma vez que *“trata-se de escolher indivíduos o mais diversos possíveis (...) para obter a maior diversidade possível de opiniões face ao objecto estudado”*.(Guerra; 2006:41)

Numa primeira fase, e antes de proceder a construção do guião da entrevista<sup>2</sup>, formulou-se um guião analítico<sup>3</sup> com vista a uma *“clarificação dos objetivos e dimensões de análise que a entrevista comporta”*. (Guerra; 2006:53) A elaboração do despectivo guião deverá obedecer a quatro critérios, nomeadamente: não-directividade, especificidade, amplitude e, por último a profundidade. (Flick; 2005:78)

O critério da não-directividade diz respeito à formulação das perguntas, podendo estas serem abertas, semiestruturadas e estruturadas. Inicialmente deverá começar-se com perguntas abertas, aumentando o grau de estruturação no decorrer da entrevista evitando deste modo que *“o quadro de referência do entrevistador se imponha às opiniões do entrevistado”*. (Flick; 2005:78) A especificidade deverá evitar que a entrevista deslize para aspetos gerais do objeto de estudo, devendo destacar elementos ou acontecimentos com

---

<sup>2</sup> Vide anexo 01 - Grelha analítica;

<sup>3</sup> Vide anexo 02 - Guião da entrevista técnicos e jovens;

impacto para o entrevistado. A amplitude, garante a inclusão de todas as informações e aspetos importantes e relevantes para a investigação no decorrer das entrevistas. Deverá ainda deixar em aberto a oportunidade do entrevistado incluir novos temas na entrevista, caso se revelem importantes para o estudo. Por último, a profundidade, visa garantir a máxima obtenção de informações acerca do objeto de estudo. (*Idem*)

Neste sentido, recorre-se à entrevista para dar continuidade ao trabalho de recolha. De acordo com Coutinho (2011), a entrevista representa “*uma técnica muito utilizada na investigação qualitativa (...) com elementos informativos chave*”. Considerando que um dos objetivos da presente dissertação consiste em compreender a perspetiva dos atores sociais (técnicos e jovens) relativamente a intervenção preventiva de carácter territorializado opta-se então pela entrevista semiestruturada uma vez que permite “*obter dados comparáveis de diferentes participantes.*” (Coutinho; 2011:291)

No âmbito da recolha de dados, foram realizadas um total de vinte entrevistas, das quais fazem parte monitores e técnicos do projeto, e ainda, parceiros que fazem parte do respetivo consórcio. Neste sentido, foram ouvidos o responsável pela coordenação do projeto e três monitores, dos quais um deles é dinamizador comunitário, outro responsável pelas atividades relacionadas com a área das tecnologias de informação e comunicação, e ainda a responsável pelo acompanhamento escolar e individualizado destes jovens. Quanto ao respetivos parceiros do consórcio, foram ouvidos: presidente da associação VitaCaminho (associação promotora do projeto); coordenador da RUMO – Cooperativa de Solidariedade Social do Barreiro; técnicos do GIS (Grupo de Intervenção Social) do Agrupamento Vertical Escolas do Vale da Amoreira; coordenador do Centro de Formação das Escolas dos Concelhos do Barreiro e Moita; duas técnicas da equipa TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária) da Escola Secundária da Baixa da Banheira; três técnicos da equipa de Rendimento Social de Inserção do CRIVA; um técnico da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens da Moita; as anteriores coordenadoras do projeto. Simultaneamente, foram ainda realizadas três entrevistas a jovens ambos envolvidos nas atividades do projeto EscolhasVa. Ambos os jovens têm idades compreendidas entre os 18-24 anos, com predominância do sexo feminino, sendo que não existe historial acerca da sua envolvimento em comportamentos desviantes. Foram selecionados para a presente recolha de dados, por evidenciarem um grande conhecimento da realidade do Vale da Amoreira e as dinâmicas que nele se praticam, e ainda, por terem

consciência acerca do trabalho e papel que os projeto têm junto de outros jovens e ainda, na comunidade.

Já na fase de tratamento de informação recolhida, recorre-se a metodologias de análise de conteúdo por tratar-se de uma *“técnica que consiste em avaliar de forma sistemática um corpo de texto, por forma a desvendar e quantificar a ocorrência de palavras / frases / temas considerados chave que possibilitem uma comparação.”* (Coutinho; 2011:192) Esta técnica de tratamento de dados recolhidos assume duas dimensões distintas, nomeadamente: uma dimensão meramente descritiva e outra dimensão meramente interpretativa. A primeira tem como objetivo revelar todas as informações abordadas durante as entrevistas, enquanto a segunda, deriva das interrogações do investigador sobre o seu objeto de estudo. (Guerra; 2006:62) Porém, existem formas distintas de análise de conteúdo, sendo que a escolha de uma determinada técnica dos objetivos e estatuto da investigação realizada. Opta-se então por uma análise de conteúdo categorial, uma vez que a *“identificação das variáveis cuja dinâmica é potencialmente explicativa de um fenómeno que queremos explicar”*. (Idem)

## **V. RESULTADOS**

Considerando os objetivos do presente trabalho de investigação e partindo da perspetiva dos diversos atores sociais ouvidos (técnicos do projeto, jovens e parceiros formais e informais) apresentam-se e analisam-se os discursos, salientando os aspetos que permitem compreender em que se traduz a prevenção de comportamentos desviantes dos jovens com base numa intervenção territorializada.

### **5.1. EscolhasVa: breve apresentação e contextualização**

O projeto EscolhasVa encontra-se sedado no concelho da Moita, precisamente na freguesia do Vale da Amoreira. De acordo com dados disponibilizados nos Censos 2011 do INE, residiam nesta freguesia cerca de 9864 habitantes, cerca de -20,3% relativamente ao ano de 2001. Trata-se de um território multicultural, com uma cultura de vida própria, marcado por fenómenos de pobreza e exclusão social, em que o conceito de “*gueto*” se encontra presente em alguns dos discursos dos parceiros e atores envolvidos.

*"É um bairro muito multicultural, portanto como lhe digo com PALOP, onde temos guineenses, cabo-verdianos, são-tomenses enfim... temos um pouquinho de tudo. " (E19; Parceiro formal)*

*"É um bairro pobre é uma freguesia pobre em que as questões de pobreza e as questões de exclusão social"(E5; Parceiro formal)*

*"Muitas vezes a imagem que o Vale da Amoreira tem, para pessoas que são de fora, é uma imagem bastante negativa em que entrar no Vale da Amoreira, significa quase sem qualquer exceção ser roubado. Pronto, existe aqui todo um rótulo bastante presente" (E2; técnico do projeto)*

*"É um bairro muito fechado porque não tem saída. Não tem trânsito (...)Só vem ao bairro quem tem mesmo que vir ao bairro, porque não é um local de passagem (...)está completamente isolado só vem ao bairro que tem mesmo de vir". (E8; parceiro formal)*

*"O Vale da Amoreira é como se fosse uma grande comunidade. Para quem não está habituado irá estranhar, porque toda a gente se conhece. É uma zona com muitos africanos, existe uma cultura própria, uma forma própria de estar, e para quem não está habituado estranhará." (NJ3)*



Viver neste *Bairro*<sup>4</sup>, é considerado pelos diversos atores sociais como um dos fatores de risco mais importante na génese, manifestação e frequência de comportamentos desviantes dos jovens. Para além do impacto, positivo ou negativo, que tem na vida destes jovens, o desvio e os comportamentos desviantes são vistos como “*normais*”, uma vez que os modelos a que estão expostos e que reconhecem são precisamente os que incentivam à manifestação de atos desviantes. Deste modo, os comportamentos desviantes aparecem relacionados com necessidade constante de afirmação por parte destes jovens e, em simultâneo com as necessidades de valorização e reconhecimento, uma vez que noutros contextos (escolar e familiar) tal poderá não existir. Diversos estudos referem o surgimento em meios juvenis de um conjunto de normas, valores e representações distintos do meio social da população adulta, estendendo-se deste modo à comunidade em que estão inseridos. (Born, 2005). Esses padrões de referência expressam-se, por vezes, em comportamentos desviantes, delinquência ou criminalidade juvenil: “*A delinquência é frequentemente exploratória e sinal de corte com os valores familiares numa procura de estatuto e protagonismo*”(Born, 2005:43).

*"Delinquência... às vezes nestes territórios é (...) uma forma também de integração, é um modo de vida, é um bocado a contracultura, o fazer-se o que se quer e não aquilo que é imposto por fora (...) Acaba por ser uma coisa em que eles se sentem integrados e em que (...) não são julgados, como passam a vida a ser julgados noutros contextos em que se sentem aceites e são bons naquilo que fazem " (E15; Parceiro formal)*

*"E obviamente que se as suas referências sempre foram estas, é complicado para eles reproduzirem outro estilo de vida (...) existem baixas habilitações, os modelos que eu tenho muitas vezes olha são traficantes ganham imenso dinheiro e, eu não tenho estímulo em casa para continuar a estudar, nem os meus pais por maior que seja a sua vontade não valorizam a escola de uma forma tão forte acaba por nem haver estímulos positivos suficientes que lhes permitam seguir outros caminhos." (E12; Parceiro formal)*

*"o facto de haver já um historial de delinquência no bairro que faz com que eles reconheçam isso como normal e como um caso de sucesso." (E8; Parceiro formal)*

---

<sup>4</sup> Ao longo do presente trabalho, irá usar-se o conceito de Bairro, uma vez que no decorrer da recolha de dados os atores sociais ouvidos, usam esta expressão para se referir ao Vale da Amoreira.

Contudo, face ao historial de comportamentos desviantes presente na comunidade, a vivência do *Vale* tem nestes jovens uma influência marcante em todo o seu percurso de vida. De acordo com os discursos analisados, para muitos destes jovens é visto como um rótulo que os impede de sair dali, ou que automaticamente faz os outros pensar que estão associados a práticas desviantes e até criminalizantes, trazendo-lhes dificuldades na procura de emprego. Por outro lado, é também marcante uma vez que é um dos poucos sítios pelos quais os jovens nutrem sentimentos de pertença, sentindo-o como um espaço próprio deles.

*"Se por um lado é uma marca e eles sentem claramente que quando vão para fora da freguesia e alguém lhes pergunta e que eles dizem Vale da Amoreira, e que automaticamente eles notam que há ali algo que mudou... (...) noutras situações essa marca faz com que a pessoa se diminua ainda mais, o que pode ter como consequência a associação a outras práticas" (E1; coordenação do projeto)*

*"não podem colocar no currículo que moram no Vale da Amoreia, porque sabem que há um rótulo associado ao Vale... (...) Se por um lado os miúdos acham que fazer parte do gueto é algo muito bom por outros é um fatalismo, é quase a interiorização que não saem dali" (E15; ex-coordenadora)*

*"para uns viver no bairro dá-lhe aqui algum poder, alguma onipotência (...) poderá ser ambivalente. Para uns será realmente motivo de valorização e de sentirem que estão num meio onde sentem este sentimento de pertença ao bairro. Para outros, eventualmente poderá não ter esse valor real e sendo sentido como... não gostarem de viver lá, serem associados ou rotulados por viver lá." (E19; parceiro formal)*

Para além dos problemas de comportamento dos jovens, existe também um conjunto de outros problemas presentes na comunidade, alguns deles relacionados com questões mais urbanísticas e outros deles relacionados com o fenómeno de exclusão a que ali se assiste. São notórias as deficitárias condições de saneamento básico, a sobrelotação habitacional, bem como a disposição e apresentação dos blocos habitacionais e conjugado com isto tudo aparecem outros problemas como o desemprego, o tráfico de droga e armas, pobreza, alcoolismo, a formação de grupos de jovens que incentivam e fortalecem as práticas desviantes na comunidade.

*"Deparamo-nos com situações complicadas de sobrelotação habitacional portanto, é realmente um bairro que alberga uma grande diversidade cultural." (E19, Parceiro formal)*

*"Desemprego, dificuldade de passagem à vida ativa, insucesso escolar e abandono escolar precoce, gravidez adolescente, comportamentos sexuais de risco mais do que gravidez adolescente... existência de gang's, atualmente vê-se a pequena criminalidade o tráfico de droga." (E9;ex-coordenadora)*

*"Olha o problema de habitação, desemprego a mesma coisa. Incapacidade de mudança é outro. A questão do tráfico também, a questão da droga também, do crime já começou também a haver a nível de roubos... a desocupação destes miúdos então isso é gravíssimo, porque eles passam a vida aí nas esquinas a fazer grupos." (E16; parceiro informal)*

*"Há assaltos, assaltos a casas, assaltos a farmácias, por vezes há conflitos, mas não é nada que na minha infância que eu já não tivesse visto" (NJ3)*

Ao nível de recursos sociais, nomeadamente em termos de serviços é possível verificar com base nos discursos analisados a presença de diversas entidades e serviços que desenvolvem a sua atividade diária em prol da comunidade. É notória a forte presença de associações referentes às proveniências dos habitantes daquela freguesia, que para além do trabalho que desenvolvem para os seus emigrantes, desenvolvem também todo um trabalho em prol da comunidade. Para além disso, destaca-se ainda a presença da equipa de RSI; de uma delegação da junta de freguesia, de farmácias, de uma extensão do centro de saúde da Baixa da Banheira, de uma escola secundária, uma escola de primeiro e segundo ciclo, duas escolas de primeiro ciclo, grupos desportivos, um equipamento inovador o centro de experimentação artística, entre outros. Contudo, destaca-se a inexistência de uma creche / pré-primária de carácter público o que dificulta a integração das crianças no sistema educativo desde tenra idade. Destaca-se ainda o investimento por parte das entidades competentes no Vale, possibilitando o acesso a mais recursos e serviços contudo, existe também por parte da população residente um desconhecimento de todos os recursos e serviços existentes, o que em larga medida influencia o acesso aos mesmos.

*"Muitas associações de emigrantes: associação de emigrantes de Angola, da Guiné, de Cabo Verde. São associações importantes e presentes que desenvolvem trabalhos efetivamente para a comunidade, não só para as suas comunidades de emigrantes, mas para a comunidade em geral do Vale da Amoreira." (E1; coordenação do projeto)*

*"centro de saúde, a junta de freguesia, as associações angolana e cabo Verdiana e guineense (...) há a equipa do RSI (...) o instituto desportivo de Portugal (...) há ainda duas escolas e também as escolas de 1º ciclo" (E5; associação promotora)*

*"evoluiu um pouco sem margem de dúvida (...)Tem mais recursos e mais serviços, além de que toda a infraestruturas tem vindo a ser requalificada." (NJ3)*

*"O que muitas vezes não existe é um conhecimento da população acerca do que têm disponível, que condiciona o acesso aos serviços." (E2; técnico do projeto)*

Ao nível da condição face ao trabalho, a freguesia do Vale da Amoreira apresenta uma taxa de desemprego 27,6 %, e em que cerca de 5% da população residente não tem qualquer grau de escolaridade. Para além da elevada taxa de desemprego, grande parte dos habitantes do *Vale* tem trabalhos precários, motivados muitas vezes pela situação de ilegalidade fortemente presente, nos quais muitos deles acabam por ser explorados. Face a isto, é possível verificar nesta comunidade uma grande dependência de apoios sociais, nomeadamente do Rendimento Social de Inserção. Quanto à população jovem, num panorama nacional, e de acordo com dados disponibilizados pelo INE, em Março de 2014, o desemprego jovem registava-se nos 35,4%.

*"há muito uma comunidade em que grande parte subsiste através do RSI" (E9;parceiro formal)*

*"Tens pessoas de RSI, há pessoas com trabalhos de limpezas, há pessoas licenciadas, famílias monoparentais, famílias multiculturais com agregados em duas casas em que têm o mesmo pai. (...) Tens tudo, as famílias ciganas as famílias cabo verdianas, tens famílias guineenses e, todas elas são diferentes umas das outras e com dinâmicas muito próprias." (E8; parceiro formal)*

Relativamente à tipologia familiar existente, o Vale da Amoreira tem uma maior predominância de famílias monoparentais e numerosas, o que leva aos problemas de sobrelotação habitacional anteriormente mencionados. Em termos da população jovem, é uma freguesia na qual se verifica uma percentagem de 17,3% para crianças com idade compreendida entre os 0 – 14 anos 16,5% para jovens com idades compreendidas entre os 15 – 24 anos., com base nos dados relativos aos Censos de 2011. Nestas faixas etárias, é possível verificar nos discursos dos atores sociais ouvidos a presença de um conjunto de problemas presentes associados aos sistemas em que os jovens se inserem, nomeadamente: familiar, escolar e grupo de amigos que serão abordados posteriormente. Todas estas características, apresentam-se nos discursos analisados como fatores de risco que poderão estar relacionados com a génese e manifestação de comportamentos desviantes.

*"É um mistura... temos muitas situações de famílias alargadas que não é só pai-mão-filhos mas também avós-tios-primos que às vezes acabam por viver juntos... e ficam entregues à família. Temos casos de monoparentalidade" (E1; coordenação do projeto)*

*"Famílias numerosas... monoparentais, tias que não são tias, avós como cabeça de agregado. Avós que se formos a ver bem nem são bem netos... " (E13; parceiro formal)*

*"Por norma são famílias alargadas ou monoparentais com uma fratria longa, dois ou mais filhos (...) temos famílias reconstituídas... portanto, a mãe as crianças e o padrasto, ou o contrário (...) temos famílias nucleares também com um agregado alargado na sua fratria" (E19; parceiro informal)*

Desde o século XIX, que a família é considerada como um dos principais fatores associada aos problemas de comportamento dos jovens, tal como foi abordado no **Capítulo I**. Mais do que um agente de socialização, a família representa uma das principais instituições de controlo social destes jovens, cuja ação (quer na transmissão de regras, limites e valores) se revela fundamental na manutenção do vínculo social destes jovens à comunidade e em simultâneo à sociedade. (Carvalho; 2010b) O contexto familiar destes jovens, alguns deles marcados por situações de rutura dos laços familiares, de acordo com o discurso dos atores sociais que os acompanham, caracterizam-se por frequentes referências a situação de fracas competências parentais, baixa supervisão parental aliado aos modelos parentais que muitas das vezes não são considerados adequados às

necessidades destes jovens, levando a que não existam regras nem limites na vida deles, e ainda, uma pouca valorização por parte dos pais do papel e da importância da escola, o que poderá contribuir em larga medida para a manifestação de comportamentos desviantes. Relacionando isto com os contributos de José Machado Pais, abordados no **Capítulo I** do presente trabalho, em ambas as correntes geral e classista, o conceito de cultura juvenil está associado ao de cultura dominante. Porém, a corrente geracional entende a juventude enquanto fase da vida e, segundo esta corrente em qualquer sociedade pode existir mais do que uma cultura que partilham apenas o mesmo sistema de valores. Admite-se assim a existência de uma cultura juvenil própria que se opõe a cultura dominante (partilhada pelas gerações mais velhas) na qual *“as experiências de determinados indivíduos são compartilhadas por outros indivíduos da mesma geração, que vivem, por esse fato, circunstâncias semelhantes e que têm de enfrentar-se com problemas similares”* (Pais; 2003:51), o que poderá explicar a associação destes jovens ao grupo de pares, e posteriormente explicar a emergência dos comportamentos desviantes no grupo. Por último, a corrente classista na qual as culturas juvenis são vistas enquanto culturas de classe, ou seja, determinadas por relações de classe. Deste modo, *“a delinquência juvenil (...) seriam efeito da crise, da anomia, das frustrações e tensões próprias de uma fase da vida caracterizada por uma relativa indeterminação de estatuto”* (Idem)

*"a questão de rutura (...) com o contexto familiar e isso leva depois a ter comportamentos disruptivos em termos da sua comunidade" (E6; parceiro formal)*

*"A estrutura familiar, as relações familiares, o ser tudo assim bastante desestruturado e não ser uma coisa coesa e unida de certa forma também poderá levar a que a delinquência surja" (E5; associação promotora)*

*"Aqui a supervisão familiar e o próprio interesse e acompanhamento, muitas vezes é devido até a todos os constrangimentos com que estas famílias se deparam, porque têm de trabalhar longas horas / duplas jornadas de trabalho, que fazem com que eles não estejam cá presentes" (E2; técnico do projeto)*

*"E depois os modelos obviamente, se tem esse tipo de práticas em casa, é aquilo que eles vão naturalizar como sendo o normal..." (E15; ex-coordenadora)*

*"a questão das competências parentais e até as próprias condições de desenvolvimento das próprias famílias e o seu contexto socioeconómico" (E6; parceiro formal)*

*“numa fase muito precoce a ausência de regras e limites dos pais” (E13; parceiro formal)*

*“Os pais não valorizam a escola, isso é outra questão. Eles não tiveram escola. A escola deles foi a escola da vida, a rua” (E5; associação promotora)*

Considerando, entre outros fatores, a situação de degradação do *Vale* e as precárias condições de habitação existentes, nestas condições, a integração no grupo de amigos processa-se através da afirmação do eu, associando-se dessa forma determinados valores e práticas encarados pelos próprios como normais nesse contexto, mas rotulados de desviantes pela sociedade em geral. O grupo de pares, a maioria deles grupos organizados que existem no *Bairro*, em que muitos dos seus elementos frequentam a mesma escola e até turma, constitui, para estes jovens, o meio onde se moldam e afirmam as suas personalidades, comportamentos, expectativas e atitudes. (J. Luís Garcia et al., 2000; Simon Frith, 1984). Mais do que no contexto familiar é no contexto do grupo, que estes jovens procuram satisfazer as necessidades de afirmação e valorização que muitas das vezes não têm no contexto familiar e escolar. Vêm-no como uma forma de integração social na comunidade, uma vez que através deles alcançam algum, prestígio e reconhecimento pelos comportamentos e atitudes praticadas em conjunto ou individualmente, tal como foi abordado no **Capítulo I**. Tal pode ser reforçado uma vez que *“os jovens ao escolherem como modelo de referência os seus companheiros – e a convivência nalguns casos intensa, frequente, genuína e significativa que com eles mantêm – continua a legitimar a admissão da hipótese segundo a qual algumas normas e padrões de comportamento geralmente aceites pelos adultos não são seguidos pelos mais jovens”* (Pais; 2003: 55). Apesar de se tratar de um paradoxo, é aqui que desenvolvem sentimentos de pertença que contribui em larga medida para o desenvolvimento da sua autoestima e identidade. Aparece ainda nos discursos analisados, o conceito de anti-herói, relacionado com o desejo destes jovens em igualarem outros jovens com um vasto percurso de comportamentos desviantes, estando alguns deles a cumprir medidas da LTE.<sup>5</sup>

*“ de facto é possível observar os caminhos de desvinculação Existem muitas questões relacionadas com a família, em que a situação de desemprego, (...) de carência socioeconómica leva a uma própria destruturação, e os jovens procuram associarem-se a outros grupos de jovens, cujos caminhos se encontram relacionados com pequenos crimes, pequenos delitos” (E2; técnico do projeto)*

---

<sup>5</sup> Dados recolhidos com base em conversas informais.

*"a construção dos anti-heróis, e isso na escola é muito fácil (...) um jovem que faz trinta por uma linha (...) é admirado pelos outros e é levado a mudar... eu chamo a isso anti-herói por causa do lado negativo (...) isto constrói-se muito a partir da escola e também a partir das expectativas" (E5; associação promotora)*

*"por mais que tenham uma família que tenha bons valores, por mais que tenham adultos a dizer o que é certo e o que é incorreto, se estão numa idade em que o grupo de pares é mais importante para eles, e as referências do grupo de pares são mais importantes, fica muito difícil para estes adolescentes muitas vezes conseguirem dizer não. " (E8; parceiro formal)*

*"Acaba por ser uma coisa em que eles se sentem integrados e em que se calhar não são julgados, como passam a vida a ser julgados noutras contextos em que se sentem aceites e são bons naquilo que fazem (...) Tem a ver também com a própria valorização pessoal. O sonho de todos eles é ser gangster(...) Porque tem estatuto!" (E15; ex-coordenadora)*

*"há ali fenómenos de pertença (...) os jovens que estão em rutura acabam eles próprios por encontrar aliados no seu processo de sobrevivência (...) levam a que as pessoas mais facilmente (...) sejam atraídos por outros e isso tem a ver com os consumos, com determinado tipo de posturas e acabam por desenvolver aquele tipo de atitudes para pertencerem a grupos que para eles são uma forma de defesa, uma forma de afirmação, porque de alguma maneira é um contexto onde se sentem valorizados." (E6; associação promotora)*

*"O facilitismo que existe acaba por ou ser uma forma de inserção, de se sentirem valorizados, ou uma forma de subsistência fácil... eles tem muita dificuldade em perceber as consequências, até porque muitas das vezes não há consequências." (E15; ex-coordenadora)*

*"E o que contribui mesmo para estes miúdos serem assim são os mais velhos. Eles vêm os mais velhos e querem fazer igual, se ele é muito mau eu também tenho de ser." (E4; dinamizador comunitário)*

Aqui a influência exercida pelos mais velhos tem um peso fundamental na associação do jovem ao grupo. A ambição em querer igualar os mais velhos, desenvolve no jovem a vontade em associar-se a seguir os mesmos padrões de comportamento repercutidos no grupo, e aceites no *Bairro*. Tal pode ser reforçado, tendo em conta que *"É no curso das suas interações sociais, que os jovens constroem formas sociais de*



*compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e ação” (Pais; 2003:70)*

*“Tudo por causa da influência, da afirmação perante os amigos “tu tens de fazer, porque nós fazemos, se não podes ser excluído”, e eles acabam por fazer. São coisas que acontecem muito aqui, as influências mais fortes do bairro, eles veem-nas como exemplo, e querem fazer. “Quando eu for grande tenho que ser como ele, veste-se muito bem, eu tenho que me vestir como ele e tenho que ter um carro como ele”, então ao saber que um amigo mais velho conseguiu de certa maneira eles querem seguir a mesma linha. (...) porque acham mais fácil ser assim, porque se os mais velhos fazem assim, então é porque no bairro é mais aceitável fazer assim. Então tem todos de seguir a mesma linha (...). Eles fazem isso consoante a idade e os amigos que eles vão tendo, porque há medida que eles vão crescendo eles vão não querer andar com jovens da mesma idade que eles, mas sim com jovens mais velhos porque têm maior aceitação. E é assim que eles funcionam...” (E4; dinamizador comunitário)*

Para além de tudo isto, é importante compreender quem são estes jovens, bem como quais os problemas e dificuldades com que se deparam ao longo do seu percurso de vida, muitas das vezes condicionado por grande parte dos problemas que tem vindo a ser abordados ao longo do presente capítulo e no capítulo I relativo ao enquadramento teórico. Neste sentido, é notório as fragilidades presente ao nível da sua autoestima e construção da identidade, onde muitos deles a forma que tem de comunicar é frequentemente com recurso à agressividade. Para além disso, são jovens que não tem grandes objetivos e, ou projeto de vida claramente definidos, e onde não há uma grande valorização da escola. Em simultâneo a estes aspetos, aparecem ainda como fatores de risco individuais, as privações a que estes jovens estão sujeitos, sobretudo nas faixas etárias mais pequenas o que poderá condicionar todo o percurso de vida do jovem.

*"São jovens maioritariamente entre os 11-16 anos (...) jovens com pouca resistência face a frustração, com uma imagem de si próprios que nem sempre corresponde à realidade e que muitas vezes é pejorativa (...) Não existe uma grande valorização de si próprios, das suas próprias capacidades" (E2; técnico do projeto)*

*"São jovens com grande anomia (...) Estes jovens tem muitas dificuldades em assumir compromissos, combinarem uma hora e eles estarem presentes a essa hora, as regras, os limites... tudo isso é difícil de eles cumprirem" (E13; parceiro formal)*

*"A agressividade muitas vezes é a forma de comunicar que acaba por os proteger a eles próprios, mais vale eu atacar e através do medo é algo onde eu consigo o meu respeito o meu lugar (...) as ameaças é a forma de conseguir alcançar, pelo menos que reparem neles. (E2; técnico do projeto)*

*"As principais lacunas, ao nível do autocontrolo e estou a falar de todo o tipo de autocontrolo, seja de passagem ao ato, da agressividade, de autocontrolo físico, de autocontrolo verbal, autocontrolo emocional. (...) estes jovens não desenvolveram o locus de controlo interno (...) Irresponsabilidade, uma desresponsabilização face a tudo (...) fraca resistência à frustração (...) são muito carentes" (E9; ex-coordenadora)*

*"os jovens estão muito entregues a si e acabam por muitas vezes não terem um sentido de pertença ou então, observam situações de maus tratos, negligência e acabam por enveredar por uns caminhos onde sentem algum tipo de aceitação de pertença a algum lado, e de que alguém lhes dá atenção" (E2; técnico do projeto)*

*"As privações que eles passam e a vontade de querer ter mais, e sobretudo quando são tao novos, eu acho que acaba por potenciar esse tipo de situações." (E15; ex-coordenadora)*

Em simultâneo a estes fatores de risco individual, aparece ainda a incapacidade destes jovens de dizerem não apelo constante por parte de outros jovens para ingressar em grupos onde os comportamentos desviantes são prática comum e aceite por todos os seus membros. Esta lacuna, ao nível do autocontrolo dificulta muitas vezes o trabalho que se procura fazer com estes jovens no sentido da *"escolha positiva"*

*"porque os jovens que não são capazes de dizer que não a influências exteriores normalmente não conseguem alcançar a escolha positiva" (E2; técnico do projeto)*

Relativamente ao contexto escolar, a escola, é hoje, a instituição onde a criança e os jovens são educados para a vida. No decorrer de todo o processo de ensino, a escola é responsável não só pela transmissão de regras de conduta social mas também pela transmissão de competências com vista à inserção no mercado de trabalho. Porém, tendo em conta o contexto em que se encontram inseridos e todos os outros problemas associados, para estes jovens a escola afigura-se como algo meramente desinteressante e sem qualquer importância e valorização, na construção pessoal e do próprio projeto de vida. Porém, existem aqui algumas lacunas, nomeadamente no que diz respeito a um

contacto mais regular com os próprios encarregados de educação, mas também, na dificuldade que esta instituição tem de desconstruir a forma como os jovens a vislumbram.

*"A escola muitas vezes é uma obrigação, pouco ou nada se retira da escola, das aprendizagens realizadas, e há aqui uma grande desvinculação, um grande hiato entre os jovens e a própria instituição escolar" (E2; técnico do projeto)*

*"falha muitas vezes o contacto mais regular com o encarregado de educação que não está muitas vezes disponível para vir à escola fazer aquela ponte essencial entre a escola e a família, para que o aluno tivesse ali uma base estável desses valores e desses comportamentos." (E8; parceiro formal)*

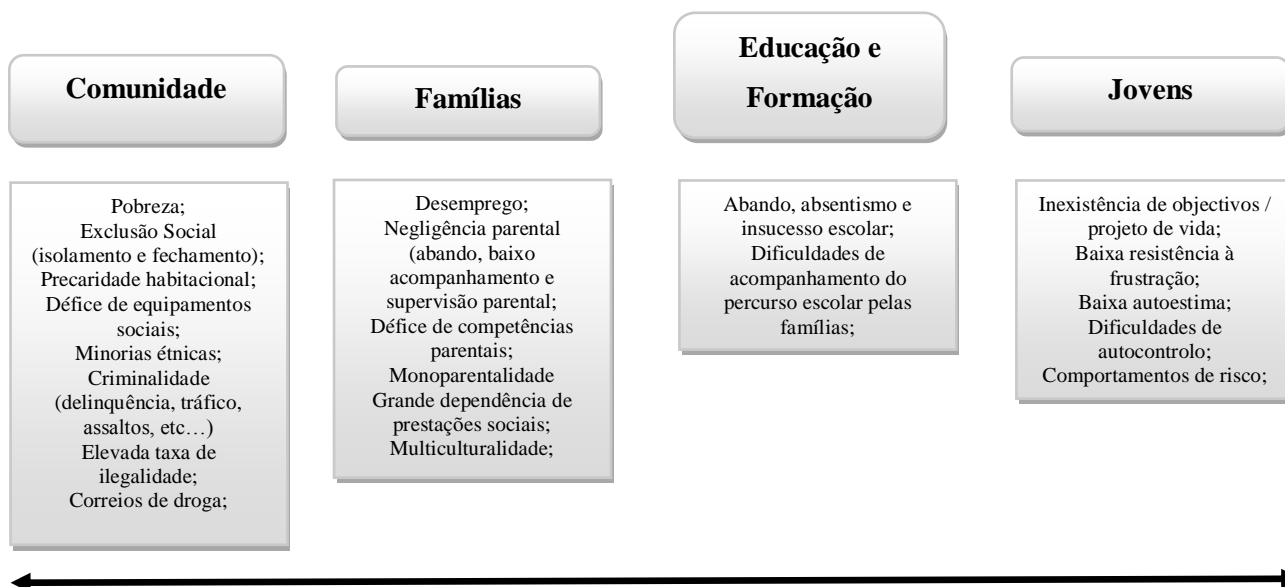
*"Tentar sensibilizar para estratégias alternativas. Tentar até com os próprios jovens, desconstruir esta visão da escola e, (de que a escola não lhes trás nada de bom nem de necessário para a vida que eles querem ara si próprios), e tentamos aqui junto quer dos agente educativos, quer junto dos próprios jovens desconstruir esta ideia." (E2; técnico do projeto)*

Para além de ser uma obrigação, em alguns casos a escola contribui também para evidenciar ainda mais a imagem negativa do próprio jovem, o que faz com que esta relação entre escola-jovem seja ainda mais conflituosa.

*e podemos agora identificar mais recentemente é que, a escola acaba por transmitir aos próprios jovens o seu, uma desvalorização. (...)este rótulo negativo pode não vir anteriormente associado ao jovem, mas pode vir dentro da própria escola e, acaba muitas vezes por ser cada vez mais sublinhado e destacado. E o jovem, ao que nós temos acesso, os jovens depois pensão ok se esta é a imagem que têm de mim, não há razão pela qual eu deva ser diferente, eu deva ser bom aluno" (E2; técnico do projeto)*

Para terminar e em jeito de síntese, agrupou-se em quatro domínios: Comunidade, Famílias, Educação e Formação e Jovens, os principais problemas verificados em todos eles, como é possível verificar na figura a baixo apresentada. Vistos enquanto sistema nos quais o jovem se insere, estando ambos em permanente relação e interação.

### Principais problemas presentes no Bairro



**Figura 2** - Principais problemas presentes no Bairro,  
(Elaboração própria – com base nos dados recolhidos)

## 5.2. Breve resenha histórica do EscolhasVa

Poucos programas em Portugal têm tido a duração do Programa Escolhas que, iniciado em 2001 encontra-se hoje na sua 5ª geração, detendo pois 13 anos de duração e experiência no território o que lhe confere um carácter particular mas, e sobretudo, lhe permitiu ter uma capacidade reflexiva que facilitou um ajustamento de objetivos, finalidades, estratégias de intervenção e de públicos-alvo ao longo de todas as gerações que o caracterizam. O início do Programa Escolhas, em 2001, centrou-se muito no desenvolvimento de projetos de intervenção de prevenção da criminalidade, de inserção e de formação social e pessoal das crianças e jovens em risco ou em situação de pré-delinquência. Nesta altura, tratava-se de um programa muito centralizado, sendo gerido pelas suas estruturas centrais, enquanto na 2ª geração o Programa remete para as dinâmicas locais o desenho e execução dos projetos.

### Evolução histórica do programa Escolhas a nível nacional

	<b>1ª Geração (2001 – 2003)</b>	<b>2ª Geração (2004 - 2006)</b>	<b>3ª Geração (2007 – 2009)</b>	<b>4ª Geração (2010 – 2012)</b>	<b>5ª Geração (2013 – 2015)</b>
<b>Principais enfoques / aéreas de intervenção</b>	Delinquência Juvenil Inclusão juvenil	Insucesso escolar; Abandono escolar;	Insucesso escolar; Abandono escolar; Competências familiares / parentais;	Insucesso e abandono escolar; Emprego e qualificação profissional; Dinamização comunitária;	Transição para a vida adulta; Inserção no mercado de trabalho; Empreendedorismo
<b>População – alvo</b>	Crianças e jovens dos 12 aos 18 anos;	Crianças e jovens entre os 6 e os 18 anos, e ainda, jovens entre os 19 e os 24 anos;	Crianças e jovens entre os 6 e os 18 anos, e ainda, jovens entre os 19 e os 24 anos;	Crianças e jovens entre os 6 e os 18 anos, e ainda, jovens entre os 19 e os 24 anos;	Jovens entre os 11 e os 24 anos;
<b>Contexto de desenvolvimento</b>	Zonas urbanas desfavorecidas;	Contextos socioeconómicos desfavorecidos e vulneráveis;	Zonas urbanas desfavorecidas; Zonas rurais em depressão;	Zonas urbanas desfavorecidas; Zonas rurais em depressão;	Zonas urbanas desfavorecidas; Zonas rurais em depressão;
<b>Número de projectos</b>	50	87	120	134	141

**Tabela 1** - Evolução histórica do programa ESCOLHAS a nível nacional;  
(elaboração própria)

A intervenção do ESCOLHAS no Vale da Amoreira iniciou-se com o projeto “*Sinais dos Outros*”<sup>6</sup>. Na altura, tratou-se de um projeto-piloto que visava essencialmente o acompanhamento de jovens em risco em contexto escolar.

*"Candidatura, centralizada em jovens de risco, que se chamou na altura Os sinais dos outros" (E5; associação promotora)*

Foi também na transição da 1ª para a 2ª geração que o programa viu a sua finalidade alterada, assumindo-se esta mudança como um marco histórico ao longo destes 13 anos de intervenção. Neste sentido, o projeto deixou de estar vocacionado para a prevenção de comportamentos de risco e delinquência juvenil, para passar a ser um programa de integração social de crianças e jovens de contextos socioeconómicos mais vulneráveis.

<sup>6</sup> Fonte: E6;

*"Passamos a estar mais focados na inclusão de crianças e jovens nos contextos vulneráveis, mas aqui com alguma incidência obviamente nas minorias étnicas..." (E10; parceiro formal)*

*"Precisamente porque era absolutamente fundamental trabalhar nos mecanismos de prevenção e, não já quando havia digamos comportamentos e atitudes já consequência de um trabalho de desagregação das comunidade e portanto, traduzido em delinquência. Ou seja, na prática ter um trabalho muito mais abrangente e que se virasse bastante para a qualificação dos territórios e portanto, de alguma maneira acionando os mecanismos de prevenção. " (E6; parceiro formal)*

Ainda na transição entre a 1ª e a 2ª geração, verificou-se também uma alteração ao nível da estrutura organizativa do próprio programa. Neste sentido, na 1ª Geração, o desenho, acompanhamento e execução dos projetos eram assegurados por uma equipa sob a alçada direta da coordenação central, de acordo com uma lógica mais *top-down*, intervindo diretamente no terreno, enquanto na geração seguinte o respetivo desenho e execução dos projetos ficou a cargo de comissões organizadas localmente em cada comunidade, de acordo com uma lógica *bottom-up*. Esta nova lógica, permitiu aos projetos aproximar cada vez mais a intervenção às necessidades dos jovens e da própria comunidade.

*"era uma intervenção mais top – down, era desenhada centralmente e depois ia-se para o território e, começou-se a pensar em ter comissões organizadas localmente com desenhos feitos com base em diagnósticos locais mais de baixo para cima" (E15;ex-coordenadora)*

A 2ª Geração do programa no Vale da Amoreira foi levada a cabo por um projeto que ficou conhecido como *"TVA – Transição para a vida adulta"*, também ele sediado em contexto escolar, mas em permanente articulação com a comunidade. Nesta geração, pretendia-se sobretudo compreender e conhecer a comunidade, o território, os jovens e as famílias no sentido de se intervir mais precocemente e não apenas quando os comportamentos desviantes estivessem já presentes. O trabalho levado a cabo ao longo desta geração centrou-se muito na mediação escola-jovem-família.

*"Esse TVA era na escola mas, pensando já nos jovens que estavam mais avançados e que tinham mais problemas a nível de integração" (E5; associação promotora)*

*"quando nós avançamos para o tal TVA, pegamos precisamente no conhecimento que havia daquela comunidade, daqueles jovens e portanto, trabalhamos bastante em contexto de escola com ligação à comunidade, mas a partir do contexto escola. Ora, esse trabalho foi fundamental em termos de fazer alguma ligação daquilo que é a intervenção educativa e a relação precisamente com o contexto extraescolar porque obviamente consideramos absolutamente fundamental perceber muito bem qual é a situação daquele território, daquelas comunidades e obviamente perceber quais são os contextos de desenvolvimento da delinquência dos jovens" (E6; parceiro formal)*

Com o finalizar da sua segunda geração, o projeto é novamente marcado por uma mudança, que se traduziu na sua passagem para a comunidade. Na altura, tratou-se de uma mudança que teve algumas repercussões ao nível do número de jovens envolvidos, e ainda, na sua fixação ao projeto. A par dessas dificuldades sentidas esta alteração permitiu ao projeto ganhar uma maior sustentabilidade e visibilidade,

*"Em 2006, o ESCOLHAS não permitiu que nenhum projeto ficasse dentro da escola, portanto tivemos que vir para a comunidade. E, é evidente que isso não foi um processo fácil porque, dentro da escola de alguma forma as pessoas estavam protegidas e, fora da escola era um desafio muito maior porque os jovens só vinham cá se quisessem." (E5; associação promotora)*

*"Ganhou maior credibilidade, teve que se sustentar por si mesmo, teve que se basear numa rede de parceiros portanto, ganhou aqui uma sustentabilidade e uma visibilidade e credibilidade maior." (E9; ex-coordenadora)*

Na sua 3ª fase, o programa ESCOLHAS foi entendido como um prolongamento da fase anterior acentuando no entanto, a intervenção com públicos mais novos e num investimento maior na intervenção com as famílias destes jovens.

*"nós demos continuidade na 3ª geração ao trabalho, porque foi um trabalho que teve uma boa avaliação aqui por parte da equipa central, mas também porque era efetivamente um trabalho que estava a ter frutos" (E15; ex-coordenadora)*

Já na sua 4ª fase, na qual a sociedade portuguesa se encontra marcada por um elevado desemprego juvenil com especial expressão nos contextos sociogeográficos onde estão implementados estes projetos. Tendo em conta todas as mudanças e dificuldades que atravessam a nossa sociedade o programa começou a orientar-se para um maior enfoque em grupos mais velhos menos focalizados nas fases anteriores intervindo assim ao nível das problemáticas de formação profissional, emprego, empreendedorismo, sem abandonar as problemáticas anteriores. Também a cidadania e a animação comunitária se destacam como objetivos expressos retirando um potencial fechamento num trabalho mais individualizado e de pequenos grupos.

Deste modo, e para terminar assumem-se como linhas de continuidade entre todas as gerações: o desenvolvimento de um plano de atividades de acordo com as necessidades dos jovens que permitam trabalhar o desenvolvimento de competências pessoais e sociais; o apoio ao estudo, e ainda, o apoio na concretização de um projeto de vida.

*"Essa é outra linha que se mantém desde a 3ª geração, que é o desenvolvimento de competências pessoais e sociais" (E5; associação promotora)*

*"A grande aposta sempre foi apesar de estar na comunidade, o apoio ao insucesso escolar, apoio ao estudo, apoio aos projetos de vida, prevenção da exclusão no seu todo." (E9; ex-coordenadora)*

*"O histórico disto tem sido a definição de um plano de atividades que é aprovado por todos os parceiros e depois, ao longo da sua execução uns balanços e umas avaliações que nos dão indicadores se estamos a corresponder àquilo que as pessoas / jovens no próprio bairro também necessitam. " (E10; parceiro formal)*

*"A 4ª e a 5ª geração do programa, e obviamente também respeitando as alterações propostas pelo projeto, acaba por ser de fato um trabalho de continuidade, tendo sempre em atenção aqui as novas dinâmicas e alterações, não só da freguesia do Vale da Amoreira mas também as alterações a nível geral do país. " (E1; atual coordenadora)*

*"aquilo em que nós continuamos a apostar muito é o apoio ao estudo. E portanto, isso é uma linha de continuidade desde o primeiro momento" (E5; associação promotora)*



### 5.3. Dinâmica atual do projeto

Concebido para dar resposta para dar resposta ao nível dos problemas de delinquência juvenil através da inclusão social destes jovens, o programa ESCOLHAS surge no Vale em 2001 (tal como foi abordado no subcapítulo anterior). Atualmente, a 5ª geração do programa ESCOLHAS organiza-se em cinco áreas estratégias de intervenção, designadamente: a) inclusão escolar e educação não formal; b) formação profissional e empregabilidade; c) dinamização comunitária e cidadania; d) inclusão digital e e) empreendedorismo e capacitação.<sup>7</sup> De acordo com estas áreas, o projeto *EscolhaVa* definiu um plano de atividades tendo de base estas linhas orientadoras, como se pode ver na tabela seguinte:

**Atividades desenvolvidas pelo projeto**

Áreas de intervenção	Ações	Atividades desenvolvidas
Inclusão escolar e educação não formal	a) Combate ao abandono escolar precoce, através da criação de novas respostas educativas;	Turma PCA
	b) Promoção do sucesso escolar, dentro ou fora da escola, através do desenvolvimento de competências pessoais, sociais e cognitivas por via da educação formal e não formal;	Saber +; Gabinete Jovem; Crescer +; Acompanhamento turma CEF; Reuniões com professores.
	c) Corresponsabilização dos familiares no processo de supervisão parental.	Entrelaços; Gabinete mediação família/escola
Formação profissional e empregabilidade	a) Promoção de atividades que visem favorecer a transição para o mercado de trabalho;	Visitas de aproximação a contextos formativos, empresas... Rumo@Futuro
	b) Encaminhamento de jovens para respostas de formação profissional para jovens;	Oficina de orientação;
	c) Criação de novas respostas de formação profissional para jovens;	Turma CEF;
	d) Promoção da responsabilidade social de empresas e outras entidades, através de estágios e de emprego para jovens.	TVA (Transição para a vida ativa)
Dinamização comunitária e cidadania	a) Atividades lúdico-pedagógicas;	VA com Escolhas; Espaço EVA; Workshop's EVA.
	b) Atividades desportivas;	VA a Mexer; Domingos em movimento;
	c) Atividades artísticas e culturais;	Oficinas artísticas; ExpressA'rte.
	d) Atividades que visem a sensibilização para a saúde sexual e	Afetos.

<sup>7</sup> Com base na Resolução do Conselho de Ministros nº 68/2012 que renova o programa ESCOLHAS para o período 2013 – 2015.

	reprodutiva.	
Inclusão digital;	a) Atividades ocupacionais de orientação livre;	Oficina de exploração livre.
	b) Atividades orientadas para o desenvolvimento de competências;	Oficina multimédia; Webquest's;
	c) Cursos de iniciação às tecnologias da informação e da comunicação;	Cursos de iniciação para famílias; Oficina digital;
	d) Formação certificada em tecnologias da informação e comunicação;	Formação certificada para famílias; Formação certificada para jovens;
	e) Atividades de promoção do sucesso escolares e da empregabilidade;	Oficina virtual de apoio escolar; CID@Emprego.
Capacitação e empreendedorismo	a) Voluntariado e Serviço à comunidade;	Vale +.
	b) Visitas, estágios e parcerias com organizações e empreendedores que possibilitem o alargar das experiências dos jovens;	Experimenta!
	c) Participação no Concurso Anula de Ideias para Jovens, em 2014 e 2015, em condições a definir posteriormente pelo Programa Escolhas;	Atitude +.
	d) Atividades formativas ou outras que promovam o desenvolvimento de competências empreendedoras;	Energia jovem.
	e) Promoção da mobilidade juvenil e de intercâmbio dentro e fora do território nacional.	InterCaminhos.

**Tabela 2** - Atividades desenvolvidas pelo projeto (Fonte: Candidatura à 5ª Geração)

*"As incidências neste momento têm muito a ver com o acompanhamento individualizado a alguns jovens" (E18; parceiro informal)*

*"uma das ações específicas que se encaixam que atividades é que nos pareciam mais benéficas aqui para a população do Vale da Amoreira." (E1; coordenação do projeto)*

Nesta geração, para além de o trabalho levado a cabo ser visto como uma linha de continuidade da anterior geração, destaca-se o grande enfoque no acompanhamento individualizado destes jovens. Tal como anteriormente abordado, existe uma clara ausência de objetivos e/ou projeto de vida por parte dos jovens, e esta intervenção de carácter mais individual inicia-se com o desenho de um projeto de vida, havendo ao longo de toda a intervenção momento de planeamento e avaliação, o que está inteiramente relacionado com a lógica de acompanhamento social, como será mais tarde abordado no **capítulo VII**.

*“e aqui nós privilegiamos, uma intervenção mais individualizada. Procuramos (...) levá-los a pensar pelo menos a longo prazo. Agora é assim, o que é que poderia ser a longo prazo (...) ser um objetivo. Qual é o caminho que temos de percorrer para o alcançar, porque depois aqui também o planeamento (...). E, aqui o planeamento o tentar trabalhar com eles as diversas etapas que são necessárias percorrer, sem saltar nenhuma para conseguir o objetivo, acaba por ser o trabalho que é feito. Mas leva tempo, isto nunca é no momento, é algo que é sempre a longo prazo. Precisamos de ir trabalhando, de ir reforçando, para ir puxando por eles. Acompanhar, ver como está, fazer ponto de situação. (E2; técnico do projeto)*

Para além do acompanhamento individualizado, destaca-se ainda um grande investimento em atividades de carácter artístico e cultural e ainda, na capacitação e desenvolvimento de competências sociais e pessoais. Para além destas áreas de maior investimento, é ainda notório o investimento por parte do programa no acesso às tecnologias de informação e comunicação, quer por parte dos jovens, quer por parte das famílias. A aposta na promoção de inclusão digital assume uma dupla função: inicialmente, tendo em vista o contacto destes jovens com as novas tecnologias da informação, através do acesso livre e por vezes da certificação dessas mesmas competências e, simultaneamente, como um instrumento de promoção de outras competências, nomeadamente como meio de apoio escolar, estímulo e atrativo para a participação em diversas atividades, permitindo a capacitação pessoal, social, escolar e técnica destes jovens e respetivas famílias. Em termos de funcionamento, o projeto funciona normalmente seis dias por semana, de acordo com as atividades semanalmente programadas.

*"Na área de desenvolvimento de competências claramente... seja através da arte, ou de outras atividades que realizem. Há uma forte aposta na área da capacitação e autonomia destes jovens." (E12; parceiro formal)*

*“A nossa aposta nesta geração é portanto, irmos readequando a nossa ação, apostando cada vez mais nas atividades artísticas e culturais, de forma a captar os jovens a mostrar outras alternativas, outros mundos, num fundo demonstrar-lhe o que poderão ser escolhas positivas” (E2; técnico do projeto)*

*"Investe muito nas questões da intervenção escolar. Muito na intervenção artística, nos atelier's... Também na parte TIC." (E6;parceiro formal)*

*"a inclusão escolar a educação não formal, dinamização comunitária e cidadania que é aquilo a que nós chamamos ocupação pedagógica dos tempos livres, o CID a inclusão digital também tem um forte peso (...) as duas primeiras, preferencialmente são as áreas de grande investimento. " (E9; ex-coordenadora)*

Em simultâneo às áreas de maior investimento existe todo um trabalho paralelo no desenvolvimento de competências sociais e pessoais (tal como anteriormente referido), onde se inclui a prevenção de comportamentos de risco com base numa ocupação estruturada e saudável dos tempos livres destas crianças e jovens. Face a isto, as necessidades de intervenção aparecem relacionadas com a importância de uma correta e saudável ocupação dos tempos livres (prevenindo deste modo os comportamentos de risco e desviantes); com a necessidade de existir nestas comunidades uma referência de apoio estruturada, que permita aos jovens o contacto com modelos e estilos de vida saudáveis e positivos.

*"Não têm no bairro nenhuma estrutura de apoio estruturada. (...) Por um lado, pretendemos dar resposta a isso, estruturar-lhes os tempos livres. E, por outro lado, também conseguir que eles tenham uma progressão escolar que lhe vá abrindo horizontes" (E5; associação promotora)*

*"Procuramos abordar as áreas que são consideradas (...) como de intervenção privilegiada por parte do próprio programa, nomeadamente: em termos do sucesso e progressão escolar, nós temos uma intervenção junto de jovens dos quais procuramos apoiar o seu percurso escolar, articulamos com professores, articulamos com as famílias, porque é uma preocupação muito nossa aqui (...) tentamos também focar a nossa intervenção para questões relacionadas com a empregabilidade, com a formação profissional procurando fazer encaminhamentos que sejam adequados para os próprios jovens, para de alguma forma os retirar da situação de desocupação, ou de fornecer alternativas" (E2;técnico do projeto)*

Quanto às áreas de menor investimento, destaca-se um menor investimento ao nível do empreendedorismo e capacitação destes jovens para desenvolver projetos específicos na sua comunidade.

*"investe menos tem a ver com as questões digamos (...) as questões do empreendedorismo. Na prática a capacitação dos indivíduos para desenvolverem um trabalho autónomo ligado à sua comunidade e, portanto ter um papel ativo na comunidade mas, conseguirem que façam não no contexto ESCOLHAS mas no contexto de processos mais autónomos."*  
(E6;parceiro formal)

De forma a ser possível a realização das atividades anteriormente apresentadas, o projeto conta diariamente com a colaboração de uma alargada rede de parceiros composta por diversos atores sociais que intervém direta e indiretamente junto da comunidade residente. Deste modo, esta rede de parceiros encontra-se representada por *"todos os parceiros a que o profissional recorre e que podem influenciar ou contribuir para o trabalho com o cliente"*. (Oliveira; 12010:67)

*"tenha de ser realizado um trabalho forte a nível da capacitação destes jovens e da sensibilização e de ganharem algum empowerment para a resolução dos seus próprios problemas... e, muitas vezes fortalecer ainda mais esta resiliência, porque face à exposição ao meio... acabam por enredar por escolhas não positivas (...)há aqui muita riqueza que têm de ser trabalhada e pode ser potenciada, mesmo para a resolução dos próprios problemas."* (E12; parceiro formal)

*"a escola é um parceiro fundamental. O GIS – Grupo de Intervenção Social que se encontra na escola, são também um parceiro privilegiado do projeto. (...) A CPCJ, temos muitos jovens aqui que são acompanhados pela CPCJ"* (E5; associação promotora)

*"esta nossa parceria com este projeto tem a ver para já com a nossa localização geográfica, nós estamos na área de intervenção do projeto e também, de certa forma no âmbito da nossa atividade que é ao nível de organizar formação. Portanto, daí o nosso centro tem alguma formação que está de certa forma relacionada com uma intervenção junto dos jovens"* (E10;

*"tentamos articular tudo o que diz respeito quer aos alunos que são comuns a ambos ou então, também ao nível das famílias. Fazemos acompanhamento ou atividades comuns, dinamizadas por eles ou por nós, ou então por ambos."* (E8;parceiro formal)

Contudo, a intervenção só é concretizada se tiver a participação dos jovens nas atividades. Deste modo, importa perceber as percepções que os monitores e técnicos do projeto possuem em relação ao envolvimento dos jovens nas atividades. De acordo com os discursos analisados, destaca-se um bom envolvimento da população jovem, havendo um grande grupo que participa com bastante regularidade. Porém, alguns dos jovens apenas participam esporadicamente nas atividades do projeto, talvez porque conhecem o trabalho que este realiza e quais os seus objetivos (visando também trabalhar questões de comportamento), ou também, devido aos interesses e gostos pessoais que cada um tem.

*"Sinceramente é mais por interesse também, na fase da idade deles é mais por interesse. Quando é uma coisa que lhes interessa muito, como por exemplo, ir à praia, é óbvio que ficam todos eufóricos. Só que para irem para a praia tem desafios que tem de ser cumpridos. É por pontos e só vai quem tem mais pontos. Quando lhes interessa eles aparecem todos. Quando é uma coisa que já não lhes interessa muito, eles comprometem-se mas depois acabam por não aparecer" (E4; técnico do projeto)*

*"aqui nós temos um envolvimento muito acima da média. Mas também já temos uma relação com o bairro, com eles, com a escola" (E5; associação promotora)*

*"Sinceramente é mais por interesse também, na fase da idade deles é mais por interesse. Quando é uma coisa que lhes interessa muito, como por exemplo, ir à praia, é óbvio que ficam todos eufóricos. Só que para irem para a praia tem desafios que tem de ser cumpridos. É por pontos e só vai quem tem mais pontos. Quando lhes interessa eles aparecem todos. Quando é uma coisa que já não lhes interessa muito, eles comprometem-se mas depois acabam por não aparecer" (E4; técnico do projeto)*

*"há um conjunto alargado de jovens que vão com regularidade (...) Depois, temos todos os outros que passam por lá em algum período da sua vida mas que por algum motivo não conseguem criar laços, ou porque lá está a rede à volta é mais forte e leva-o para outros caminhos, portanto não param tanto por lá. " (E8; parceiro formal)*

Para além da importância da relação estabelecida entre técnicos e jovens, a concretização das atividades fundamenta-se nos princípios do modelo sistémico. Deste modo, a intervenção de acordo com o modelo sistémico é apresentada nos discursos analisados, como uma ferramenta importantíssima durante todo o processo de acompanhamento do jovem, uma vez que lhes permite compreender todo um conjunto de

relações e interações nas quais o jovem participa, sendo posteriormente uma mais-valia em todo o processo de acompanhamento e mudança individual de cada um.

*"Abordagem sistémica das questões, não nos centramos apenas nas questões do jovens, mas também procuramos trabalhar com todos os outros sistemas que o envolvem e contribuem para o seu desenvolvimento e para a sua situação" (E2;técnico do projeto)*

*"Aqui a nossa base de trabalho é o jovem enquanto individuo. E trabalhamos sempre o jovem em todas as vertentes da sua vida (social, escolar, profissional, familiar) sempre numa perspectiva de trabalhar o todo, sempre numa perspectiva mais sistémica." (E1; coordenação do projeto)*

*"...intervenção do ponto de vista sistémico ou seja, na prática perceber que uma criança ou jovem está dentro de vários sistemas desde o familiar, ao escolar, etc...E, portanto perceber essa intervenção em contexto, isso é claramente assumido por todos os parceiros e, obviamente pelos técnicos. (...) . Portanto, não é só intervir no individuo mas no seu contexto" (E6; parceiro formal)*

A relação estabelecida entre o jovem e os técnicos, de acordo com os discursos analisados, é também ela de grande importância, uma vez que funciona como motor de todo o processo interventivo, uma vez que este relacionamento é o foco principal de um trabalho bem-sucedido, considerando que os problemas de comportamento emergem de relações anteriores que de alguma forma foram quebradas ou fragilizadas.

*"Acima de tudo eu digo que a chave se baseia tudo na relação. Podemos tentar fazer programas de competências espetaculares, podemos esforçarmo-nos para chamar as famílias, falar com a escola, se não houver relação e não nos preocuparmos primeiro em cuidar da comunidade, primeiro em estabelecer relações de confiança com os jovens não há teorias não há técnicas que vão resultar, eles não vêm ter connosco" (E9; ex-coordenadora)*

*"conseguir chegar a eles, porque isto só se constrói na relação. Se a pessoa não tiver relação não consegue." (E1; associação promotora)*

*“E depois a relação... eu acho que de facto a base é a relação que é estabelecida com eles, porque eles muitas vezes com outras pessoas há um certa distância até porque o trabalho assim o exige a nível técnico. E eles aqui o que sentem é que há aqui uma proximidade (... )Eu acho que eles sentem que aqui tem uma relação de proximidade e isso é importante para eles, porque se calhar também não voltavam” (E1; coordenação do projeto)*

No decorrer da sua atividade diária, o projeto conta com a colaboração de um técnico que desempenha de funções de mediador e ou dinamizador comunitário, revelando-se uma mais-valia na sinalização e integração dos jovens no projeto, dada a sua proximidade à comunidade e do conhecimento da cultura localmente praticada. A pertença do mediador à cultura da comunidade é apresentada pelos atores sociais ouvidos como uma presença importante, na medida em que apresenta algumas características facilitadoras, nomeadamente: o domínio da cultura local, um maior conhecimento dos jovens e grupos de jovens existentes, facilita a comunicação e o trabalho desenvolvido pelo projeto, e em simultâneo facilita a integração destes jovens no projeto e nas respetivas atividades. Deste modo, a mediação *“ao visar a participação das famílias e da comunidade em geral na procura de soluções adequadas a uma mudança na relação educacional, assumindo especial relevância na promoção e integração de crianças e jovens pertencentes a grupos étnicos minoritários.”* (Oliveira, et, al; 2005: 13-14)

*"Este programa tem um mediador que trabalha junto dos jovens, que é um jovem escolhido pela coordenação do programa e trabalha junto dos jovens. Portanto, esta vertente deste mediar acho muito interessante porque é um jovem que está no meio dos jovens e aí, ele tem uma facilidade também de fazer pontes com eles, de os mobilizar, fala a mesma linguagem e acaba por ajudar a mobilizá-los em termos da integração no programa." (E10; parceiro formal)*

Considerado um projeto social, o *EscolhasVa* engloba também na sua atividade diária momentos de avaliação, que permitem aos profissionais que dele fazem parte, conhecer melhor aqueles jovens; compreender melhor os problemas que os afetam diretamente em termos individuais e dos sistemas em que estão inseridos; refletir acerca do trabalho que diariamente levam a cabo; para que com isto possam ajustar a sua intervenção de forma a dar cada vez mais e melhor resposta às necessidades dos jovens e do próprio



território. Com base nos discursos analisados, é possível verificar que existem determinados momentos de avaliação com objetivos e finalidades distintas, nomeadamente: a reunião de equipa de carácter semanal; reunião de acompanhamento mensal; as reuniões de consórcio e ainda, o relatório de avaliação semestral que é exigido pela estrutura de coordenação central do programa ESCOLHAS. Para além destes momentos, existe ainda a Assembleia dos Jovens, que acontece de dois em dois meses, que não é mais do que um momento em que refletem sobre aquilo que o projeto é para si e para a própria comunidade.

*"Temos a reunião de equipa de carácter semanal, em que toda a equipa se reúne e discute o que foi feito, as estratégias utilizadas, as atividades que vão iniciar ou não (...) são momentos privilegiados porque todos nós estarmos ao corrente do que está a ser feito (...) relatório de avaliação semestral (...)tendo em conta os números que nós colocamos que antecipamos em termos das atividades desenvolvidas, número de participantes envolvidos, e então fazemos esta avaliação, procurando aqui associar uma reflexão do que pode ter conduzido ou não a algum desvio que se tenha verificado (...) as reuniões de consórcio também acabam por ser uma avaliação porque o grau de envolvimento com que estamos com os parceiros do projeto (...) acaba também por ser um momento em que procuramos ter acesso a diversas experiências e áreas de intervenção que contribuam também para o que tentamos estruturar" (E2; técnico do projeto)*

*"Reuniões de consórcio, onde são apresentados os resultados do projeto a todos os membros do consórcio, com discussão de estratégias para melhorar alguns números que estejam abaixo ou acima do esperado na candidatura, (...) as reuniões de acompanhamento que temos mensalmente." (E8;parceiro formal)*

*" assembleias de jovens, que efetivamente também está definido no regulamento do programa ESCOLHAS, tendo que acontecer no mínimo de dois em dois meses (...) a ideia era precisamente reunir com os jovens e perceber o que é que é o projeto para eles, se isto lhes faz sentido ou não, e receber os contributos deles" (E1; coordenadora do projeto)*

*"assembleia de jovens, em que os jovens partilham connosco e avaliam connosco o próprio projeto e propõem atividades quer no que diz respeito ao sucesso escolar, quer no que diz respeito à formação, à inclusão digital" (E2; técnica do projeto)*

Para além do trabalho diário que desenvolvem diariamente junto destes jovens, o projeto procura ainda envolver e trabalhar sempre que possível o contexto família destes jovens, considerado por muito como um dos fatores de maior peso no âmbito da manifestação de comportamentos desviante, como abordado no capítulo I. Atualmente, contam já com o envolvimento de 87 famílias, porém existem ainda algumas dificuldade de envolvimento e fixação destas famílias ao projeto. Este envolvimento, passa por um trabalho de fortalecimento e desenvolvimento de competências parentais, no sentido de capacitar estas famílias para a importância de uma adequada supervisão parental e ainda pelo papel importante que têm ao nível do estabelecimento de regras e limites nestes jovens, como foi abordado no **capítulo I** da presente dissertação. E ainda, pela possibilidade integração destas famílias em momentos de carácter formativo.

*"envolvimento das famílias e, é um dos pontos onde eu penso que há maior dificuldade porque, não há duvida que um programa daqueles apesar de ter ali diversas valências, os parceiros diversificam-se bastante mas, eu penso que hoje as pessoas estão marcadas por diversos fatores sociológicos, económicos, culturais... há ali uma série de questões que penso que não permitem em pleno haver aquele envolvimento com as famílias." (E10; parceiro formal)*

*"neste momento nós temos um envolvimento de 87 famílias (...) Porque às vezes aquelas famílias que nós gostaríamos de intervir são aquelas que fogem mais (...) o trabalho com as famílias passa também muito por os ajudar a pensar a questão da supervisão, e a importância da supervisão e das regras. Isto é o trabalho que se tem tido sempre presente no projeto (E5; associação promotora)*

*"Procuramos também encontrar momentos em que conseguíssemos trabalhar determinadas competências parentais com as famílias, no entanto, não verificamos uma forte adesão a estes momentos que tentamos realizar" (E2; técnico do projeto)*

Este envolvimento familiar, ou melhor o trabalho realizado junto das famílias passa muito por aquilo a que os técnicos designam de coresponsabilização familiar. Esta coresponsabilização familiar, assume aqui uma dupla função, nomeadamente: primeiro consiste num trabalho de mediação entre a família e a escola, e em segundo lugar aposta no

desenvolvimento de competências sociais e parentais, sendo esta última uma área de intervenção sensível por tudo o que tem vindo a ser abordado ao longo da apresentação dos dados.

*“esta coresponsabilização apesar de ser só uma palavra embarca aqui muitas coisas (...) nós acabamos por trabalhar diversas perspectivas: temos a parte da mediação familiar em que procuramos aqui estabelecer uma ponte mais estreita com todo o contexto educativo (...) procuramos fazer um contato muito individualizado, telefónico, presencial de modo a colocar as famílias ao corrente da situação e, mostrar-lhes, nos não mostramos nos tentamos estar com elas de forma a pensarmos em conjunto de que forma podemos ajudar a ultrapassar algumas situações (...) Também tentamos proporcionar às famílias ferramentas, porque muitas famílias não são originárias de Portugal (vêm dos PALOP), não existe um conhecimento da língua, sendo um próprio entrave a comunicação (...) Tentamos ir atuando nestas pequenas bases.” (E2; técnico do projeto)*

Quanto ao envolvimento do contexto escolar, é notório, com base nos discursos analisados, alterações ao nível de solicitação e procura por parte do contexto escolar, no âmbito de situações em que só uma intervenção ao nível escolar não é suficiente para colmatar as necessidades e ou problemas dos jovens.

*“à medida que o projeto tem avançado a escola têm estado cada vez mais ao lado do projeto e isso têm-se notado ano após ano. Há mais envolvimento e mais solicitação da parte da escola, para acompanhamento sobretudo de situações mais problemáticas e daquelas que eles têm mais dificuldades em gerir” (E5; associação promotora)*

Após perceber a dinâmica atual do projeto é importante perceber que articulação existe entre o trabalho desenvolvido, e de que forma é que isto se articula com a prevenção dos comportamentos desviantes, respondendo deste modo a pergunta de investigação formulada. Contudo, importa em primeiro lugar clarificar a perceção que os atores sociais tem acerca do conceito de comportamentos desviantes, para depois perceber de que forma é que entendem a prevenção e de como é que a intervenção do projeto e dos parceiros que dele fazem parte, se enquadra na prevenção destes comportamentos.

*"Um comportamento desviante é todo aquele que foge ao que está instituído enquanto normal, enquanto comportamento esperado, enquanto comportamento socialmente aceite (...) Eu acho que tem a ver com o contexto... num fundo é tudo aquilo que fuja ao comportamento socialmente esperado e socialmente aceite. " (E9;ex-coordenadora)*

*"Comportamentos desviantes (...) A ações que demonstram o desrespeito pelos outros, que não respeitam as regras pró-sociais" (E2; técnico do projeto)*

*"E para mim a delinquência já passa pela violação de leis previamente estabelecidas. Ou seja, a partir do momento em que existe uma violação e em que é cometido uns atos que têm uma pena já é para mim um delito, uma delinquência." (E12; parceiro formal)*

Quanto à noção de prevenção dos comportamentos desviantes, com base nos discursos analisados, esta deverá incidir na eliminação dos riscos mediante o trabalho dos fatores de proteção. Para além disso, a prevenção dos comportamentos desviantes deverá ainda ter em consideração a retirada destas crianças da rua, onde estão em permanente contanto com os grupos, e expostos a modelos que incentivam a esse tipo de práticas.

*" Fatores de proteção. Eliminação dos riscos através do trabalho dos fatores de proteção (...) portanto, uma redução nos riscos mas nunca centrada no negativo, centrada no positivo e numa valorização dos pontos fortes." (E9; anterior coordenadora)*

*"O sair da rua, o não serem cativados pelos gangs do bairro, o não estarem muitas das vezes em ambientes familiares problemáticos, a construção de um projeto de vida que eles às vezes não têm e elas podem ajudar a fazer lá." (E8;*

Tal como o abordado no **capítulo I**, é possível observar que os comportamentos desviantes têm por base uma origem multifatorial. Como tal, e com base nos dados recolhidos, prevenir este tipo de problemas de comportamento, deverá também ter em consideração os sistemas nos quais o jovem está inserido e onde estabelece relações, nomeadamente: a comunidade; a família e ainda a escola. Em simultâneo, destaca-se ainda da importância deste trabalho preventivo começar a ser concretizado precocemente, e não quando já se verificam atos desviantes.

*"há pessoas que têm comportamentos desviantes mas a resolução disso nunca passa por uma resolução só com o indivíduo, mas também com o seu contexto. Se nós não alteramos o seu contexto não conseguimos alterar o indivíduo. (...) os processos que são mais eficazes para a prevenção, são aqueles que garantem sustentabilidade" (E6; parceiro formal)*

*"a prevenção deverá ser feita antes de se verificarem os comportamentos desviantes." (E9;ex- coordenadora)*

*"A questão preventiva teria de passar por envolver muito também a comunidade, criar-se aqui uma rede de parceiros por forma a ter-se uma visibilidade (...) é importante prevenir precocemente" (E19; parceiro formal)*

Apesar de não visar no seus objetivos de forma direta a prevenção dos comportamentos desviantes mas sim promover a inclusão social de jovens provenientes de contextos sociais vulneráveis, onde existem problemas de comportamento dos jovens, importa perceber a articulação existente os objetivos do programa com a prevenção dos comportamentos desviantes, objetivo do presente trabalho de investigação.

*"nós procuramos apoiar de forma efetiva no encontro de soluções alternativas, ou seja, a partir do momento em que é possível apoiar os jovens a encontrar um percurso, seja em termos educativos, formativos, profissionais, empreendedores, em que eles consigam sentir-se realizados. E que isto seja uma alternativa a determinados percursos não positivos. Procurar leva-los a escolhas positivas" (E2; técnico do projeto)*

*"Apesar de não termos efetivamente que sejam de forma direta para trabalhar a questão da delinquência, eu penso que todos eles acabam por contribuir para a diminuição destes comportamentos. Ao tentarmos trabalhar as questões da promoção do sucesso escolar, a questão da ocupação dos seus tempos livres de forma o mais saudável possível, poderão levar para o sucesso pessoal" (E1; coordenação do projeto)*

Tal como foi referido anteriormente no **capítulo II** a prevenção de comportamentos desviantes, com base nos discursos analisados, para além do trabalho que deverá ser realizado junto dos jovens, passa muito pelo trabalho e intervenção junto dos sistemas nos

quais o jovem se encontra inserido. Deverá apostar-se nas capacidades e potencialidade individuais de cada um, no sentido de as capacitar e/ou fortalecer para que se possa trabalhar no sentido da capacidade de adaptação e resposta face aos riscos a que se encontram expostos.

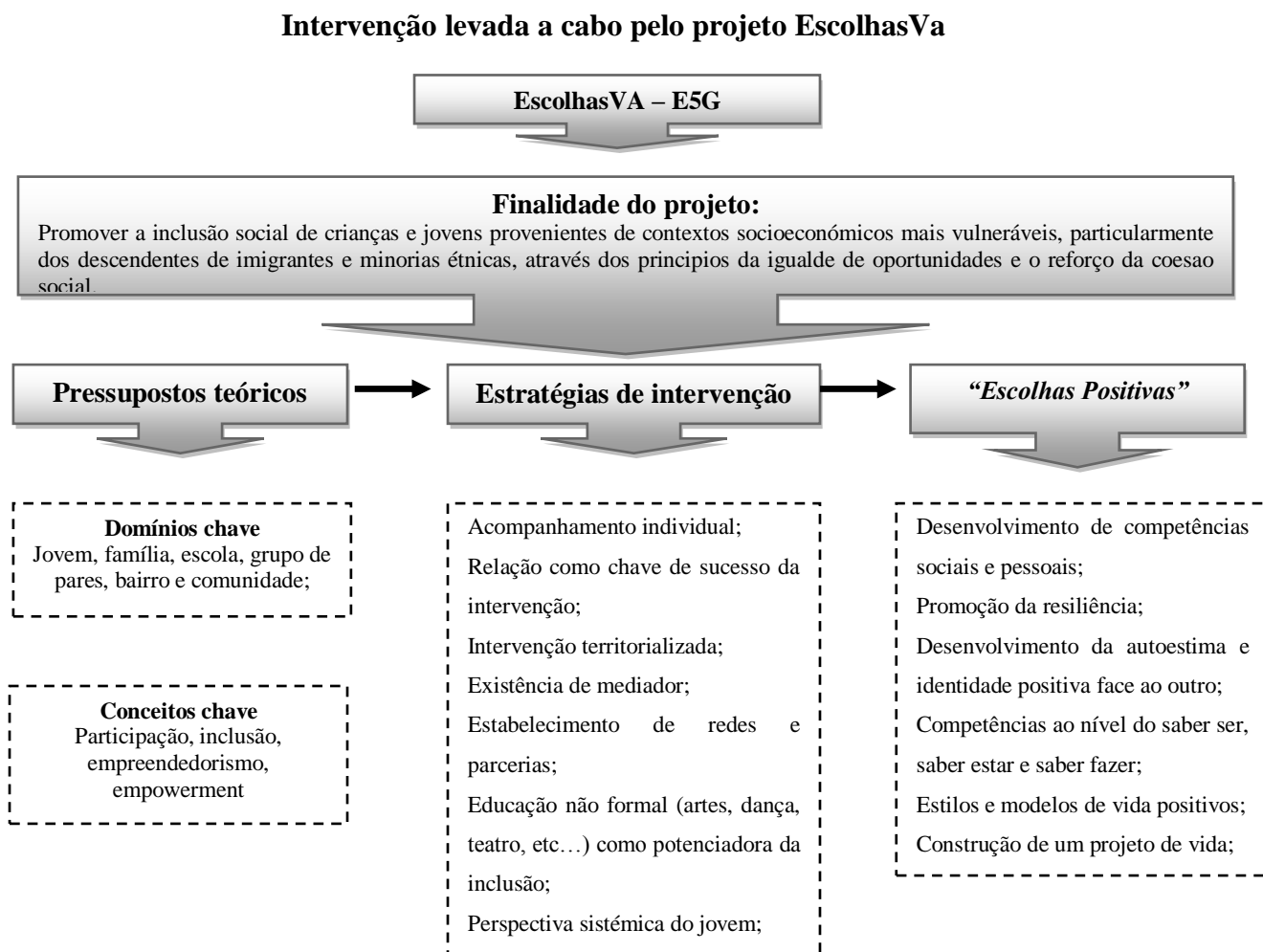
*"a prevenção deverá ser feita antes de se verificarem os comportamentos desviantes. (...) Fatores de proteção. Eliminação dos riscos através do trabalho dos fatores de proteção (...), portanto, uma redução nos riscos mas nunca centrada no negativo, centrada no positivo e numa valorização dos pontos fortes" (E9; ex-coordenadora)*

*"eu acho que a prevenção entra pelos mecanismos pelos quais agora tem-se vindo a apostar mais, que é pela família e por eles de igual para igual. E é essa prevenção que vai chegando a eles, envolvendo-se as famílias... é envolvendo o máximo de pessoas e utilizando métodos alternativos em vês de expositivos." (E13; parceiro formal)*

*"Muito pela partilha de experiências com eles. Nas descobertas que fazemos com eles, na perspetiva de conhecerem todas as realidades e perceberem que não temos que necessariamente que seguir os mesmos caminhos que podemos estar a ver nos mais próximos de nós." (E1; técnico do projeto)*

*"a prevenção deve ser feita de uma forma muito holística, ou seja, não acredito em intervenções que sejam só focadas num único aspeto(...) Ou seja, quando falamos numa intervenção, temos também que tentar perceber de forma integral a vida destes jovens, e a vida do jovem onde está... está na escola, está em contexto não formal de educação, tem um contexto familiar, tem um contexto a nível de um percurso a ter a nível escolar, tem um percurso completamente diferente em casa, tem um comportamento completamente diferente se for para o Pé de Vento, ou seja, é preciso cruzar estas várias dimensões da vida dos jovens, e tentar trabalhar cada uma destas áreas (...)mas a nível individual claramente que têm de ser feito este trabalho de tentar abarcar o máximo de dimensões de vida do jovem." (E12; parceiro formal)*

Para terminar, apresenta-se na página seguinte um esquema ilustrativo da intervenção realizada pelo projeto, onde se inclui todos os aspetos abordados ao longo do presente subcapítulo.



**Figura 3** – Intervenção levada a cabo pelo projeto EscolhasVa;  
(elaboração própria)

#### 5.4. Olhar dos atores sociais sobre o projeto

Antes de abordar os principais contributos que o projeto, deixa na vida destes jovens com que ele diariamente contactam, importa perceber qual o olhar e perceção que os técnicos e parceiros de intervenção têm acerca dele. O projeto é visto como um projeto de

inclusão social, sendo reconhecido no território pela comunidade e pelos jovens, dado o trabalho que desenvolvem em prol de ambos.

*“É um programa de inclusão social onde através de atividades, de iniciativas, de programas de envolvimento com aquela gente toda, se vão trilhando caminhos assertivos, de ajudar os jovens a encontrar o seu caminho de vida” (E10; parceiro formal)*

*“O ESCOLHAS tem história no bairro, e acabam por reconhecê-lo os miúdos sabem do ESCOLHAS, sabem que é para trabalhar comportamentos (...) mas eu penso que eles tem esta questão aqui do reconhecimento do território.” (E16;parceiro informal)*

Deste modo, é importante olhar para a intervenção levada a cabo pelo projeto e conseguir vislumbrar aquilo que poderão ser os seus contributos, ou até mesmo a marca que deixa nas vidas destes jovens após a passagem por ele. Esses contributos, de acordo com os discursos analisados, passa essencialmente por retirar estas crianças e jovens da rua, promovendo uma ocupação saudável e estruturada dos tempos livres, dando a estes jovens a possibilidade de contacto com realidades diferentes da que diariamente têm no Vale da Amoreira, e ainda, a possibilidade de vivenciar novas experiências e acontecimentos que de outro modo não teriam acesso.

*“O facto de eles não estarem na rua e terem uma ocupação, logo aí está a desviá-lo desses contextos, da rua. ” (E7; parceiro formal)*

*“Dá oportunidades aos jovens de fazer atividades artísticas e desportivas e não só, que de outra forma não poderiam e nem sequer tinham acesso. Além disso, leva também à ocupação dos tempos livres, que de outra fora seriam ocupados de forma errada.” (NJ3)*

*“O que nós procuramos oferecer são momentos em que independentemente do seu foco desportivo, artístico ou qualquer outro, em que consigamos transmitir uma outra forma de ver, uma alternativa. É possível, apesar de todo o estigma associado ao crescer e viver no Vale da Amoreira é possível pensar e vermos as potencialidades de cada um que tem valor. (E2; técnico do projeto)*

*“Eles podem conhecer outras coisas, outras realidades, outras formas de viver, porque eles só conhecem esta... ” (E7; parceiro formal)*



*“seu foco desportivo, artístico ou qualquer outro, em que consigamos transmitir uma outra forma de ver, uma alternativa. É possível, apesar de todo o estigma associado ao crescer e viver no Vale da Amoreira é possível pensar e vermos as potencialidades de cada um que tem valor” (E2; técnico do projeto)*

*“que é muito bom, porque como isto é considerado um bairro critico, as crianças e jovens não ficam tão envolvidas neste ambiente de vandalismo. Vêm para aqui, e preferem estar nos computadores, a estudar, a fazer outras atividades e isso tira-os dessa má vida” (NJ2)*

*"Nós tentamos aqui oferecer e colocar à disposição em especial atividades... O que nós procuramos oferecer são momentos em que independentemente do seu foco desportivo, artístico ou qualquer outro, em que consigamos transmitir uma outra forma de ver, uma alternativa. É possível, apesar de todo o estigma associado ao crescer e viver no Vale da Amoreira é possível pensar e vermos as potencialidades de cada um que tem valor" (E2; técnico do projeto)*

*"eles poderem perceber que existem outras escolhas, que existem outros caminhos." (E1; coordenadora do projeto)*

*“criam-lhes rotinas! E aquilo assume-se completamente como uma referência positiva na vida deles.” (E12; parceiro formal?)*

*"funciona como alguém que está ali e que está preocupado com eles, que lhes dá atenção às vezes... tem ali alguém realmente que os socorre e que lhes dá orientação, que os possa aconselhar, mostrar alguns caminhos que eles próprios podem não conhecer, ou pelo menos dão-lhes alguma esperança de que as coisas possam ser diferentes." (E18; parceiro informal)*

Esta vivência de novas experiências e conhecimento de novas realidades, permite gerar nestes jovens sentimentos saudáveis e positivos, gerando a curiosidade acerca de outras realidades, o que em termos de futuro poderá desenvolver neles outro tipo de cultura da qual os comportamentos desviantes não façam parte. Deste modo, e de acordo com os discursos analisados, o projeto constitui-se naquela comunidade como uma referência positiva na vida daqueles jovens, uma vez que lá estão em permanente contacto com modelos e estilos de vida saudáveis e positivos, tal como anteriormente referido. Face a

isto, esta referência poderá constituir-se como um fator amortecedor / catalisador dos riscos aos quais estes jovens estão expostos. O desenvolvimento positivo ou a possibilidade de vivenciar experiências positivas resulta do conjunto de estratégias e experiências fornecidas aos jovens no sentido de estimular a confiança e o otimismo, e ainda a sua auto estima de modo a serem mais capazes de lidar com a adversidade, o stress e a incerteza que caracteriza a vida nestas idades e mais tarde enquanto adultos.

*"eu acho que é mais ocupar a cabeça deles com outras coisas, porque nós a fazer este tipo de atividades vamos suscitar neles outro tipo de curiosidades que eles não têm, o que é bom. Por exemplo, as atividades da praia ou campismo são coisas que lhes levantam curiosidade e é outro tipo de vida. E se nós começarmos a incutir isso neles desde já, eles vão ter outra cultura, outra maneira de ver as coisas e é mais nesse sentido." (E4; dinamizador comunitário)*

*"Estes projetos para além de estarem sediados em zonas que ao fim ao cabo são consideradas zonas de vulnerabilidade social acabam por ter aqui um papel de alguma contenção e um ponto de referência para estes jovens. Porque estes jovens por muito que não vão lá todos os dias, vão lá sempre, porque sentem que aquilo é um espaço onde podem ir, que podem usar, com as suas regras claro (...) Acaba por ser um local de pertença e de referência para eles... " (E19; parceiro formal)*

*"Permite a estes jovens sentir que têm mais um pilar, o que é muito importante quando os pilares em casa têm muitas vulnerabilidades, e tem mais um espaço que lhes possibilita bem-estar, boas memórias da infância e juventude que vão ser importantes para mais tarde (...) ensina-lhes competências que eles mais tarde vão poder ensinar a outras pessoas, nomeadamente aos filhos deles, deixa-lhes raízes para que eles depois mais tarde consigam plantar também bons comportamentos, não só neles mas nos outros. E deixa-lhes a possibilidade de conhecerem sem dúvida outros horizontes que se calhar não conseguiam ter tanto contacto se não fosse o projeto. " (E13; parceiro formal)*

*"Contribuiu porque, como é que eu hei-de explicar isto... eu acredito que as artes e tudo o que seja cultural tem a capacidade de mudar mentalidades e conceitos de vida também. E, através deste projeto eu conheci coisas e fui a sítios que mudaram a minha forma de ver as coisas e o mundo. Abriram os meus horizontes, eu percebi que além do que sou capaz de ir e de atingir esses objetivos ou outros, o mundo é mais do que Vale da Amoreira" (NJ3)*

A ausência de oportunidades gera um sentido de vivência do imediato e um apagamento de projetos de longo ou médio prazo, tal como foi referido no capítulo 5.3. O imediatismo, o ‘aqui e agora’, é o elemento referencial temporal destes jovens (Moura Ferreira, 2000; Marques et al., 2001). Questioná-los sobre o seu futuro é sinónimo de incerteza e desapontamento, bem patentes na anteriormente verificada ausência de objetivos de vida e/ou projeto de vida. Para além dos contributos anteriormente apresentados, permite ainda a estes jovens a aquisição de competências necessárias para a definição e concretização do seu projeto de vida.

*"Uma ajuda na construção do seu projeto de vida... eventualmente por exemplo há jovens que vão reforçar e validar algumas competências (...) é criar aqui algum foco deste jovem conseguir criar qualquer coisa sustentabilizada para a sua vida e eu penso que eles têm um papel importante nesse sentido. " (E19; parceiro formal)*

*"Em alguns casos aquilo é mesmo a luzinha lá no fundo (...) têm sempre ali um ponto de referência para encontrarem um equilíbrio, para conversar para perceber qual é o caminho (...) "modelos positivos... um lugar de referência no território. Uma possibilidade de trabalhar o projeto de vida" (E8; parceiro formal)*

Quanto às questões de comportamento importa perceber que mensagem lhes é passada ao longo da sua participação nas atividades. Essa mensagem passa muito por eles perceberem o papel ativo que tem na sua vida e na tomada de decisões futuras. Essa mensagem passa muito pela transmissão de princípios de empowerment e fortalecimento / desenvolvimento da capacidade para atingir os objetivos.

*Eu acho que a mensagem deles é: aquilo que tu fazes é para ti. Se eles trabalharem no bom caminho e fizerem as coisas com esforço e dedicação, vão conseguir alcançar os seus objetivos. Agora se eles quiserem ir pelo mau caminho, a vida é deles.... Mas não é esse o caminho que eles querem que os jovens sigam, tanto que eles aqui a única opção é o bom caminho. (NJ2)*

*"Que nós também somos capazes... que também conseguimos alcançar os nossos objetivos, bastam esforço dedicação e querer! (..)Sim, tentam da melhor forma que podem, ver, aconselhar mas a decisão final de ir ou não por esses caminhos é sempre deles." (NJ3)*

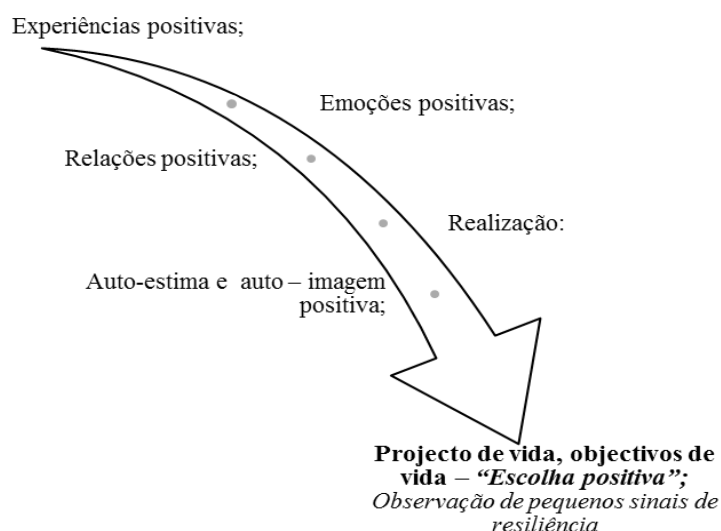
*"Eu penso que se calhar poderemos dizer deixamos aqui uma semente, e não deixamos ao abandono estas pessoas, quer em termos dos jovens quer em termos das suas famílias. Demos-lhes aqui algumas pistas para a sua vida, demos algumas ferramentas para fazerem agora o seu próprio caminho. " (E10; parceiro formal)*

*"a nossa ideologia é transmitir sempre que possível esta ideia de que os jovens e as crianças são atores que tem um papel extremamente ativo na mudança social, na mudança da sua própria vida, na definição dos seus próprios objetivos." (E2; técnico do projeto)*

*"mais do que lhes dizer qual é o caminho certo, é ajudá-los a sentir que se for preciso nós estamos aqui. Se eles precisarem de apoio para qualquer coisa, nós estamos aqui. E a ideia é estar sempre a apoiá-los no caminho... não é fazer o caminho para eles e depois eles seguirem-no." (E1; coordenadora do projeto)*

A imagem abaixo apresentada, sintetiza de forma breve o caminho percorrido por estes jovens durante a sua participação nas atividades. Destacam-se aqui os principais contributos que o projeto oferece a estes jovens contudo, importa salientar que este percurso não é imediato e que os resultados dele só se conseguem vislumbrar depois de um longo tempo de intervenção e acompanhamento destes jovens.

#### Percurso dos jovens no projeto EscolhasVa



**Figura 4** - Percursos dos jovens no projeto EscolhasVa;

(Elaboração própria – com base nos dados recolhidos)

Tal como aparece na figura acima apresentada, estes pequenos sinais de resiliência são fruto de um longo trabalho integrado de intervenção e acompanhamento a todas estas crianças e jovens, sendo que só é possível observar pequenos sinais de resiliência em determinados momentos da vida destes jovens. Contudo, é algo que não é imediato, sendo necessário algum tempo para que seja possível observá-la. Todo este percurso traduz-se num processo de capacitação, responsabilização, mas acima de tudo de tomada de consciência sobre o leque de oportunidades que podem ter futuramente, a partir do momento em que se começam a observar estes sinais claros de resiliência.

*“A resiliência que nós observamos é mínima, porque acaba por ser observada em determinados momentos.” (E2; técnica do projeto)*

*“A partir do momento em que nos temos jovens capacitados, conscientes das suas escolhas, em que realmente eles têm uma maior consciência crítica acima de tudo sobre um leque de oportunidades que têm, a partir do momento em que existe uma diminuição dos fatores de risco é muito mais fácil que passem a estar mais incluídos e mais resilientes a nível da sociedade.” (E12; parceiro formal?)*

*“(…) um trabalho integrado, em que diferentes agentes que tenham intervenção com aquela família com aquela família daquele jovem (...), é um trabalho que não é fácil (...) É um trabalho que não têm, em termos do investimento que é feito, o retorno é muito mais lá para a frente, e tem que haver uma especialização para trabalhar nestas áreas (...) este trabalho mais integrado aos diferentes níveis: habitação, educação, saúde, nos apoios que possam haver, sejam nos cursos de formação profissional, outro tipo de respostas que não sejam standardizadas” (E18; parceiro informal)*

Antes de terminar, é importante perceber que implicações é que o projeto traz para a vida destes jovens, nomeadamente ao nível dos sistemas com os quais o jovem estabelece relações: família, escola e grupo de pares.

*"Para os pais é uma mais-valia saber que alguém que faz trabalho e que está disponível para ajudar os miúdos, porque muitas vezes eles não os conseguem ajudar. Estamos a falar nos trabalhos de casa, no apoio ao estudo, estamos a falar desse tipo de trabalhos, porque muitas vezes os pais não tem disponibilidade ou não conseguem ajudar porque também não sabem... tem sempre ali alguém de referência no projeto, aquelas pessoas que ajudam aqueles jovens. Para os jovens poder terem ali alguém que os apoie nas mais diferentes situações seja da escola, do dia-a-dia, nas decisões que eles tem de tomar... o apoio que têm a esse nível é muito importante. Estamos a falar de jovens com 12 -13 ano que são os que estão mais presentes ali... esta ali alguém que quer que tenham mais competências, que estejam melhor preparados, que tenham mais oportunidades." (E18; parceiro informal)*

*"O trabalho que se faz ali para o desenvolvimento de competências é algo que é transportado para todas as outras dimensões (..)A partir do momento em que nós conseguimos encaminhar um jovem seja para uma oferta de emprego, ou seja, no fundo retirá-lo daquela situação... obviamente que temos automaticamente um impacto enorme em todas as outras componentes da vida da pessoa" (E12; parceiro formal)*

Para finalizar, importa perceber que marcas / mensagem o projeto deixa na vida destes jovens. O que mais os marcou na sua passagem, no seu envolvimento nas atividades.

*"O que me marcou mais... não tenho assim ninguém em especial! Não tenho ninguém em especial, todos eles de qualquer forma marcam pela sua forma de estar, pela sua alma, temperança, pela disponibilidade de ouvir e indicar o um rumo. Pela sua paciência, são no fundo pessoas com um certo perfil para trabalhar neste contexto e nesta área." (NJ3)*

Para terminar e em jeito de conclusão termina-se a apresentação dos dados com uma análise SWOT do projeto EscolhasVA com base nos dados recolhidos nas entrevistas realizadas. Destaca-se aqui uma das principais ameaças relacionada com as questões de continuidade do projeto na comunidade. Para além disso, destaca-se ainda a importância do trabalho em rede e parceria como um dos principais pontos fortes do projeto. Por último, o ponto fraco mais preocupante passa pelo alcance dos jovens em que já estão presentes sérios problemas de comportamento.

### Análise SWOT do projeto EscolhasVa

<b>Pontos Fortes</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relação estabelecida com os jovens;</li> <li>- Trabalho em equipa e em parceria;</li> <li>- Reconhecimento da sua importância na comunidade;</li> <li>- Existência de mediador comunitário;                         <ul style="list-style-type: none"> <li>- Envolvimento familiar;</li> </ul> </li> <li>- Envolvimento dos jovens na avaliação das necessidades por eles sentidas e também na definição das atividades a realizar;</li> <li>- Multiculturalidade;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Alcance do projeto – dificuldades em chegar a todos os jovens com comportamentos desviantes;</li> </ul>	<b>Pontos Fracos</b>
<b>Oportunidades</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Proporcionar o conhecimento de novas realidades e novos estilos de vida – “escolha positiva”;</li> <li>- Trabalhar na construção de objetivos de vida e ou projeto de vida;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Continuidade do projeto;</li> <li>- Financiamentos cada vez mais reduzidos;</li> <li>- Número de técnicos escasso face às necessidades da população e território;</li> </ul>	<b>Ameaças</b>

**Tabela 3** - Análise SWOT do projeto EscolhasVA

(Elaboração própria com base nos dados recolhidos nas entrevistas realizadas)

*"As questões da continuidade do projeto. Não sermos, sentidos pela população a quem tentamos responder. Não sermos sentidos como necessários, como ter algum contributo a dar, não ser visto com pertinente" (E2;técnico do projeto)*

*"No sentido em que este projeto já está aqui há tanto tempo, já foram criados tantos laços e vínculos, principalmente com esta nova geração em relação à minha geração em que e nós de certa forma já estamos encaminhados, já somos encaminhados, já temos a nossa formação, ou seja, já pensamos de uma forma diferente. Agora esta nova geração, ainda está numa fase de construção em que este projeto apoia de uma forma muito grande através das atividades, das palestras, e do acompanhamento escolar e se, eventualmente acabasse sentir-se-ia muito, porque tudo isto ficava perdido, principalmente para os jovens na fase dos 8-14 anos que sentiriam que estariam abandonados, sem rumo. Não nos podemos esquecer que os miúdos saem da escola e vêm par aqui, os miúdos ao fim-de-semana têm atividades e qualquer coisa que aconteça é aqui que vêm pedir apoio ou ajuda, têm aqui um ponto de socorro" (NJ3)*

*“acho que não estamos a chegar ainda a tantos jovens quanto gostaríamos, acho que há jovens que se encontram em situações já bastante acentuadas que nós não estamos a conseguir chegar. Não estamos a conseguir captá-los. Apesar de tentarmos diversificar o que temos para oferecer ainda não conseguimos chegar a todo” (E2; técnico do projeto)*

*“é nós termos a consciência da importância do trabalho em equipa, nós trabalhamos todos, tentamos envolver-mos todos nas situações, tentamos refletir juntos sobre as partes positivas e menos positivas, os nosso fracassos os nossos sucessos (...) é o acreditar que é possível a mudança. Se nós não acreditarmos nas coisas eles também não acreditam” (E2; técnico do projeto)*



## **VI. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

---

Após a apresentação dos resultados, procura-se agora discuti-los, integrando-os à luz da literatura e enquadramento teórico anteriormente apresentados.

O desenvolvimento pessoal e social constitui um processo permanente de transformação dos indivíduos em interação com a realidade e contribui de forma crucial para uma adequada integração social. Deste modo, e de acordo com Santos (2005), o desenvolvimento pessoal e social *“equaciona três vertentes fundamentais: uma procura autonomizar e responsabilizar a pessoa; outra visa o equilíbrio entre racionalidade, afetividade e corporeidade; outra ainda apela à relação da pessoa com os outros e com a realidade nas suas várias dimensões e múltiplas expressões.”* É portanto um *“permanente exercício de auto-observação das relações e da interação da pessoa com os outros e com o meio sócia ambiental.”*

Ao longo destes catorze anos de existência, considerando a amplitude de idades da sua população-alvo e ainda o leque de problemáticas a ela associados, é possível agrupar em domínios um conjunto de áreas que de certa forma se assumem como a *“imagem”* do Programa ESCOLHAS a nível nacional, nomeadamente: 1) Promover a autodeterminação, identidade positiva e opinião face ao futuro; 2) Promover a interação humana e a resiliência; 3) Desenvolver competências sociais, pessoais, emocionais e cognitivas; 4) Fornecer oportunidades para a participação e exercício de cidadania. Todas estas dimensões vislumbram-se num contexto permanente de interações e relações sociais que tendem a inserir, mas acima de tudo, a interessar o jovem pelo mundo que os rodeia não ficando circunscritos ao contexto Vale da Amoreira. (Saint-Maurice; 2013).

É evidente a origem multifatorial dos problemas de comportamento dos jovens, neste caso dos comportamentos desviantes, porém, o contexto familiar e escolar destes jovens assumem aqui uma centralidade muito grande neste problema. Esta centralidade, talvez seja produto da incapacidade de ambas as estruturas de socialização levarem, na maioria dos casos, a bom porto as suas responsabilidades e deveres que socialmente lhes dizem respeito realizar, no que diz respeito a transmissão de regras e valores, no papel do jovem enquanto cidadão de direitos e deveres, no respeito pelo outro e pela comunidade em que vivem. Os comportamentos desviantes, hoje podem ser vistos, na grande maioria dos casos, como uma ausência de controlo destes jovens, mas também de uma cada vez

maior desresponsabilização dos adultos (pais, professores) em relação a estes jovens. Tal pode ser reforçado, uma vez que *“a natureza e o conteúdo dos controlos que as famílias incutem nos filhos assumem papel relevante na inibição e na prevenção das manifestações delinquentes”* (Ferreira; 1997)

Porém, e com base nas entrevistas realizadas aos três jovens, em que as baixas condições socioeconómicas estiveram desde bem cedo presentes nas suas vidas, destaca-se aqui a presença de alguns factores em termos familiares que poderão influenciar todo o percurso de vida destes jovens, nomeadamente: a existência de regras e limites, uma supervisão adequada, modelos parentais positivos e o contacto diário com normas e valores convencionais, que permite a estes jovens criar alguma sustentabilidade, pequenos traços de resiliência, que de em larga medida poderá estar na explicação da sua resiliência face à exposição aos comportamentos desviantes, tal como foi abordado no **Capítulo I**. Tal pode ser reforçado, uma vez que *“no caso de todos estes aspetos da vida familiar se encontrarem em estado satisfatório, o adolescente fica mais recetivo às coerções que os pais lhe impõem. Estas formam uma barreira contra a conduta delincente”*. (Le Blanc & Janosz; 2002:48) Deste modo, não é de todo possível afirmar que se esteja perante um tipo de jovens comum, mas sim de jovens que evidenciam determinadas características comuns. Importa ainda referir, que estes sinais de resiliência, presentes nos três jovens entrevistados, não são de todo suficientes para que se possa circunscrever estas características a todos os jovens alvo da intervenção do projeto, até porque com base nos dados apresentados, grande parte dos jovens que atualmente está nas atividades do projeto, provem de famílias onde as competências parentais são muito deficitárias e nalgumas delas quase inexistentes. Face a isto, seria importante reforçar aqui a intervenção junto do contexto familiar destes jovens. Apesar de se tratar de um projeto em que o público-alvo são as crianças e jovens, e de o projeto contar já com o envolvimento de 87 famílias (como referido no capítulo 5.3), considera-se ainda necessário e urgente apostar cada vez mais no trabalho- acompanhamento - formação – desenvolvimento de competências junto delas. Apesar da sua responsabilidade nas competências educativas e formativas, é nas relações familiares que se encontram muitos dos fatores de risco que explicam os comportamentos dos jovens ao longo da sua vida. Deste modo, *“O programa pode, de facto, ser uma mais-valia no trabalho das competências parentais e consequente aproximação entre os jovens e os familiares”*. (Saint-Maurice; 2013), uma vez que *“a família atua como um travão contra as*

*influências desviantes, proporcionando ao jovem uma fonte de motivações para se conformar com as normas e regras sociais”.* (Ferreira; 1997) Em simultâneo, intervenções de carácter comunitário que trabalhem também a relação entre o jovem e a família no sentido de lhes fornecer capacidades de supervisão e acompanhamento parental também se revelam como bons agentes de prevenção dos problemas de comportamento dos jovens.

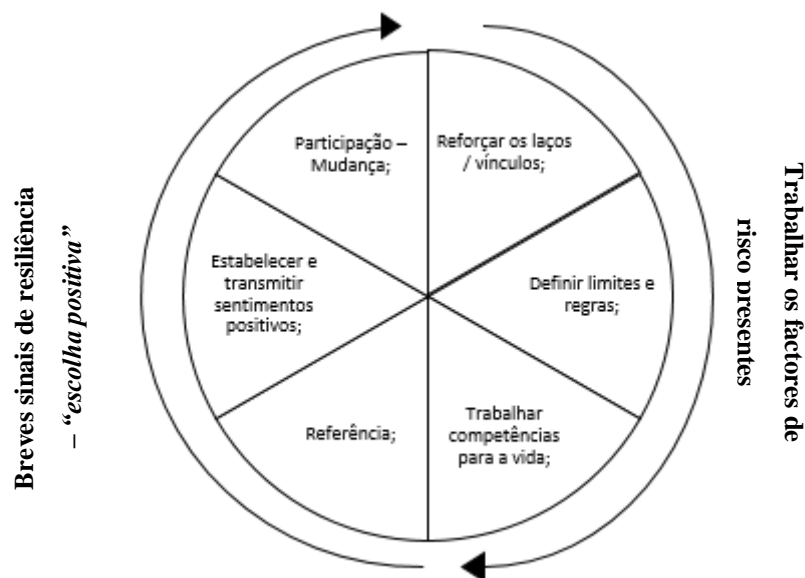
Para além destes aspetos ao nível do contexto familiar dos jovens ouvidos, destaca-se ainda as suas perceções e opiniões positivas face ao contexto escolar. Deste modo, existe uma clara valorização da escola e do papel desta não só ao nível da educação formal, mas também enquanto agente de transmissão de regras e valores responsáveis pela conformidade do indivíduo à sociedade. Contudo, estas características não são transversais à grande maioria dos jovens, tal como foi possível verificar nos dados apresentados, grande parte dos jovens e respetivas famílias não atribui qualquer significado e valor ao papel da escola na formação cívica e profissional destes jovens. Ainda assim, pode afirmar-se que o sucesso educativo, na sua complexidade, está intimamente relacionado com a forma como as famílias percecionam a escola e com as aprendizagens e as expectativas que detêm face aos percursos escolares dos filhos. Deste modo, destaca-se a grande aposta nesta geração ao nível da promoção do sucesso e progressão escolar destes jovens, e tal é reforçado pelo acompanhamento individualizado em termos escolares disponibilizado pelo projeto. Greenwood (2008), afirma que programas que trabalhem no sentido da promoção do sucesso escolar podem revelar-se como bons preventores da manifestação de comportamentos desviantes.

Para além da importância do contexto escolar e familiar, na génese e manifestação de comportamentos desviantes, a atividade grupal, ou seja o grupo de pares, característica de qualquer adolescente, adquire funções acrescidas nestes contextos. A socialização no sentido do conformismo com os respetivos valores, regras e normas aceites pela sociedade em geral e, em circunstâncias normais, usualmente desenvolvida no seio da família e da escola, é, no contexto do grupo de pares, subvertida e invertida no sentido da autoafirmação, reconhecimento, valorização e prestígio, através da não conformidade com tais referências e regras. Desta forma, e considerando as principais características e dinâmicas internas do Vale da Amoreira encontram-se reunidas as condições para a proliferação, sem controlo social formal ou informal, de práticas e ensinamentos desviantes localmente valorizados. E aqui, não se podem negligenciar os contributos que a teoria da

aprendizagem social relativamente a associação com pares também eles desviantes, relativamente ao reforço positivo ao comportamento desviantes por parte dos jovens mais velhos. Porém, e considerando os discursos dos jovens ouvidos, as referências ao grupo de pares, remetem-nos para um certo grau de conformidade com as normas e regras aceites pela sociedade em geral. Ao referirem-se ao seu grupo de amigos, reportam para uma série de atividades que partilhavam em conjunto, como por exemplo, fazer os trabalhos de casa, praticar desporto e ainda a participação nas atividades do projeto. Assim, é possível concluir que *“os laços positivos com pessoas ou instituições convencionais protegem os adolescentes de se envolverem em atividades delinquentes”*. (Naplava & Oberwittler; 2002)

Os jovens que *hoje* chegam ao projeto, a maioria deles com poucos anos de vida, vêm-na marcada por sentimentos de desvalorização, rutura, de abandono por parte daqueles que deveriam ser as suas referências. Estes sentimentos transformam-se numa necessidade extrema de valorização, de reconhecimento pessoal, de afirmação que os leva satisfazer estas necessidades junto dos contextos que fortalecem e incentivam os comportamentos desviantes. Deste modo, e com base nos dados anteriormente apresentados, e olhando um pouco sob a intervenção diariamente levada a cabo pelo projeto, constrói-se a figura abaixo apresentada, que após reflexão se traduz no trabalho diário que o projeto faz junto destes jovens. Nele encontram-se os três domínios fundamentais que devem ser considerados para o trabalho preventivo, designadamente: o reforço dos laços e vínculos que os jovens estabelecem; a definição de regras e limites e ainda, o trabalho sobre competências para a vida. No lado oposto (esquerdo) agrupam-se os principais contributos, que oferecem a estes jovens: participação e mudança, estabelecer e transmitir sentimentos positivos e a referência na vida deles e na própria comunidade.

### Percurso de intervenção rumo à “escolha positiva”



**Figura 5** - Percurso da intervenção rumo à “escolha positiva”

(Adapt. Roda da Resiliência, cit. In Henderson & Milstein (2003:87))

Ao nível do reforço dos laços / vínculos através da participação nas atividades programadas, para que possam estabelecer relações de referências e/ou positivas com os técnicos e com outros jovens afastando-se dos comportamentos desviantes. Aqui, engloba-se também o trabalho que fazem junto das famílias, de onde consta informação sobre a situação escolar do filho, entre outras coisas, no sentido da responsabilização da família pelo jovem, pela importância do papel e importância do contexto escolar na vida destes jovens. Quanto à definição de regras e limites, outra vertente totalmente transversal a todas as atividades, nas quais é reforçada a sua importância o cumprimento das mesmas. A ausência de regras e limites na maioria dos jovens que frequenta o projeto, é um dos fatores com grande peso na génese, manifestação e frequência dos comportamentos desviantes tal como foi abordado no capítulo I, e possível comprovar no capítulo relativo aos dados apresentados. Por último, trabalhar competências para a vida, um dos principais objetivos do programa ESCOLHAS, no qual os jovens através da participação nas diversas atividades e no acompanhamento individualizado que o EscolhasVa lhes possibilita, ainda nas formações profissionais disponibilizadas pela rede de parceiros do projeto.

Quanto aos restantes três domínios, enquanto referência destaca-se aqui o grande investimento que existe para possibilitar a estes jovens o contacto com novas realidades, a exposição a modelos e estilos de vida saudáveis e positivos, o apoio diário que possibilitam a estes jovens desde o acompanhamento individualizado, à construção de um projeto e/ou rumo de vida, até ao apoio e disponibilidade para ouvir e aconselhar na resolução de problemas. Quanto à transmissão de sentimentos e/ou expectativas positivas, destaca-se aqui a importância da relação que os técnicos estabelecem com estes jovens, revelando-se como o motor do sucesso interventivo. Nela, trabalham-se motivações, expectativas e sentimentos; reforçam-se e trabalham-se características individuais de cada jovem, transmitem-se sentimentos de reconhecimento e valorização pessoal pelas mudanças alcançadas, no fundo, os jovens sentem o projeto como um espaço seu, um espaço a que pertencem onde é reconhecida a sua individualidade bem como as suas potencialidades, o que na grande maioria dos casos não acontece nos outros contextos em que está inserido. Mas estas mudanças, só são possíveis devido à participação nas atividades onde aprendem competências básicas ao nível do saber ser, do saber estar, do respeito pelo outro, da importância da presença de regras e limites nas suas vidas, e ainda, serem eles os principais agentes no seu processo de mudança. Por último, a participação / mudança onde sobressai o grande enfoque na construção de um projeto de vida. Destaca-se aqui o trabalho no sentido da capacitação destes jovens para a construção do seu projeto de vida, através do acompanhamento que o projeto lhes possibilita definem objetivos e metas a alcançar, para a resolução de problemas e conflitos, e não menos importante, reforçam a importância destes jovens dizerem não às influências do meio e do respetivo grupo de pares.

Assim, no caso dos três jovens ouvidos, acredita-se que existem de fato variáveis individuais e conjunturais que definem o quão são capazes de resistir a adversidade e risco presentes na comunidade, porém, não se pode circunscrever esta “*escolha positiva*” à intervenção diariamente levada a cabo no sentido de os capacitar para uma melhor adaptação e resistência aos riscos, contudo não existem dúvidas de que o EscolhasVa a promoverá.

Cruzando os dados apresentados no subcapítulo relativo à dinâmica atual do projeto com o **capítulo III** do presente trabalho de investigação, é possível vislumbrar que estão diariamente presentes algumas características que nos remetem para aquilo que será um programa de prevenção de comportamentos desviantes. Vocacionado para a inclusão social

dos jovens mas, e em simultâneo com uma grande aposta na promoção do percurso escolar destes jovens, o projeto EscolhasVa possui aqui alguns traços que se vislumbram como partes integrantes de um programa de prevenção de comportamentos desviantes, nomeadamente: a definição de objetivos de intervenção, a mobilização e implementação da intervenção onde se incluem os recursos da comunidade e a respetiva rede de parceiros que possui e, por último, a avaliação da intervenção onde estão incluídos todos os momentos de avaliação realizados. Ainda que indiretamente trabalhe sobre a prevenção de comportamentos desviantes, essa prevenção incide principalmente sobre o desenvolvimento de competências sociais e pessoais, o acompanhamento familiar e o acompanhamento escolar, focando-se assim nos principais fatores de risco que poderão estar na explicação da génese dos comportamentos desviantes.

Olhando ainda sobre a intervenção diariamente realizada pelo projeto EscolhasVa, destacam-se aqui alguns aspetos que poderiam ser considerados em termos futuros, com vista a uma intervenção cada vez mais próxima e ajustada as necessidades dos jovens e do próprio território, nomeadamente: a inclusão de um técnico de Serviço Social na equipa, o importância de um diagnóstico social da freguesia, a adoção de metodologias de diagnóstico social (dos jovens e das famílias),

Destaca-se a ausência em termos da constituição da equipa técnica de um profissional de Serviço Social na equipa, que pudesse em simultâneo apostar e desenvolver junto destes jovens e respetivas famílias intervenção ao nível da lógica de acompanhamento social, o que em larga medida poderia potenciar esta articulação entre escola-aluno-família-comunidade. Poderia ainda desenvolver um trabalho interventivo junto do contexto familiar destes jovens, no sentido da sua responsabilização e capacitação para competências parentais e sociais, da requalificação do papel e importância do conceito de família junto destes jovens e ainda, trabalhar em parceria com a rede de parceiros do projeto no sentido de uma melhor articulação e ajuste das respostas sociais existentes às suas necessidades. De acordo com Zastrow (2010), e considerando simultaneamente a intervenção levada a cabo pelo projeto EscolhasVa, o profissional de Serviço Social deveria assumir alguns papéis / funções que se revelam fundamentais para uma boa prática profissional, nomeadamente: facilitador, capacitador, mediador. Enquanto facilitador, o Assistente Social deveria apoiar estes jovens na identificação das suas necessidades e problemas, explorando conjuntamente a resolução dos mesmos através da identificação da

estratégia de investigação que melhor se adequa para a sua resolução. De acordo com Zastrow, trata-se de uma característica muito importante utilizada no âmbito do acompanhamento a indivíduos, grupos e famílias, revelando-se então uma mais-valia para o projeto EscolhasVa. Como capacitador, sendo a capacitação dos indivíduos, grupos e comunidade um dos principais objetivos da prática profissional do Serviço Social, e que simultaneamente está também presente na intervenção do EscolhasVa, nomeadamente ao nível da elaboração do projeto de vida com estes jovens, e da sua capacitação para atingirem os objetivos estabelecidos, o Assistente Social durante todo o processo de acompanhamento do jovem, deverá intervir no sentido de procurar desenvolver a capacidade destes jovens para entender contexto, fazer escolhas, assumir a responsabilidade por suas escolhas, tendo como base conceitos de equidade e justiça social. Por último, ao nível das funções de mediação, o profissional deverá ser neutro no âmbito da situação problema, procurando apenas levar os jovens a assumir um compromisso na resolução dos seus problemas.

A importância de um diagnóstico social de freguesia, que permita ao projeto e até a outros atores sociais que poderão também fazer parte da sua rede de parceiros, ou até mesmo daquela comunidade conhecer melhor estes jovens e as suas necessidades, bem como o território e as necessidades de intervenção deste, de forma a tornar as intervenções mais próximas e adequadas às necessidades e problemas da população residente. Este diagnóstico revela-se importante, no sentido em que poderá também capacitar entidades para o desenvolvimento de novas estratégias e intervenção junto destas camadas mais jovens, ou até potenciar o desenvolvimento de iniciativas abertas à população na comunidade. A sua existência permitia aos técnicos criar um modelo de intervenção conceptualmente definido e sustentado. Simultaneamente, revela-se também uma mais-valia a existência de um diagnóstico social destes jovens, da responsabilidade do projeto, que envolvesse aqui uma série de domínios que poderão ou não ser comuns a todos eles, nomeadamente: situação familiar e escolar; motivações e objetivos em relação ao futuro, importância e vivência dos agentes de socialização. Entende-se a sua pertinência e importância uma vez que permitia ao projeto adequar e tornar cada vez mais assertiva a sua intervenção diária junto destes jovens, permitindo assim uma resposta mais real e fundamentada às suas necessidades e problemas.



Destaca-se ainda a necessidade de uma intervenção cada vez mais precoce, iniciada na idade pré-escolar contudo, a ausência deste equipamento social de carácter público na comunidade, traz algumas dificuldades na sua concretização. Alguns dos fatores de risco individuais, como por exemplo o desrespeito pelas regras e limites, os traços de personalidade marcados por hiperatividade, agressividade são detetado desde tenra idade, justificando-se assim a necessidade de intervenção precoce junto destas crianças, criando aqui sustentabilidade para que futuramente não haja um agravamento e possível envolvimento em práticas desviantes.

Para terminar, destaca-se ainda a importância de uma permanente análise de boas práticas e experiências internacionais ao nível da prevenção dos comportamentos desviantes. Neste sentido, destacam-se aqui algumas sugestões de áreas de intervenção, que de certa forma acabaram por ser abordadas ao longo do presente capítulo, nomeadamente: a necessidade de intervenções precoces, apostar num maior envolvimento da comunidade local (e aqui, reforçar ainda mais a necessidade e/ou importância das associações juvenis na organização e dinamização de atividades de carácter informativo, reparador); apostar em mecanismos de reeducação parental (e aqui, destaca-se a importância de uma larga aposta no desenvolvimento das competências parentais); apostar na melhoria dos programas escolares e formativos tendo em conta as necessidades dos jovens e respetivas aspirações, tornando-os atrativos e em simultâneo responsabilizantes; procurar intervir e/ou envolver o grupo de pares; apostar cada vez mais no trabalho em rede e parceria no sentido de sustentar uma intervenção de carácter local procurando algum apoio na comunidade em termos de controlo social informal.

## **VII. SERVIÇO SOCIAL: DO ACOMPANHAMENTO À PREVENÇÃO**

---

As sociedades contemporâneas estão associadas a modelos de organização social e económica que, no quadro de determinadas conjunturas, promovem a produção e a reprodução de desigualdades sociais, as quais levam ao surgimento de fenómenos de pobreza e de exclusão social.

Considerando a definição de Serviço Social proposta pela International Federation of Social Work (IFSW)<sup>8</sup> em 2014, na qual, o Serviço Social é visto como uma profissão prática mas em simultâneo uma disciplina académica que promove a mudança social e o desenvolvimento, a coesão social e a emancipação dos cidadãos, orientado pelos princípios da justiça social, direitos humanos, responsabilidade coletiva e o respeito pela diversidade. Impulsionado pelos fundamentos teóricos das ciências sociais, e humanas e ainda, pelo conhecimento indígena, o Serviço Social envolve os cidadãos e as estruturas para que possam enfrentar os desafios da vida e melhorar o seu bem-estar.

Neste sentido, o presente tema de investigação enquadra-se na vertente de Acompanhamento Social e Inserção, do Mestrado em Serviço Social, visto que se pretende a mudança através do acompanhamento social, a resolução de problemas destas famílias e a sua capacitação orientada pelo princípio da justiça social e dos direitos humanos.

Estando o projeto *EscolhasVa* vocacionado para a inclusão social destes jovens (como foi possível observar no capítulo que diz respeito à apresentação dos dados recolhidos), o processo interventivo junto deste público-alvo remete-nos para uma lógica de intervenção que se pauta por um processo de acompanhamento mais individualizado dos jovens do *Vale*. Para além da lógica de acompanhamento social presente diariamente no decorrer da atividade do projeto, conceitos como corresponsabilização, capacitação, ativação e *empowerment*, são também eles considerados fundamentais para o trabalho levado a cabo junto destes jovens e respetivas famílias.

A noção de acompanhamento social começou a ser utilizada a partir da década de 80, estando fortemente associada à luta contra a pobreza e exclusão social, sendo considerada como um marco importante na reinserção social e reconstrução do tecido social. Astier (2007), na sua obra *Les nouvelles règles du social*, afirma que atualmente

---

<sup>8</sup> Informação adicional em [www.ifsw.org](http://www.ifsw.org)

assiste-se a uma alteração do enfoque das políticas sociais, passando de uma lógica de integração para uma lógica de inserção. De acordo com a autora, a lógica de acompanhamento social surge para dar resposta às necessidades dos indivíduos e ainda, dos territórios fragilizados. (2007:9). Esta lógica de acompanhamento social, marcada neste caso por uma intervenção mais individualizada junto do jovem, e ainda, por uma maior atenção aos seus estilos de vida e singularidade enquanto pessoa, adquire aqui uma grande importância uma vez que não está apenas em causa a produção do jovem enquanto sujeito de direitos, mas sim a produção do jovem enquanto pessoa. Todo este trabalho, requer uma reconstrução identitária do próprio jovem e de reestruturação dos respetivos laços sociais que este estabelece com a sua comunidade e agentes de socialização. (Oliveira; 2010:146) Deste modo, o acompanhamento social assume-se como uma orientação metodológica essencial de toda a intervenção, podendo constituir-se como uma das etapas principais de todo o processo de prevenção de comportamentos desviantes, assente em princípios de confiança, compreensão, conhecimento e compromisso entre ambas as partes. Aliada a esta lógica de acompanhamento social, destaca-se ainda a importância das atividades em grupo ou melhor, da intervenção em grupo, onde estes jovens têm espaço para a realização de novas aprendizagens, ao nível do comportamento, de respeito e valorização do outro e da opinião do outro, da importância do trabalho em equipa, mas acima de tudo, permite a estes jovens o estabelecimento e reconstrução dos seus laços sociais. Oliveira (2010) diz-nos que a intervenção grupo possibilita ao jovem *“uma imensidão de oportunidades para partilhar, aprender, desafiar, criar uma ação conjunta, modelar papéis e construir relações”*.

Para além da presença da lógica de acompanhamento social, destaca-se ainda a presença diária do projeto no território, remetendo-nos para o conceito de intervenção e respetivos princípios de uma intervenção no território. A noção de território começou a ser utilizada pelas Ciências Sociais, ou melhor, pelo Serviço Social a partir dos anos 80 em que a sua dimensão social começou a ser considerada, associando-se deste modo à sua dimensão geográfica. Esta mudança de pensamento traduziu-se numa nova forma de pensar *“o social”*, causando mudanças ao nível da conceção / implementação das políticas sociais. Face a este cenário, o território e a respetiva ação social passaram a ser vistos como dois campos indissociáveis, assistindo-se deste modo à emergência de um novo *“modelo de intervenção”*. Em simultâneo, o autor reconhece ainda a

multidimensionalidade do território, nomeadamente: geográfica, política, social, económica. De acordo com Bernoux, o desenvolvimento social do território representa um processo tridimensional, que pode ser visto como uma proposta de alteração das condições de produção da respetiva sociedade, tendo em conta o contexto social, institucional e político vigente. Neste sentido, engloba três níveis essenciais nomeadamente: um *projeto individual*, representado pela capacidade que cada indivíduo possui para ser ele próprio ator da sua história de vida; um *projeto coletivo*, que visa essencialmente a satisfação das necessidades dos indivíduos que se encontram no território, e por último, um *projeto do território*, uma vez que representa o espaço onde se desenvolve toda a vida social e política e essencialmente, por se tratar do local onde se encontram todos os projetos dos diferentes atores que compõe esse mesmo território. Neste sentido, o projeto do território implica sempre uma gestão urbana e social, estando a ela subjacentes o princípio das responsabilidades partilhada e negociadas, o princípio de proximidade dos diversos atores, o que faz com que o território passe a ser visto como um todo, ou seja, passa a ser visto como uma organização social, uma fonte de interesses coletivos e de recursos locais disponíveis para mobilizar, no âmbito de um projeto comum, neste caso, focado na inclusão social destes jovens. Compreende-se portanto, que o entendimento acerca dos processos de desenvolvimento social territorial, vão mais além duma visão ligada unicamente ligada ao acompanhamento individual e ao desenvolvimento de projetos coletivos que privilegiem a integração dos mais desfavorecidos. Eles são igualmente, processos de transformação dos territórios e de melhoria das condições de vida das pessoas, de acordo com uma visão sistémica e humanista do jovem como foi possível observar na apresentação dos dados recolhidos.

A implicação destes jovens em todo o processo de intervenção / acompanhamento, numa perspetiva de ativação, permite ao profissional conhecer as capacidades do jovem na resolução dos seus próprios problemas. Enquanto mediador, o assistente social deverá estabelecer as condições necessárias para a reinserção destes jovens na sociedade. Boas competências ao nível da negociação e motivação revelam-se essenciais nesta ótica da mediação. Contudo, parece necessário que durante todo este percurso interventivo, o profissional deverá recorrer a história de vida do jovem para que o possa apoiar na libertação desta (nomeadamente dos acontecimentos negativos mais marcantes) no sentido da sua autonomização / capacitação para a procura de novos caminhos de vida mais

positivos. Esta lógica de acompanhamento, implica o estabelecimento de uma relação forte de colaboração e proximidade entre o profissional e o jovem, que está presente na intervenção levada a cabo como foi possível observar no subcapítulo 5.3. Assume que o processo de mudança pode não ter resultados significativos se o jovem não estiver envolvido e disponível para trabalhar no estabelecimento de um projeto de vida / metas e ainda na implementação das intervenções que lhe permitam alcançar essas metas. Deste modo, o profissional deverá ter em conta algumas estratégias que poderão ser determinantes para o sucesso da relação estabelecida, nomeadamente: a) identificação dos pontos fortes nos vários sistemas em que o jovem se encontra inserido; b) escuta reflexiva; c) empatia; d) transmissão de sentimentos de esperança; e) flexibilidade e f) comunicação positiva.

Nos últimos anos, um dos modelos que se tem aplicado nos últimos anos no Serviço Social diz respeito ao modelo sistémico. Visto que a teoria geral dos sistemas colocou as interações e transações como elementos centrais de modo a compreender as dinâmicas que se produzem entre o contexto envolvente e o sistema. Este foi um facto especialmente importante para o Serviço Social, visto que os acontecimentos/factos sociais não podem ser compreendidos de forma isolada. Assim, despertando a atenção desta disciplina e deixando de lado a conceção individualizada da intervenção, passou-se para uma conceção que tem em conta o contexto envolvente aos sistemas, as relações e os seus impactos com os mesmos (Viscarret, 2007:263). De facto a intervenção levada a cabo de acordo com o modelo sistémico, permite ao profissional de Serviço Social ter *“em conta todos os sistemas aos quais este pertence (...) que manifestam uma interdependência importante e sem a qual é difícil recriação dos laços sociais”* (Oliveira; 2010:66). Considerando a intervenção com jovens e de acordo com a perspectiva sistémica, o trabalho levado a cabo por este tipo de projetos, o profissional deverá ter em consideração nove princípios básicos de intervenção, nomeadamente: 1) o objetivo principal do Assistente Social é entender a relação entre os problemas identificados e o seu contexto sistémico mais amplo; 2) identificar e fortalecer os aspetos positivos e os pontos fortes destes jovens, funcionando como alavancas de todo o processo de mudança; 3) criação de responsabilidade, ou seja, as intervenções destinam-se a promover um comportamento positivo e responsável; 4) a intervenção é orientada para a resolução de problemas específicos prévia e claramente identificados; 5) as intervenções / atividades visam o jovem mas em simultâneo os vários

sistemas em que estão inseridos, uma vez que também são responsáveis pelos problemas identificados; 6) as intervenções são desenhadas e operacionalizadas atendendo às necessidades dos jovens; 7) as intervenções são projetadas exigindo diária e semanalmente esforço aos jovens na busca pela “*escolha positiva*”, através de oportunidades para demonstrar o compromisso estabelecido; 8) a eficácia da intervenção é avaliada de forma contínua e a partir de uma multiplicidade de perspectivas e, 9) as intervenções destinam-se a manter o tratamento e a mudança a longo prazo. (Henggeler;2011) Todos estes princípios constituem-se como parte integrante do projeto EscolhasVa, como foi possível ver no capítulo 5.3 relativo à dinâmica atual do projeto.

Para além do trabalho levado a cabo pelo projeto, destaca-se ainda o envolvimento familiar no qual o Assistente Social desempenha funções destinadas a assegurar a liberdade de ação e a competência das famílias, facilitando a oportunidade para que estas possam tomar decisões e atuar por si mesmas, encarregando-se de definir ações e mobilizar recursos do meio envolvente, de modo a satisfazer as necessidades das famílias Viscarret, (2007:294). Face a isto, o Assistente Social deverá trabalhar no sentido de alterar as interações entre os membros da família, com vista melhorar o funcionamento da unidade familiar. Deverá capacitá-las ao nível de competências para a resolução de problemas, melhorando as conexões emocionais, e deverá ainda trabalhar as capacidades dos pais para fornecerem a estrutura adequada, orientação, regras e limites para os seus filhos.

A intervenção baseada no modelo sistémico, remete-nos em simultâneo para o conceito de trabalho em rede e parceria. Dada a origem multifatorial dos comportamentos desviantes, a prevenção deste tipo de comportamentos exige uma resposta multivariada e em simultâneo direcionada para a resolução de problemas concretos. Este tipo de abordagem, requer uma conjugação de diversos atores sociais de diferentes áreas, multiplicando e alargando os recursos existente para a resolução do problema. No caso do EscolhasVa, é notória a diversidade da sua rede de parceiros, deste modo trabalhar em rede implica que o profissional de serviço social “*reconheça as capacidades das pessoas, dos grupos, dos coletivos a mobilizarem-se*” (Guadalupe; 2010:115) Este tipo de trabalho, tem subjacente a ele o conceito de articulação, no sentido do aproveitamento dos recursos existentes na comunidade. Assim, o trabalho em rede, para além da rapidez de contacto com os seus membros, permite aos técnicos uma ampla troca de informações sobre o

jovem em questão, permitindo-lhes perceber a história de vida e respetivos problemas e/ou dificuldades em todos os sistemas em que estes se encontra inserido.

Precisar concretamente os efeitos da intervenção preventiva ao nível dos comportamentos desviantes, torna-se um trabalho difícil de realizar, uma vez que poderá levar alguns anos até que os resultados sejam de todo visíveis. Deste modo, a noção de *empowerment* surge como uma nova “ferramenta” de intervenção, no âmbito da prevenção de comportamentos desviantes, passando-se de uma lógica tradicional de ressocialização (durante largos anos utilizada como estratégia preventiva) para uma lógica de autonomia e capacitação do jovem desviante. Visto como *“um processo de reconhecimento, criação e utilização de recursos e de instrumentos pelos indivíduos, grupos e comunidades, em si mesmos e no meio envolvente, que se traduz num acréscimo de poder – psicológico, sociocultural, político e económico – que permite a estes sujeitos aumentar a eficácia do exercício da sua cidadania.”* (Pinto, 2001, p.247) De acordo com Herriger (2002), a intervenção preventiva de acordo com a perspectiva de *empowerment* assenta em quatro pilares fundamentais, nomeadamente: 1) potencialidades e pontos fortes do jovem; 2) conceção de programas de acompanhamento para estes jovens; 3) narrativa biográfica da vida do jovem e, 4) a criação de novas oportunidades de participação. Deste modo, a noção de *empowerment* assume que o desenvolvimento individual é feito tendo sempre presente a noção de participação. Deste modo, o desenvolvimento / acompanhamento destes jovens pode ser concebido tendo em conta os diversos sistemas em que estão inseridos (família, escola, grupo de pares e comunidade). De acordo com esta lógica de *empowerment*, os jovens são chamados a escolher, decidir e organizar as atividades e procedimentos necessários para definir o seu projeto de vida, passando de uma lógica “reparadora”, para uma lógica de carácter preventivo que apela à promoção e desenvolvimento de competências, à participação do jovem em todo o processo de acompanhamento, envolvendo-o em todas as decisões sobre a sua vida e acima de tudo promover a sua participação enquanto único agente responsável pelo processo de mudança, pelo caminho da *“escolha positiva”*. Deste modo, estando presente o conceito de *empowerment* na intervenção diária do projeto, significa *“necessariamente, mais capacidades, mais responsabilidades e também mais responsabilidades para os pais”* destes jovens, mas também para o próprio jovem. (Brandão; 2010, 229)

## CONCLUSÃO

---

Os problemas de comportamento dos jovens não são um fenómeno exclusivo das sociedades contemporâneas; existiu desde sempre e em todos os grupos sociais, variando apenas a forma como se caracteriza e se torna visível ao longo dos tempos. No presente, constitui um traço fundamental da análise social das dinâmicas da(s) cidade(s) e da(s) que se edificam num quadro alargado de mudanças sociais tendo por pano de fundo um fenómeno de globalização. Sentimentos de risco, incerteza, dúvida invadem intensamente as sociedades contemporâneas, nas quais *“os modos de vida atuais estruturam-se em torno de um ideal de ordem social que se afasta de todos os tradicionais e conhecidos até à data”*. (Carvalho;2010:96)

Na ausência de adequada supervisão e acompanhamento familiar, seja por impossibilidade devida aos longos horários de trabalho de muitas destas famílias, seja por negligência ou desresponsabilização parental, estas crianças e jovens adquirem aqui alguma autonomia, passando muitas horas na rua entregues a si próprios. Face a este cenário, o envolvimento nas práticas desviantes presentes o bairro concretiza-se mediante a observação do comportamento dos jovens mais velhos, confirmando-se assim a existência de um processo de aprendizagem social deste tipo de comportamentos. Inicialmente, essa aprendizagem passa por um processo de socialização com jovens mais velhos, onde transmitem orientações que incentivam os mais novos para as práticas desviantes. Mais do que a satisfação de algumas necessidades básicas, ou de algumas privações a que foram sujeitos, estas práticas permitem a estes jovens atingir algum estatuto e reconhecimento na comunidade. Deste modo, é possível afirmar que se encontra aqui presente o conceito *“subculturas delinquentes”* de Cohen nas quais estes jovens têm a oportunidade de desempenhar papéis específicos nos grupos em que estão inseridos, mesmo que isso implique a violação de regras e normas aceites pela sociedade. *“Muitas vezes, a sua vivência é uma forma gratificante, aliciante e desafiante para a criança, potencialmente geradora de um estatuto social que lhe confere um determinado papel e reconhecimento e importância neste contexto de vida, alcançando-se através de meios ilegítimos aquilo que de outra forma dificilmente se conseguiria”*. (Carvalho; 2010a:452)

De facto, é possível compreender a origem multifatorial dos comportamentos desviantes dos jovens. Quanto aos mecanismos que sustentam a génese deste tipo de comportamentos, destaca-se aqui a importância de três pilares fundamentais,



nomeadamente: as relações estabelecidas entre estes jovens e o seu meio ambiente no seu contexto de vida, constituído fundamentalmente pelo seu contexto familiar, contexto escolar e pelas vivências do *bairro* (exposição a modelos que reforçam e incentivam à prática desviante). Deste modo, a manifestação de comportamentos desviantes pode então ser *”explicada como uma consequência da incapacidade de os jovens se ajustarem às normas de comportamento dominantes”* (Pais; 2003:67).

O Programa Escolhas sempre se definiu como um programa de intervenção territorial, isto é, como um programa que não se concentra apenas numa problemática como o insucesso ou o abandono escolar, mas contextualiza essa dimensão numa comunidade local geralmente entendida como um sistema de ação integrado. Esta perspectiva pode e deve ser vista de ambos os lados, do lado da comunidade, como oportunidade para a inserção dos jovens, mas também da parte dos jovens como compromisso de cidadania na dinamização e resolução de problemas pessoais e da própria comunidade.

Articulando com o Serviço Social, a conceção de uma intervenção territorial assenta tal como foi referido no **capítulo VI**, num conhecimento de proximidade, estando presente em dois níveis: o geográfico e o social. Deste modo, este conhecimento de proximidade adquire-se na intervenção diariamente levada a cabo pelo projeto, através de um processo assente na comunicação com cada jovem, nas dinâmicas coletivas geradoras de ações e reações, e na compreensão das dinâmicas do território que se vão descodificando à medida que o técnico se sente parte dele. (Ramos;2008) Assim, a conceção deste conhecimento de proximidade, mediante a articulação de diversas formas de conhecimento, exige que os técnicos estabeleçam com estes jovens uma relação de proximidade e confiança (presente desde logo como foi possível observar no capítulo 5.3) com os jovens, que lhes permita compreender os significados das experiências de vida de cada um, e até do seu percurso desviante. Porém, este conhecimento de proximidade remete também o profissional para uma conceção do jovem e do território a partir das suas potencialidades individuais e coletivas, respetivamente. Deste modo, o jovem assume-se como ator principal no processo de mudança, focalizando-se nas suas competências, habilidades e potencialidades para a concretização da intervenção. (Astier, 2003) Quanto ao reconhecimento das potencialidades do território, requer que o profissional disponha de um conhecimento acerca da multiplicidade de atores sociais presentes no território, bem como das relações

que estabelecem entre si. Este conhecimento “*posiciona o técnico como detentor de um capital de conhecimento e relação, aspeto determinante para a legitimação da sua ação. Esse capital relacional é um dos principais recursos que têm os técnicos nos contextos locais de proximidade*”. (Ramos;2008:77)

Assim, um dos grandes objetivos da construção da ação coletiva em processos de intervenção territorial centra-se na reconstrução dos laços e relações que se estabelecem entre habitantes, instituições, no espaço de vida social neste caso do Vale da Amoreira, articulando as noções de projeto individual e coletivo, e de projeto do território (Bernoux,2005). Sendo que o maior desafio que se coloca ao profissionais é a (re)construção de laços e relações sociais com estes jovens e famílias.

O presente trabalho de investigação teve como principal objetivo compreender a prevenção dos comportamentos desviantes ao nível da intervenção territorial. Deste modo, optou-se apenas por o projeto EscolhasVa, constituindo-se assim o campo de recolha de dados. O estudo e conhecimento do projeto visou essencialmente compreender de que forma é feito todo o percurso interventivo, ou seja, perceber como se constrói a intervenção, compreender as estratégias e modelos de intervenção, quais as áreas em que há um maior e menor investimento interventivo. Após este conhecimento, procurou-se explicar de que forma é que todo este trabalho se interliga com a prevenção dos comportamentos desviantes. E, por último procurou-se vislumbrar aquilo que poderão ser os contributos que este trabalho diário deixa nas suas vidas. A análise teve como principal objetivo o conhecimento e compreensão desta realidade social, partindo da perspectiva dos atores sociais envolvidos, nomeadamente: técnicos, anteriores coordenadores, parceiros e três jovens.

Tendo por base estes objetivos e pressupostos, e com base nos discursos dos atores sociais apresentados, foi possível identificar aqui alguns pilares que se revelam importantes ao nível da prevenção deste tipo de comportamentos, nomeadamente: a referência positiva para estes jovens, a capacitação dos jovens para o desenvolvimento do seu projeto de vida. Todos estes pilares, só se concretizam mediante a participação dos jovens nas atividades que o projeto diariamente lhes proporciona. As atividades diárias constituem-se como um suporte de toda a intervenção que permite aos estes jovens: o desenvolvimento de capacidades individuais, artísticas, físicas, emocionais; fortalecem laços de amizade e companheirismo; expressar sentimentos de amizade e felicidade; possibilita o contacto

com múltiplas experiências positivas e o contato com novas realidades, que mais tarde transmitirão a outras gerações. E, pegando nos contributos de Pais, às vezes “*bastam pequenos acontecimentos para que novos rumos sejam dados à vida*”. Face a isto, uma intervenção fundamentada pode ser potenciadora de novos acontecimentos, novas realidades (onde se inclui o contato com outras realidades), permitindo a estes jovens reencontrarem o seu rumo, o seu caminho, o caminho da “*escolha positiva*”.

Em jeito de reflexão final, é possível afirmar que o presente trabalho de investigação permitiu a obtenção de resultados satisfatórios e consistentes, dada a articulação entre os dados apresentados e a revisão de literatura efetuada para o enquadramento teórico. Vocacionado para a inclusão social de jovens provenientes de meios urbanos mais desfavorecidos, foi possível ao longo do presente trabalho encontrar traços que se identificam com a prevenção de comportamentos desviantes. Trata-se de um projeto de intervenção ao nível territorial, que procura esbater e trabalhar alguns dos fatores de risco que estão na base da génese dos comportamentos desviantes. Centra-se essencialmente nos fatores de risco, para que numa fase mais tardia da intervenção seja possível observar pequenos sinais de resiliência. Assim, a prevenção deste tipo de problema não deverá nunca assumir um carácter remediativo e imediato, uma vez que mais importante que intervir é prevenir, estabelecer planos de prevenção dirigidos a estes jovens, às famílias e às comunidades.

Para terminar, surge como imperativo uma real aposta e investimento em programas de prevenção dos problemas de comportamento dos jovens, estando a eles subjacente os princípios da complementaridade que se associam ao trabalho em equipa multidisciplinar, uma vez que se está a trabalhar com um problema cuja complexidade não se associa com respostas remediativas de prevenção. E aqui, os contributos da intervenção precoce não podem passar despercebidos.

Para além disto, é igualmente importante o investimento em estudos acerca desta problemática, para que possam permitir aos profissionais que se encontram no terreno uma adequação e adaptação da sua intervenção, no sentido de uma intervenção cada vez mais ajustada às necessidades destes jovens, famílias e comunidade.

## BIBLIOGRAFIA

---

- Amado, J. d., & Freire, I. P. (2009). *A(s) Indisciplina(s) na Escola: Compreender para Prevenir*; Coimbra, Almedina;
- Astier, Isabelle (2007); *Les nouvelles règles du social*; Paris; Presses Universitaires de France;
- Bandura, A. (1971); *Social Learning theory*, New York, General Learning Press;
- Beau-Castagnac, Anne-Guite, “Le territoire comme nouveau paradigme de l’action publique” in Cauquil (2004), in *Conduire et évaluer les politiques sociales territorialisées*, Paris, Dunod, pp. 21-41;
- Becker, Howard (1973) *Outsiders, Studies in Sociology of Deviance*, Nova Iorque, The Free Press of Glencoe;
- Bernoux, J.F. (2005) *Mettre en oeuvre le développement social territorial*, Paris, Dunod;
- Blakie, N. (2002); *Designing Social Research*, Cambridge, Polity Press;
- Born, M. (2005). *Psicologia e Delinquência (1ª Ed)*. Lisboa: Climepsi;
- Brandão, Maria Teresa (2010); “Propostas de intervenção familiar para crianças em risco”; Fernandes, Natália; Almeida, Ana Tomás de; *Intervenção com crianças, jovens e famílias – estudos e práticas*; Coimbra, Almedina; pp. 225-241;
- Carlson, Amber, *How parents influence deviant behaviour among adolescents: an analysis of their family life, their community and their peers*;
- Carvalho, Maria João Leote de (2010a); Do outro lado da cidade. Crianças, Socialização e Delinquência em bairros de realojamento; Dissertação de Doutoramento em Sociologia; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa;
- Carvalho, Maria João Leote de; (2010b), “Juventude e Risco”; Fernandes, Natália; Almeida, Ana Tomás de; *Intervenção com crianças, jovens e famílias – estudos e práticas*; Coimbra, Almedina; pp. 89-108
- Carvalho, M. (2004). “Entre as malhas do Desvio: Jovens, espaços, trajetórias e delinquências”, *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Coimbra: Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra.

- Censos 2011; informação disponibilizada em [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011\\_apresentacao](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao);
- Coelho, Maria de Fátima (2010); *Processos Identitários e Delinquência dos Jovens em contexto de exclusão: desvalorização pessoal, privação relativa, e percepções de injustiça*, Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Católica Portuguesa, Lisboa;
- Cohen, Albert (1971), *La Déviance*, Gemblaux, Éditions J.Duculot, S.A;
- Coutinho, Clara P. (2011); *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*; Coimbra; Almedina;
- Curra, Jonh (2010), *The Relativity of Deviance*, Thousand Oaks, California, Sage Publications;
- Farrington, D. P. (1990) *Implications of criminal career research for the prevention of offending*; Journal of Adolescence, 13, 93-113.
- Farrington, P., (1992), *Trends in English juvenile delinquency and their explanation*, International Journal of Comparative and Applied Criminal Justice, 16, pp. 151-163;
- Farrington, P. (1997), *Early prediction of violent and non-violent youthful offending*, European Journal on Criminal Policy and Research;
- Farrington, David P (2002 ); *Family Influences on Delinquency*; Jones and Bartlett Publishers;
- Farrington, David P. (2006a); *Childhood risk factors and risk-focussed prevention*; Institute of Criminology University of Cambridge, Oxford;
- Farrington, David P. (2006b); *Key longitudinal-experimental studies in criminology*; Toronto; Journal of Experimental Criminology;
- Farrington (2007)
- Farrington, David P.; Welsh, B. C.; (2007); *Saving Children from a Life of crime: early risk factors and effective interventions*; Oxford University Press; Oxford;
- Farrington e Loeber 2000
- Fernandes, Matilde; (2010); “Tipologia do Delinquente Juvenil Urbano: Um estudo exploratório da Universidade de Lisboa”; Almeida, Ana Tomás, Fernandes, Natália, *Intervenção com crianças, jovens e família- estudos e práticas*, Coimbra, Almedina, pp. 109-121

- Ferreira, Pedro Moura (1997); *Delinquência Juvenil, família e escola*; Análise Social Volume XXXII, pp. 913-924;
- Flick (2005); *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*; Lisboa; Monitor;
- Fonseca, A. C.; Simões, A.; (2002) *A teoria geral do crime de Gottfredson e Hirschi*; in *Comportamento Anti-social a família: uma abordagem científica*; Coimbra; Almedina;
- Fraser, M. W., Kirby, L. D., & Smokowski, P. R. (2004). Risk and resilience in childhood. In M. W. Fraser (Ed.), *Risk and resilience in childhood, 2nd ed.* (pp. 13-66). Washington, DC: NASW.
- Guadalupe, Sónia; (2010); *Intervenção em Rede – Serviço Social, Sistémica e Redes de Suporte Social*; Imprensa da Universidade de Coimbra; Coimbra;
- Guerra, Isabel Carvalho (2006); *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo*, Cascais, Principa Editora;
- Giddens, Anthony (2001); *Sociologia*; Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 5ª Edição;
- Greenwood, Peter(2008), *Prevention and Intervention Programs for Juvenile Offenders*, disponível em [http://futureofchildren.org/futureofchildren/publications/docs/18\\_02\\_09.pdf](http://futureofchildren.org/futureofchildren/publications/docs/18_02_09.pdf);
- Henderson, N. & Milstein, M.M. (2003). *Resilience in School* Buenos Aires. Paidós;
- Henggeler, Scott W; Schoenwald, Sonja K. (2011); *Evidence-Based Interventions for Juvenile Offenders and Juvenile Justice Policies that Support Them*; Sharing Child and youth development knowledge; Vol. 25; No. 1;
- Herriger, Norbert (2002), *Empowerment in Social Work with Youth at Risk*; Montpellier
- Hirchi, Travis (2009), *Causes of delinquency*; United States of America, Transaction;
- Ingram, Jason R.; Patchin, Justin W.; Huebner, Beth M.; McCluskey, John D.; Bynum Timothy S.; (2007); “*Parents, Friends, and serious delinquency: na examination of direct and indirect effects among at-risk early adolescents*”; Criminal Justice Review, Vol. 32; Nº4;
- Jenson, J. M. (2004). *Advances in preventing childhood and adolescent problem behavior*. Research on Social Work Practice, 20(6), 701-713.

- Jenson, J. M.; Fraser, M. W.; (2005); *A risk and resilience framework for child, youth, and family policy*;
- Jenson, Jeffrey M. (2010), *Advances in Preventing Childhood and Adolescent Problem Behaviour*; Sage Publications,
- Kronemar, Leonick; Loeber, Rolf; Hipwell, Alison E.; (2004); *“Is neighborhood context differently related to externalizing problems and delinquency for girls compared with boys?”*; *Clinical Child and Family Psychology Review*, Vol. 7; No. 2;
- Le Blanc, M.; Janosz, M. (2002); “Regulação familiar da conduta delinquente em adolescentes”; Fonseca, António Castro; *Comportamento Anti-social a família: uma abordagem científica*; Coimbra; Almedina; pp. 37-92;
- Loeber, Rolf; Farrington, David P.; Petechuk, David (2003); *Child Delinquency: Early Intervention and Prevention*; U. S. Department of Justice;
- Martins, José Soares; Gomes, Patrícia Santos, (2011); *Identidade, desvio e reputação no grupo de pares*; *Antropológicas*, nº 12, pp.67-73;
- Naplava, Thomas; Oberwittler, D. (2002); “Fatores familiares e delinquência juvenil – resultados da investigação sociológica na Alemanha”; *Comportamento Anti-social e família – uma abordagem científica*; Coimbra, Almedina, pp. 157-179;
- Negreiros, Jorge (2008); *Delinquências Juvenis – Trajetórias, intervenção e prevenção*, Porto, Livpsic;
- Nunes, Laura M. (2010); *Delinquência e consumo de drogas: risco, proteção e prevenção*; in Ousar Integrar – revista de reinserção social e prova nº5
- Nunes, Matilde (2010); *Tipologia do delinquente juvenil urbano: estudo exploratório na cidade de Lisboa*; pp 109-121 in *Intervenção com crianças, jovens e famílias*; Lisboa, Almedina;
- Oliveira, Ana; Galego, Carla; (2005); *A mediação sócio-cultural; um puzzle em construção*; Lisboa; Acime; disponibilizado em <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos%20OI/Estudo%2014.pdf>;
- Oliveira, Ana Maria da Costa (2010); *O Virar da Seta: factores positivos em vidas de jovens em risco*; Lisboa; Universidade Católica Editora;

- Pais, José Machado (2003); *Culturas Juvenis*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda;
- Patterson, G. R.;(1982) *Coercive Family Process*; Oregon;
- Patterson, G. E. (1986). *Performance models for antisocial boys*. Am. Psychol. 41: pp. 432-444;
- Piquero, Alex R. (2004) *et. al.*; *Theory and research on desistance from antisocial activity among serious adolescent offenders*; Sage Publications;
- Ramos, Teresa Margarida Modesto (2008); A construção da ação coletiva em processos de desenvolvimento sócio-territorial; Tese de Mestrado;
- Reilly, James (2012); *Risk and protective factors of delinquency: perspectives from professionals working with youth*; University of St. Thomas; Minnesota;
- Relatório Anual de Segurança Interna (2013), disponibilizado em <http://www.portugal.gov.pt/pt/documentos-oficiais/20140401-rasi-2013.aspx>;
- Rosavallon, P. (1998), *La Nouvelle Question Sociale: Repenser L'État-Providence*; França; Seuil;
- Rutter, M. (1990). *Psychosocial resilience and protective mechanisms*. In Rolf, Masten, Cicchetti, Nuecherlein & Weintraub (Eds.), Risk and protective factors in the development of psychopathology. New York: Cambridge University Press;
- Rutter; Michael (1999); *Resilience concepts na findings: implications for family therapy*; Oxford; Blackwell Publishers;
- Saint-Maurice, Ana de; Costa, Sónia; Pereira, Vanessa Palma, Guerra, Isabel (2013); Avaliação externa do programa Escolhas 2010-2012; Lisboa, Dinâmia-Cet;
- Santos, Teresa (2005), *Desenvolvimento Pessoal e Social: do conceito à projecção concreta* in Cadernos de Educação de Infância 76, Out./Dez. 2005, artigo 1;
- Seabra, Hugo Martinez; (2005); *Delinquência a preto e branco: estudo de jovens em reinserção*; Porto; Alto Comissariado para a imigração e minorias étnicas;;
- Shader, M.; (2003) *Risk factors of delinquency: na overview*; Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention; Washington;
- Shoemaker, Donald J.; *Conduct Problems in Youth: Sociological Perspectives*, Clinical Handbook of Assessing and Treating, 2010



- Simons, Ronald L., Les B. Whitbeck, Rand D. Conger, and Katherine J. Conger. 1991. “*Parenting Factors, Social Skills, and Value Commitments as Precursors to School Failure, Involvements with Deviant Peers, and Delinquent Behavior.*” *Journal of Youth and Adolescence* 20(6): 645-64;
- Snyder, James; Schrepferman, Lynn; McEachern, Amber; Barner, Stacy; Oeser, Jessica, Johnson, Kassy – “*Peer deviancy, training and peer coercion: dual process associated with early-onset conduct problems*”; Wichita State University;
- Sutherland, Edwin e Donald Cressey (1970), *Criminology*, 10th edition, Philadelphia, Lippincott;
- Thomlison, B. (2003). *Child maltreatment: A risk and protective factor perspective*. In M. W. Fraser (Ed.), *Risk and resilience in childhood*, 2nd edition. (pp. 89-131). Washington, DC: NASW.
- Wasserman, G. A., Keenan, K., Tremblay, R. E., Coie, J. D., Herrenkohl, T. I., Loeber, R. (2003). *Risk and protective factors of child delinquency*. (Child Delinquency Bulletin Series). Washington, DC: U.S. Department of Justice, Office of Justice Programs, Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention;
- Viscarret, Jesus de (2007); *Modelos e Métodos de intervenção em Serviço Social*; Espanha; Alianza;
- Zastrow, Charles H. (2013); *The Practice of Social Work: A Comprehensive Worktext*; 10<sup>th</sup> Edition; USA;



## **ÍNDICE DE ANEXOS**

---

**Anexo 01** – Grelha analítica;

**Anexo 02** – Guião de entrevista;

**Anexo 03** – Candidatura do projeto EscolhasVa – 5ª Geração;



## Grelha Analítica - Jovens

Problemáticas	Dimensões
<b>Contexto Social – Fatores de Risco</b>	<p><b>1. Contexto comunitário – bairro:</b>  Rede de vizinhança; tempo que passa na rua com outros jovens; onde despende mais tempo dentro do bairro; problemas presentes no bairro, presença de comportamentos desviantes;</p> <p><b>2. Grupos de pertença:</b></p> <p style="padding-left: 40px;"><b>2.1. Família – Estrutura Familiar:</b></p> <p>Escolaridade e profissão dos pais; relação pais – filhos; estrutura familiar; conflitos parentais; pais com antecedentes criminais; regras e limites, supervisão parental;</p> <p style="padding-left: 40px;"><b>2.2. Grupo de pares:</b></p> <p>Relações estabelecidas; associação com pares delinquentes; influencia exercida; características do grupo; envolvimento em comportamentos desviantes; funcionamento / organização do grupo, percepções a cerca do grupo; reações do grupo face a aos comportamentos manifestados;</p> <p style="padding-left: 40px;"><b>2.3. Escola</b></p> <p>Percurso escolar (inclusão, exclusão, abandono); escola enquanto espaço que favorece a associação com pares desviantes; relação estabelecida com os professores; importância do papel da escola</p>
<b>Contexto Social – Fatores de Proteção</b>	<p><b>1. Contexto comunitário – bairro:</b>  Recursos comunitários (escolas, grupos de jovens, acesso a serviços); projetos de prevenção existentes; sentimentos de pertença e integração;</p> <p><b>2. Grupos de pertença:</b></p> <p style="padding-left: 40px;"><b>2.1. Família – Estrutura Familiar:</b></p> <p>Estilos parentais – consistência das práticas parentais; estilos parentais; supervisão e acompanhamento parental; regras e limites;</p> <p style="padding-left: 40px;"><b>2.2. Grupo de pares:</b></p> <p>Associação com pares normativos, referências afetivas ao grupo de pares;</p> <p style="padding-left: 40px;"><b>2.3. Escola</b></p> <p>Papel da escola na transmissão de normas e valores normativos; percurso escolar ; Reconhecimento de figuras de autoridade;  Contexto de experiências positivas;</p>

<b>Identidade Social do Jovem</b>	<p>Percepção sobre si próprio;</p> <p>Características da sua personalidade;</p> <p>Relação com o outro (como descreve); o que sente;</p> <p>Sentimentos de pertença ao grupo e ao próprio bairro – como se sente; como os descreve; influencia para o percurso desviante;</p> <p>Atividades / acontecimentos com mais impacto durante o seu curso de vida;</p> <p>Motivos que levaram a interrupção desse tipo de comportamentos;</p> <p>Contribuição do projeto para a mudança de percurso (positivo e negativo);</p> <p>Avaliação ao projeto (como o avalia; o que resultou no seu percurso);</p>
<b>Eficácia do Projeto</b>	<p>Contributo do projeto para a formação de atitudes / comportamentos normativos;</p> <p>Evolução do seu comportamento (como foi; foi interrompido após entrar no projeto; relação com o sistema de justiça);</p> <p>Participação nas atividades do projeto (como correu, como as avalia);</p> <p>Quais os fatores mais importantes que contribuíram para a mudança de comportamento;</p> <p>Impacto do projeto na sua vida;</p>
<b>Ineficácia do Projeto</b>	<p>Avaliação do projeto (percepção e opinião do que falhou);</p> <p>Participação / Envolvimento nas atividades do projeto (como foi e como a avalia?)</p>

## Grelha Analítica – Técnicos

Problemáticas	Dimensões
<b>Contexto Social – Fatores de Risco</b>	<p><b>1. Contexto comunitário – bairro:</b></p> <p>Rede de vizinhança; tempo que passa na rua com outros jovens; onde despende mais tempo dentro do bairro; imagem que tem do bairro; tipo de famílias residentes, problemas sociais existentes, impacto na vida dos jovens.</p> <p><b>2. Grupos de pertença:</b></p> <p style="padding-left: 40px;"><b>2.1. Família – Estrutura Familiar:</b></p> <p>Escolaridade e profissão dos pais; relação pais – filhos; estrutura familiar; conflitos parentais; pais com antecedentes criminais;</p> <p style="padding-left: 40px;"><b>2.2. Grupo de pares:</b></p> <p>Relações estabelecidas; associação com pares delinquentes; influencia exercida; características do grupo; envolvimento em comportamentos desviantes; funcionamento / organização do grupo, perceções a cerca do grupo; reações do grupo face a aos comportamentos manifestados;</p> <p style="padding-left: 40px;"><b>2.3. Escola</b></p> <p>Percurso escolar (inclusão, exclusão, abandono); escola enquanto espaço que favorece a associação com pares desviantes;</p>
<b>Contexto Social – Fatores de Proteção</b>	<p><b>1. Contexto comunitário – bairro:</b></p> <p>Recursos comunitários (escolas, grupos de jovens, acesso a serviços); projetos de prevenção existentes; sentimentos de pertença e integração;</p> <p><b>2. Grupos de pertença:</b></p> <p style="padding-left: 40px;"><b>2.1. Família – Estrutura Familiar:</b></p> <p>Estilos parentais – consistência das práticas parentais; estilos parentais;</p> <p style="padding-left: 40px;"><b>2.2. Grupo de pares:</b></p> <p>Associação com pares normativos, referências afetivas ao grupo de pares;</p> <p style="padding-left: 40px;"><b>2.3. Escola</b></p> <p>Papel da escola na transmissão de normas e valores normativos; percurso escolar</p>
<b>Intervenção</b>	<p>Construção do projeto</p> <p>Funcionamento do projeto</p> <p>Contributos do projeto (o que oferece);</p> <p>Modelo de intervenção (centrado nos riscos?, ou no desenvolvimento de competências), como é desenhado, operacionalização dos factores de risco (como se trabalham?)</p> <p>Centrado na resiliência?</p> <p>Factores prioritários alvo da intervenção;</p> <p>Envolvimento da família, dos pares e da escola;</p> <p>Impacto do projeto na vida destes jovens;</p> <p>Articulação com a prevenção de comportamentos desviantes;</p>

<b>Eficácia do Projeto</b>	Participação no projetos que implicação tem para todos os níveis; Fatores determinantes para atingir resiliência (como se concretizam, como são trabalhados? ) Pontos fortes do projeto; Evolução do comportamento dos jovens (como se manifesta?) Pontes fortes e oportunidades;
<b>Ineficácia do projeto</b>	Fatores inibidores da resiliência; Pontos fracos do projeto; O que não resultou (Porquê?; quais as perceções dos técnicos); Pontos fracos e ameaças ao projeto;





## Guião de Entrevista - Técnicos

Dimensão	Questões	Categorias	
<b>Dimensão do projeto</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Como é que o projeto funciona? Como foi construído? (caso seja necessário, <b>Existe algum modelo subjacente que seja utilizado?</b>)</li> <li>2. A que necessidades pretenderam responder quando pensaram conceber o projeto?</li> <li>3. Quais as características mais salientes dos jovens com que trabalham? No que se baseiam para fazer esta caracterização?</li> <li>4. Quais os principais problemas que identifica nestes jovens / área geográfica?</li> <li>5. Que forças e potencialidades têm?</li> <li>6. Como é que entendem o conceito de desvio? E de comportamentos desviantes?</li> </ol>	<p>Projeto – Procedimentos Grau de coerência do projeto</p> <p>Perfil dos jovens</p> <p>Conceito desvio e c. desviantes</p>	<p>Fatores de Risco – Individuais e Sociais</p> <p>Identidade dos jovens</p>
<b>Intervenção</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Quais as áreas em que o projeto investe mais e menos? Ou em quais é que não investe? E porquê?</li> <li>2. Quais os objetivos em que o programa investe mais, e porquê? Quais os que vão ao encontro dos fatores de risco e proteção? E quais é que vão de encontro a prevenção de comportamentos desviantes?</li> <li>3. Que insucessos deteta no projeto? Porque ocorrem?</li> <li>4. Realizam análise regular da própria intervenção? Em função de que? E com que periodicidade?</li> <li>5. Como é que entende a prevenção de comportamentos desviantes? E, em que medida é que o projeto contribui para a prevenção deste tipo de comportamentos?</li> <li>6. Que contributos dá a estes jovens?</li> <li>7. Quais os fatores prioritários de intervenção?</li> <li>8. Como avalia o envolvimento dos jovens nas atividades do projeto?</li> <li>9. Qual o envolvimento da família, escola e grupo de pares?</li> <li>10. Para além do trabalho efetuado pelo programa, em que outras áreas deveria haver um maior investimento? (deverá ser dito se é <b>centrado no desenvolvimento de competências</b>, se não perguntar)</li> </ol>	<p>Desvio e C. Desviante</p> <p>População Alvo</p> <p>Relação entre projeto e prevenção C. Desviantes</p> <p>Modelos de intervenção subjacentes</p>	<p>Experiências positivas (perg. 6)</p>
<b>Bairro</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Qual a imagem que tem a cerca do bairro?</li> <li>2. Que recursos existem?</li> <li>3. Qual a influência exercida pelo bairro na trajetória de vida destes jovens?</li> <li>4. Que tipos de famílias nele residem? Quais as suas principais características?</li> <li>5. Considerando a sua experiência de trabalho com jovens delinquentes, que fatores comunitários poderão contribuir para o aumento do risco / manifestação de comportamentos desviantes? E quais poderão contribuir para a diminuição?</li> </ol>	<p>Caraterização do bairro</p> <p>Estrutura Familiar</p> <p>Factores de risco e proteção comunitários</p>	<p>Nível de criminalidade; Carências económicas; Rede de vizinhança desorganizada;</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p>Coesão comunitária; Acesso a diferentes serviços;</p>
<b>Identidade do Jovem</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Considerando a sua experiência de trabalho com jovens</li> </ol>	<p>Factores de risco</p>	<p>Hiperatividade; Impulsividade; Baixa escolaridade e</p>

	<p>delinquentes, que fatores individuais aumentam o risco do jovem se envolver em comportamentos delinquentes?</p> <p>2. Que fatores individuais contribuem para a sua resiliência? E quais se revelam inibidores da mesma?</p>	<p>individuais</p> <p>Resiliência e fatores de proteção</p>	<p>QI; Ansiedade; Ausência de objetivos de vida;</p> <p>Ajuste face a adversidade; Elevado QI; Maiores competências sociais, pessoais e resolução de conflitos;</p>
<b>Estrutura Familiar</b>	<p>1. Considerando a sua experiência de trabalho com jovens delinquentes, que fatores familiares aumentam o risco do jovem manifestar comportamentos delinquentes?</p> <p>2. Quais poderão contribuir para a sua diminuição?</p>		<p>Relação parental; Estrutura familiar; Ausência de figura de referência; Modelos parentais desviantes; Pais com antecedentes criminais; Família numerosa; Baixa supervisão; Práticas parentais (negligência, abuso, abandono)</p> <p>Competências e responsabilidade parentais; Figura de referência positiva; Supervisão parental; Relação pai – filho; Ausência de modelos parentais desviantes; Ambiente parental saudável;</p>
<b>Escola</b>	<p>1. Qual o papel da escola na promoção e prevenção de comportamentos desviantes?</p> <p>2. O que falha? E como é que o projeto tenta colmatar essas falhas?</p>		
<b>Grupo de Pares</b>	<p>1. Qual o papel do grupo de pares na promoção e prevenção de comportamentos desviantes?</p> <p>2. O que falha? E como é que o projeto tenta colmatar essas falhas?</p>		<p>Relação negativa com pares; Papéis pouco claros; Disfunções na liderança; Rejeição grupal; Associação com pares desviantes;</p> <p>Associação com pares normativos; Normas pró-sociais; Actividades pró-sociais;</p>
<b>Aumento da proteção</b>	<p>1. Quais os fatores determinantes para atingir a resiliência?</p> <p>2. Quais os pontos fortes / potencialidades do programa?</p> <p>3. Como avalia a participação dos jovens nas atividades do</p>		

	projeto, e que implicações têm para ele em todos os domínios (individual, familiar, escolar, grupo de pares)?	Fatores de proteção	
<b>Vulnerabilidade</b>	<div>1. Que fatores se revelam inibidores da resiliência?</div> <div>2. O que não resultou e porquê? Quais as perceções acerca disso?</div> <div>3. Quais os pontos fracos do projeto?</div>		

## Guião de entrevista – Jovens

Dimensão	Questões	Categorias	
<b>Ligação com o projeto</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>Qual a tua ligação com este projeto? Como tiveste conhecimento dele?</li> <li>O projeto é bom para o bairro? Porquê?</li> <li>Como avalias o projeto? E a tua relação com os técnicos?</li> <li>Qual a opinião da tua família sobre o projeto?</li> </ol>		
<b>Bairro</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>Qual a opinião que tens sobre o bairro?</li> <li>O que pensam as outras pessoas sobre o bairro em que vives?</li> <li>Onde e com quem passas a maior parte dos teus tempos livres?</li> </ol>	Grupos de Pertença	Família / grupo / rua
<b>Estrutura Familiar</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>Com quem vives?</li> <li>Como descreves / caracterizas os teus pais? E a restante família?</li> <li>Como é o teu relacionamento com a tua família? Como te sentes? O que gostas? O que não gostas? Se pudesses o que mudarias?</li> <li>Como é que os teus pais são contigo? Quem é que definia as regras? Se falhasses, o que acontecia? E agora: tens regras? O que acontece se não cumprires?</li> <li>Olhando para a tua família, quais as pessoas que mais te marcaram? <ol style="list-style-type: none"> <li>Pela positiva?</li> <li>Pela negativa?</li> <li>Quais os acontecimentos que nunca vais esquecer?</li> </ol> </li> <li>Que experiências negativas aconteceram na tua família? Que idade tinhas? Porque achas que aconteceu?</li> <li>O que esperam os teus pais de ti ao nível da escola?</li> <li>Existe alguém na tua família que já teve problemas com a justiça? Porquê? O que aconteceu?</li> </ol>	<p>Estrutura familiar Carac. Familiares</p> <p>Figuras de referência</p> <p>Expetativas</p>	<p>Coesão familiar</p> <p>Modelos Parentais Relacionamento parental (forte / fraco)</p> <p>Supervisão parental (baixa / alta) Regras (Existência / Ausência) – Reforços / Punições</p> <p>Ausência / existência</p> <p>Negligência / Abuso / Abandono / Maus tratos</p> <p>Pais / familiares anti-sociais e com antecedentes criminais</p>
<b>Escola</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>Com que idade entras-te para a escola?</li> <li>Como descreves o teu percurso escolar?</li> <li>Que importância tem para ti a escola?</li> <li>Que experiências negativas vivenciaste na escola? Porque achas que aconteceram?</li> <li>Olhando para todo o teu percurso escolar, quais as pessoas que mais te marcaram? <ol style="list-style-type: none"> <li>Pela positiva?</li> <li>Pela negativa?</li> <li>Quais os acontecimentos que nunca vais esquecer?</li> </ol> </li> </ol>	<p>Factores de risco</p> <p>Figuras de referência / Grupos de pertença</p>	Pares desviantes / normativos
<b>Grupo de Pares</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>O que é para ti um grupo?</li> <li>Como descreves o teu grupo de amigos? Como se organizam?</li> <li>Como é que descreves a tua relação com eles?</li> <li>Como te sentes na presença deles?</li> <li>Que tipo de coisas costumam fazer? E o que mais gostas de fazer na presença deles?</li> </ol>	<p>Id. do grupo C. do grupo</p> <p>Grupo de pertença</p> <p>Atividades</p>	

		desenvolvidas	
<b>Risco – Proteção</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Como avalias a evolução do teu comportamento? Foi interrompido após entrares para o projeto?</li> <li>2. Aconteceu alguma coisa no projeto que te fez mudar algumas coisas na tua vida?</li> <li>3. Que motivos te deu para mudar de vida?</li> <li>4. Achas que conseguirás realizar todos os teus objetivos? Quais as tuas forças? E que dificuldades esperas encontrar?</li> <li>5. Quais os técnicos que mais te marcaram? E porquê?</li> </ol>	<p>Resiliência</p> <p>Figuras de referência</p>	
<b>Reincidência</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Como avalias a tua participação nas atividades do projeto?</li> <li>2. O que achas que não resultou? E porquê? Sentes que a tua participação condicionou o teu percurso?</li> </ol>		
<b>Identidade Social</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Que imagem tens de ti próprio?</li> <li>2. Quais as tuas principais características? E defeitos?</li> <li>3. Quais foram os acontecimentos mais marcantes da tua vida? Porquê?</li> <li>4. Olhando para a tua vida o que gostarias que fosse diferente?</li> <li>5. Mudavas alguma coisa no teu comportamento ou na tua vida?</li> <li>6. Quais as pessoas mais importantes para ti? E porquê?</li> <li>7. Que consequências têm as coisas que fazes na tua vida?</li> </ol>	<p>Fatores Individuais</p> <p>Pertença</p>	<p>Hiperatividade; Impulsividade; Baixa escolaridade e QI; Ansiedade; Ausência de objetivos de vida;</p> <p>Ajuste face a adversidade; Elevado QI; Maiores competências sociais, pessoais e resolução de conflitos;</p>



## ENQUADRAMENTO GERAL

### Designação

- Escolhas VA – E5G

### Período:

- Janeiro 2013 a Dezembro 2015 (renovável anualmente)

### Consórcio

#### **Entidade Promotora e Gestora:**

- VitaCaminho, Associação para o Desenvolvimento Pessoal e Social

#### **Parceiros:**

- Município da Moita
- Comissão de Proteção de Crianças e Jovens da Moita
- Junta de Freguesia do Vale da Amoreira
- Agrupamento Vertical de Escolas do Vale da Amoreira
- Escola Secundária da Baixa da Banheira
- Rumo, Cooperativa de Solidariedade Social, CRL
- Escola Técnica Profissional da Moita
- Centro de Formação das Escolas dos Concelhos do Barreiro e Moita
- Instituto Português do Desporto e da Juventude

### Público-alvo:

- **Participantes Diretos:** 55 Jovens/ano entre os 11 e os 24 anos, particularmente:

*a) Jovens em situação de absentismo/ abandono escolar*

*b) Jovens em situação de insucesso escolar*

*c) Jovens que estão ou estiveram sujeitos a medidas de promoção e proteção*

*d) Jovens em situação de desocupação/desemprego*

- **Participantes Indiretos:** 260 jovens/ano entre os 11 e os 24 anos, bem como famílias, professores e técnicos.



## DIAGNÓSTICO INICIAL

### Problema – Central:

- Elevados níveis de insucesso/abandono dos percursos escolares dos jovens ao nível das respostas alternativas ao sistema de ensino básico regular.

### Outros Problemas:

- Insucesso escolar (ensino básico regular);
- Desemprego/Desocupação juvenil;
- Falta de investimento/dificuldade familiar em acompanhar o percurso escolar dos jovens.

*Nota: só são apresentados problemas passíveis de quantificação, face a exigências do formulário de candidatura.*

### Objetivos, resultados, indicadores, Instrumentos de avaliação, medidas, atividades:

**Objetivo Geral** – Contribuir, entre 2013 e 2015, para a inclusão social, escolar, profissional e digital dos jovens da freguesia do Vale da Amoreira.

#### Objetivos Específicos

**Objetivo Específico 1.1** – Contribuir para a progressão escolar e/ou certificação profissional de 150 jovens, dos 11 aos 24 anos, da freguesia do Vale da Amoreira, durante os 3 anos do projeto, corresponsabilizando os seus familiares pelo acompanhamento dos seus percursos escolares e/ou formativos.

#### Resultados esperados:

- Promover o sucesso escolar;
- Promover a corresponsabilização dos pais no processo educativo;
- Encaminhar e integrar em escola, emprego ou formação profissional.

#### Indicadores:

- Nº de jovens que obtém sucesso escolar
- Nº de familiares envolvidos em sessões informativas/formativas – mínimo de 40% de presenças nas sessões realizadas
- Nº de jovens encaminhados e/ou integrados em respostas educativas/formativas
- Nº de familiares que apresentam um nível de envolvimento avaliado como razoável ou elevado
- Nº de jovens envolvidos em sessões de orientação escolar/profissional

#### Instrumentos de Avaliação:

Pautas de avaliação escolar; Processo individual dos jovens; Registo de presenças; Registo e avaliação de sessões; Registo de contatos; Registo de Reuniões; Grelha de avaliação de envolvimento das famílias

**Objetivo Específico 1.2** - Promover a ocupação estruturada e saudável dos tempos livres de 250 jovens, dos 11 aos 24 anos, da freguesia do Vale da Amoreira, entre 2013 e 2015, em particular dos que se encontrem em situação de desocupação.

**Resultados esperados:**

- Promover hábitos e/ou estilos de vida saudáveis;
- Desenvolver competências de cidadania e/ou participação cívica;
- Desenvolver competências pessoais e sociais.

**Indicadores:**

- Nº de jovens envolvidos em atividades desportivas/artístico -culturais/lúdico-pedagógicas
- Nº de jovens envolvidos em ações de cidadania e participação cívica/dinamização comunitária
- Nº de jovens envolvidos em programas de promoção de aquisição de competências – mínimo de 60% de presenças nas sessões realizadas
- Nº de jovens que demonstrou a aquisição ou consolidação de 40% das competências trabalhadas

**Instrumentos de Avaliação:**

Registo de presenças; Mapa de Assiduidade; Registo e avaliação das Atividades; Instrumento de avaliação inicial de competências; Instrumento de avaliação final de competências.

**Objetivo Específico 1.3** - Fomentar, nos 3 anos do projeto, junto de 200 jovens, dos 15 aos 24 anos, da freguesia do Vale da Amoreira, a aquisição e/ou consolidação de competências facilitadores da sua (re)inserção no mercado de trabalho.

**Resultados esperados:**

- Desenvolver competências profissionais, de empregabilidade e/ou de empreendedorismo;
- Promover a integração em estágio;
- Certificar na área das TIC.

**Indicadores:**

- Número de jovens envolvidos em programas de promoção de competências – com o mínimo de 60% de presenças nas sessões realizadas.
- Número de jovens integrados em estágio
- Número de certificados TIC atribuídos
- Número de participantes envolvidos em ações de formação no âmbito das TIC, com o mínimo de 5 presenças
- Nº de jovens que demonstrou a aquisição ou consolidação de 40% das competências trabalhadas
- Nº de jovens envolvidos em atividades que promovam o desenvolvimento de competências de empregabilidade e/ou empreendedorismo

**Instrumentos de Avaliação:**

Registo de presenças; Registo e avaliação das atividades; Mapa de Assiduidade; Certificados atribuídos; Instrumento de avaliação inicial de competências; Instrumento de avaliação final de competências

## Medidas e Ações

Medidas	Ações	Atividades
I - Área estratégica da inclusão escolar e educação não formal	b) Combate ao abandono escolar precoce, através da criação de novas respostas educativas	- Turma PCA
	c) - Promoção do sucesso escolar, dentro ou fora da escola, através do desenvolvimento de competências pessoais, sociais e cognitivas por via da educação formal e não formal	- Saber + - Gabinete Jovem - Crescer + - Acompanhamento Turma CEF - Reuniões com Professores
	d) - Corresponsabilização dos familiares no processo de supervisão parental	- Entrelaços - Gabinete Mediação Família/Escola
II - Área estratégica de formação profissional e empregabilidade	a) - Promoção de atividades que visem favorecer a transição para o mercado de trabalho	- Visitas de aproximação a contextos formativos, empresas... - Rumo@Futuro
	b) - Encaminhamento de jovens para respostas de formação profissional já existentes	- Oficina de Orientação
	c) - Criação de novas respostas de formação profissional para jovens	- Turma CEF
	e) - Promoção da responsabilidade social de empresas e outras entidades, através de estágios e de emprego para jovens	- TVA (Transição para a Vida Ativa)
III - Área estratégica da dinamização comunitária e cidadania	a) - Atividades lúdico-pedagógicas	- VA com Escolhas - Espaço EVA - Workshop's EVA
	b) - Atividades desportivas	- VA a Mexer - Domingos em Movimento
	c) - Atividades artísticas e culturais	- Oficinas Artísticas - ExpressA'rte
	f) - Atividades que visem a sensibilização para a saúde sexual e reprodutiva	- Afetos
IV - Área estratégica da inclusão digital - (CID@Forma)	a) - Atividades ocupacionais de orientação livre	- Oficina de Exploração Livre
	b) - Atividades orientadas para o desenvolvimento de competências	- Oficina Multimédia - Webquest's
	c) - Cursos de iniciação às Tecnologias da Informação e da Comunicação	- Cursos de Iniciação para Famílias - Oficina Digit@l
	d) - Formação certificada em Tecnologias da Informação e da Comunicação	- Formação Certificada para Famílias - Formação Certificada para Jovens
	e) - Atividades de promoção do sucesso escolar e da empregabilidade	- Oficina Virtual de Apoio Escolar - CID@Emprego
V - Área estratégica do empreendedorismo e capacitação dos jovens	c) - Voluntariado e serviço à comunidade	- Vale +
	d) - Visitas, estágios e parcerias com organizações e empreendedores que possibilitem o alargar das experiências dos jovens	- Experimenta!
	e) - Participação no Concurso Anual de Ideias para Jovens, em 2014 e 2015, em condições a definir posteriormente pelo Programa Escolhas	- Atitude +
	f) - Atividades formativas ou outras que promovam o desenvolvimento de competências empreendedoras	- Energia Jovem
	g) - Promoção da mobilidade juvenil e de intercâmbios dentro e fora do território nacional	- InterCaminhos